



AMAR DE OLHOS ABERTOS

Uma história sobre a arte de viver a dois e o verdadeiro significado do amor

Jorge Bucay e Silvia Salinas

SEXTANTE

Título original: Amarse con los ojos abiertos

Copyright (c) 2009 por Jorge Bucay

Copyright da tradução (c) 2010 GMT Feitores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com RBA Libros S.A. e Editorial dei Nuevo Extremo S.A.

tradução Carlos Nougué

preparo de originais Rachel Agavino

revisão

Ana Lúcia Gusmão

Giuliana Alonso

Rebeca Bolite

projeto gráfico e diagramação Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa Silvana Mattievich

impressão e acabamento Yangraf Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B932a Bucay, Jorge, 1949-

Amar de olhos abertos / Jorge Bucay, Silvia Salinas [tradução Carlos Nougué]. - Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

Tradução de: Amarse con los ojos abiertos ISBN 978-85-7542-583-1

1. Psicoterapia conjugal. 2. Amor. I. Salinas, Silvia. II. Título. 10-2792.

CDD: 616.891562 CDU: 615.851-058.833

Todos os direitos reservados, no Brasil, por GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 - Gr. 1.404 - Botafogo

22270-000 - Rio de Janeiro - RJ

Tel: (21) 2538-4100 - Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

A Roberto Francisco Gómez: sem sua ajuda teria sido impossível escrever este livro.

## Prólogo

Escrever sobre terapia de casais é um desafio que poucos têm enfrentado com sucesso. Neste livro, Jorge Bucay e Silvia Salinas mostram que não apenas conhecem bem o tema, mas também que têm experiência e capacidade para efetivamente ajudar os casais em crise - que querem resolver a situação -, mostrando o que podem fazer a partir do momento em que identificam o problema.

Conheço muito bem o trabalho de Silvia Salinas pois tive a oportunidade de supervisionar várias de suas primeiras consultas como terapeuta de casais. Sei que trabalha com seriedade e que costuma obter bons resultados. Com sua ajuda, casais em situações extremamente difíceis conseguiram o que parecia quase impossível.

Com Jorge, trabalhei em seminários e workshops. Valorizo profundamente as contribuições que seus livros anteriores representaram para a difusão da Gestalt.

Favorecer uma verdadeira união entre duas pessoas que inicialmente se encontraram e se apaixonaram, e que começam a se afastar porque não são capazes de suportar, e muito menos de superar, suas próprias limitações requer algo mais do que uma técnica: é uma verdadeira arte de escutar o aqui e o agora. A maneira que Jorge e Silvia encontraram para abordar esse tema tão complexo é simplesmente genial. O contraponto entre a vida de Roberto e os e-mails de Laura, que constitui a trama básica do romance, permite que os autores expressem, de modo extremamente original e fácil de captar, aspectos essenciais de sua proposta para casais.

O computador, às vezes como um personagem que acrescenta suspense e tensão, outras como um recurso que se expande, modificando o desenrolar da trama, é um verdadeiro achado. A cada passo, o entretenimento oferecido pelo livro soma-se à reflexão, e os temas - o contato, a paixão, os acordos, as brigas, a sexualidade, a identidade, os mal-entendidos - tecem uma trama surpreendente na qual a ficção, tão parecida com a realidade, põe a teoria em cena com eficiência.

Um dos aspectos essenciais para começar a ver o outro, tão afastado de nosso ideal e de sua imagem inicial, é nossa própria incapacidade de aceitar em nós mesmos algo daquele que criticamos. No curto tempo que dura a paixão, não conseguimos aceitar nem reconhecer esse aspecto em nós mesmos. Refiro-me ao aspecto ou à característica que negamos, ainda que em menor escala, e que nos tem permitido extrapolar em sentido oposto.

Nós construímos o "eu idealizado" - de acordo com Perls, Horney, etc. - especialmente negando nossos aspectos indesejáveis ou não os deixando surgir. A energia que utilizamos para manter uma "imagem idealizada de nós mesmos", livre desses "defeitos" que o outro exhibe abertamente, é muito grande. Esta é a maravilha da paixão: por um tempo paramos de lutar contra nós mesmos. Tudo aquilo que rejeitávamos e não queríamos admitir está em um contexto diferente, e não só é aceitável como também desejável. Muitas vezes até o admiramos e, a partir daí, poderíamos começar o processo de deixar crescer tal aspecto em nós. Quando o caminho é bloqueado, a admiração se transforma em inveja, e esse é um tema básico a ser explorado na terapia de casal.

Este livro não deixa de fora nada do que é essencial ao assunto que nos interessa. Tudo foi ao menos mencionado, com o intuito de levar a uma reflexão maior.

Tenho consciência de que minha própria abordagem da terapia de casais não poderia ter sido mais bem assimilada, transmitida, completada e corrigida do que foi neste livro. E isso faz com que eu tenha uma dívida com os autores, porque se trata de um tema

muito caro para mim. Eu não me dei o trabalho de editar e publicar velhas anotações sobre a experiência em terapias de casais que foram absolutamente reveladoras para todos os envolvidos, tanto pacientes quanto terapeutas, que se esforçavam para encontrar um modo de pôr em evidência o óbvio e descobrir o dinamismo de um processo tão central em nossas vidas.

O melhor deste livro é que ele abre possibilidades de dialogar sobre o tema. Nada é dito de modo transcendental e erudito: tudo que é exposto pode ser repensado e questionado.

O espelho, como é mostrado tão bem aqui, nos devolve uma imagem de nós mesmos que é verdadeira e digna de ser amada. Verdadeira, não perfeita. É no amor que transcendemos nosso ego. Quando as críticas e as desqualificações começam e passamos a cultivar o desamor, a imagem refletida nos mostra o que há de pior em nós: justamente aquilo contra o que lutamos e que nos faz odiar o espelho e a nós mesmos. O verdadeiro ser que um dia fomos parece uma fantasia ou um delírio, mas nunca estivemos mais perto da verdade do que naquele momento. Talvez isso faça perdurar o que produzimos nesse tempo: filhos, obras, empresas.

É verdade que tudo isso acontece quando se transcende a paixão e se chega ao amor... Como diz Laura neste livro: "O amor se constrói entre duas pessoas e basta que um mude de ideia para que se destrua o que foi construído."

A presente obra tem o grande mérito de incluir todas as posturas, dúvidas e críticas. Meu único medo é que seja lida excessivamente rápido, com o poder que tem de fisgar os leitores desde o primeiro capítulo - até mesmo aqueles que, como eu, não navegam na internet e só usam o computador para escrever.

Certa vez me disseram que existia um software para depressão. Isso me fez pensar que, baseando-se neste livro, alguém poderia criar um software para crises de casal.

Mas o que jamais poderão reproduzir é o efeito duradouro e mágico da escuta atenciosa e sem preconceitos de terapeutas que acreditam nos casais, que sabem que em uma relação madura, estabelecida por opção de ambas as partes, há uma possibilidade infinita de crescimento.

Jorge Bucay e Silvia Salinas sabem disso e tiveram criatividade e capacidade incríveis para mostrá-lo de modo tão agradável e acessível a todos.

Por fim, o desfecho da história é como o de todo bom romance: surpreendente e original.

Adriana Schnake Silva (Nana) Anchilanen (Chiloé), fevereiro de 2000

Parte um

rofrago

## Capítulo i

Como de costume, Roberto ligou o computador e se serviu um café. Detestava a tirânica decisão de seu PC, dos analistas de sistemas ou da realidade de fazê-lo esperar sem que tivesse sequer o direito de reclamar.

Quando ouviu o som do programa sendo iniciado, se aproximou, posicionou o cursor sobre o ícone que mostrava o pequeno telefone amarelo e clicou duas vezes com o botão esquerdo do mouse. Em seguida voltou à cozinha, desta vez com a desculpa de dar uma olhada na geladeira para confirmar que não havia nada tentador, embora na verdade quisesse evitar que sua máquina o visse ansioso e impotente esperando que a conexão com a internet fosse completada.

Roberto mantinha com seu computador essa relação de amor e ódio compartilhada por todos os internautas. Como todos, ele sobrevivia com maior ou menor dificuldade - dependendo do dia - a essa relação ambivalente que se tem com aqueles que amamos quando nos damos conta de que dependemos de seus desejos, de sua boa vontade ou de algum de seus caprichos.

Porém, hoje o PC estava em um de seus bons dias. Havia carregado os programas rapidamente e sem ruídos estranhos e, o que era melhor, nenhuma advertência rotineira havia aparecido na tela:

Não foi possível encontrar o arquivo dxe.frtyg.dll Deseja localizá-lo manualmente?

Sim Não

12

A unidade C não existe.

Repetir Anular Cancelar

Este programa executou uma operação ilegal e será fechado. OK

Erro irreparável no arquivo Ex\_oct. Put Repetir Ignorar

Nada disso. Hoje era um dia maravilhoso. Entrou em seu provedor de e-mails e digitou automaticamente sua senha. A tela piscou e a janela de boas-vindas do programa se abriu.

"Olá, rofrago. Você tem (6) novas mensagens."

Rofrago era o nome de usuário com o qual conseguira se registrar no e-mail gratuito de seu servidor. Gostaria que fosse simplesmente roberto@..., mas não, outro Roberto havia se registrado antes. Também havia um Rober, um Bob, um Francisco, Frank e Francis. Então combinou as primeiras sílabas de seu nome (Roberto Francisco Gómez) e registrou-se como rofrago@yahoo.com.

Tomou um gole de café e clicou na caixa de entrada. O primeiro e-mail era de seu amigo Emilio, de Los Angeles.

Muito contente, leu a mensagem e em seguida a guardou na pasta "Correspondência".

O segundo era de um cliente que finalmente encomendava um estudo de marketing para uma nova revista de cinema e teatro. Gostou da ideia e salvou a mensagem na pasta "Trabalho".

Os dois e-mails seguintes eram spam. Não se sabe quem queria vender sabe-se lá o que a qualquer idiota que quisesse comprar...

Essas invasões não autorizadas de seu espaço particular o irritavam muito! Odiava esses e-mails quase tanto quanto odiava as chamadas não identificadas em seu celular:

"Você foi contemplado em

13

um sorteio e ganhou duas passagens para a Cochinchina. Vá até um de nossos escritórios, preencha seus dados, assine os formulários e, com sua autorização, entregaremos em sua casa, sem nenhum custo, um maravilhoso kit de..."

Excluiu rapidamente essas duas mensagens e se deteve na seguinte. Era de seu amigo Ioschua.

Leu com atenção cada frase e imaginou cada expressão do rosto de Iosh enquanto escrevia. Fazia tanto tempo que não se viam... Pensou que devia lhe mandar uma longa mensagem, mas aquele não era o momento. Deixou o e-mail na caixa de entrada para se lembrar de respondê-lo depois.

A última mensagem chamou sua atenção. Era de um remetente desconhecido: carlospol@spacenet.com. O assunto era "Aqui vai". O endereço de e-mail de Roberto constava de seu cartão de visita, por isso pensou que se tratasse de outra proposta de trabalho. "Maravilha", disse a si mesmo.

Abriu a mensagem. Era para um tal de Fredy alguém perguntava como ele estava e depois começava a falar de uma teoria sobre casais que Roberto não entendeu. Assinava Laura.

Roberto não se lembrava de nenhuma Laura nem de nenhum Carlos que pudessem lhe escrever e o assunto da mensagem não fazia sentido para ele, então logo deduziu que era um engano e apagou a mensagem do computador e da mente. Desligou o PC e saiu para trabalhar.

Na semana seguinte recebeu um outro e-mail de carlospol@spacenet.com. Roberto levou menos de cinco segundos para clicar sobre o botão "Excluir".

Aqueles episódios teriam sido absolutamente insignificantes na vida de Roberto, mas, três dias depois, outro "Aqui vai" de Carlos trazia a seu computador uma nova mensagem de Laura. Um pouco irritado, excluiu a mensagem sem nem ao menos lê-la.

14

A quarta mensagem de Laura chegou na quarta semana. Roberto decidiu abri-la para descobrir onde estava o erro. Não queria continuar sentindo aquela pequena satisfação e excitação que tinha sempre que recebia uma mensagem para depois ficar frustrado ao perceber que não era o verdadeiro destinatário. A mensagem dizia:

Querido Freddy,

O que você achou do que lhe escrevi? Poderíamos conversar e mudar as coisas com as quais você não concorda. Já falou com Miguel? Estou tão empolgada com a ideia do livro que não consigo parar de escrever. Aqui vai outra parte.

E seguia-se um grande texto sobre as relações de casais. Roberto dispunha de algum tempo, então o leu rapidamente.

Quando as pessoas enfrentam dificuldades em suas relações, tendem a culpar o parceiro. Vêem claramente o que o outro precisa mudar para que a relação dê certo, mas é muito difícil enxergarem aquilo que elas próprias fazem e que também causa problemas. É muito comum que eu pergunte em uma sessão de casal:

- O que está acontecendo? E que a pessoa responda:

- Acontece que ele não entende...

Eu insisto:

- O que está acontecendo com você?

E ela volta a dizer:

- O fato é que ele é muito agressivo! Então insisto até vencê-la pelo cansaço:

- Mas o que você está sentindo? O que está acontecendo com você?

É muito difícil fazer a pessoa falar sobre o que está acontecendo com ela, sobre aquilo de que está precisando ou o que está sentindo. Todos sempre querem falar do outro.

15

Enfrentar os conflitos de uma relação concentrando-se em refletir sobre "o que está acontecendo comigo" é muito diferente de enfrentá-los de má vontade, pensando que o problema é que "estou com a pessoa errada".

Muitos casais acabam se separando por acreditarem que com outra pessoa seria diferente e, claro, depois se vêem em situações semelhantes, nas quais a única coisa que muda é o interlocutor.

Por isso, diante de problemas conjugais, o primeiro passo é ter consciência de que as dificuldades fazem parte do caminho do amor. Não é possível imaginar um relacionamento íntimo sem conflitos.

A saída seria deixar de lado a fantasia do casal ideal, sem problemas, eternamente apaixonado.

É surpreendente ver como as pessoas buscam esse relacionamento dos sonhos.

"...e, quando o senhor X se dá conta de que seu par não corresponde a esse modelo ideal e romântico, insiste em dizer a si mesmo que outras pessoas de fato têm essa relação perfeita que está buscando, que não teve sorte... que se casou com a pessoa errada..."

Não!

Não é isso.

Ele não se casou com a pessoa errada.

O único erro é sua ideia pré-formada sobre o casamento, a ideia do casal perfeito. De certo modo, me tranquiliza saber que isso que não tenho ninguém tem! Que o casal ideal é uma ficção e que a realidade é muito diferente.

A ideia de que a grama do vizinho é mais verde ou de que o outro tem aquilo que eu não consigo causa muito sofrimento.

Talvez aprender essas verdades possa libertar algumas pessoas desses sentimentos nocivos. A realidade melhora consideravelmente quando decido desfrutar o possível em vez de sofrer por uma expectativa ou sonho que não se realizam.

16

A proposta é: façamos com a vida possível... o melhor possível. Sofrer porque as coisas não são como imaginamos, além de inútil, é infantil.

"Esses psicólogos nunca vão aprender a usar um computador", pensou Roberto, lembrando-se das perguntas técnicas que sua amiga Adriana, também psicóloga, frequentemente lhe fazia.

Conferiu cuidadosamente o endereço do destinatário: rofrago yahoo.com.

R-O-F-R-A-G-O. Não havia dúvida! A mensagem fora enviada para seu e-mail.

Permaneceu imóvel por alguns minutos, olhando para a tela. Queria encontrar uma resposta mais satisfatória para o mistério dos e-mails, pois a falta de habilidade de Laura não lhe parecia explicação suficiente.

Concluiu então que o endereço de e-mail do tal Fredy devia ser parecido com o seu. Os e-mails gratuitos são criados automaticamente, portanto bastavam pequenas diferenças para que o servidor aceitasse novas contas. Com certeza Fredy (assim como o próprio Roberto) não havia conseguido se registrar com seu nome, de modo que usou o sobrenome, o nome do cachorro ou sabe-se lá o quê. Então seu endereço eletrônico devia ser rodrigo, rodrago ou rojraga... E Laura teria anotado o e-mail errado. Alguém não estava recebendo um material e uma psicóloga estava enviando mensagens que nunca chegariam ao destino.

Muito bem. Tudo esclarecido. E agora?

Resolveria o problema em algum tempo livre no fim de semana: avisaria Laura sobre o erro e ela encontraria o verdadeiro e-mail de Fredy Rofraga (havia decidido que esse era o sobrenome dele).

Roberto desligou o computador e foi para o escritório.

As poucas linhas da tal Laura ficaram em sua cabeça o dia todo e, lá pelo final da tarde, quando sua namorada lhe telefonou, começaram  
17  
mais uma vez uma daquelas discussões sem fim que costumavam ter.

Cristina reclamava porque ele nunca tinha tempo para sair. Quando não estava trabalhando, estava descansando por ter trabalhado e, quando não fazia nem uma coisa nem outra, estava sentado diante do computador, "conectado" literal e metaforicamente com a realidade virtual,

Roberto também se queixava. Cristina era muito exigente. Ela precisava entender que a internet era seu único momento de lazer e que ele tinha o direito de aproveitar um pouco seu tempo livre.

-Ah, claro! Estar comigo não é aproveitar... - disse Cristina.

Bem... Às vezes não... - respondeu Roberto, o que (pensou depois) foi um excesso de sinceridade.

- Por exemplo?

- Por exemplo, quando você me sufoca com suas queixas e reclamações.

Cristina desligou na cara dele. Ainda com o fone na mão, Roberto se lembrou de sua última discussão com Carolina, a namorada anterior, e uma frase que havia lido naquela manhã no e-mail de Laura lhe voltou à mente:

"...depois se vêem em situações semelhantes, nas quais a única coisa que muda é o interlocutor."

E lembrou também:

"Todos querem sempre falar do outro."

Era verdade. Era exatamente isso que Cristina e ele faziam a cada discussão. E também foi isso que acabou com seu relacionamento com Carolina. De fato, havia se separado dela porque acreditava que com outra seria diferente. Naquela tarde saiu do escritório um pouco mais cedo. Queria reler o texto sobre casais.

Mal chegou em casa, jogou o blazer na velha poltrona cinza da entrada e ligou o computador. Dessa vez os programas levaram mais tempo do que nunca para abrir, mas ele esperou. Finalmente abriu o gerenciador de e-mails e clicou sobre a mensagem "Aqui vai".

Ali estava.

Selecionou tudo, copiou e colou no editor de texto. Salvou o arquivo como "aquivai.doc" e procurou as frases de que se lembrava. Destacou-as com o marcador amarelo e grifou outras também.

"Deixar de lado a fantasia do casal ideal."

"Isso que não tenho ninguém tem."

"Façamos com a vida possível... o melhor possível."

"As dificuldades fazem parte do caminho do amor."

Uma estranha mistura de sensações o invadia: surpresa, agitação, pudor, confusão. Algumas vezes já tivera aquela estranha impressão de que a vida, de uma maneira misteriosa, lhe trazia exatamente aquilo de que precisava. Lembrou-se do dia em que conheceu Cristina, mais de um ano antes. Ele estava muito triste e um pouco desesperado. Junto com o sofrimento pela perda de Carolina, havia aparecido a ponta do iceberg de sua depressão, e por três semanas não sentiu a menor vontade de sair de casa. Confinado, deixava o telefone tocar até que a secretária eletrônica atendesse as ligações. As mensagens se acumulavam e de vez em quando as apagava sem nem sequer ouvi-las.

Naquela tarde, cansado de se aborrecer, havia decidido mudar a gravação de sua secretária eletrônica por outra que dissesse: "Estou viajando. Não deixe mensagens, ninguém as ouvirá." Achava heróico e correto ser sincero com seus amigos e não alimentar expectativas de resposta. Mas, quando ia gravar a mensagem, uma voz pareceu na secretária.

19

- Olá, meu nome é Cristina. Você não me conhece. Quem me deu seu telefone foi o Felipe. Vou ser bem sincera: tenho uma festa incrível no sábado e seria terrível ir sozinha ou, melhor dizendo, "solta". Felipe me disse que você é um cara legal, divertido e inteligente, exatamente o que o médico me receitou. Se as informações

estiverem corretas e quiser passar um tempinho em boa companhia, numa festa maravilhosa, ligue para 6312-4376 antes de sexta. Se Felipe mentiu e você não for como ele disse, me desculpe, número errado.

Por que a mensagem foi reproduzida se ele não apertou nenhuma tecla?

Mistério.

Por que Felipe, que mal o conhecia, tinha dito aquelas bobagens sobre ele?

Mistério.

Quem aquela mulher achava que era para desafiá-lo?

Mistério.

Ele ligou...

E agora lá estava outra vez aquela combinação inexplicável. Uma psicóloga que ele não conhecia, de alguma parte do mundo, enviava a alguém, em outra parte do mundo, um texto sobre relacionamentos. A mensagem chegava a ele sem nenhuma razão e era exatamente aquilo que precisava escutar.

Magia.

Sempre havia pensado que aquelas coincidências tornavam os supersticiosos crentes, e os esotéricos, fanáticos. Independentemente da existência de um ou de 100 mil deuses, aquelas pessoas usavam sua fé no Todo-poderoso apenas para explicar (talvez de um modo fantástico) o que a lógica não podia resolver, buscando proteção na ideia da divindade, certos de que seu destino individual não está simplesmente ligado à sorte nem a alguns erros ou acertos

20

humanos. Roberto pensava que até ele ficaria tranquilo se pudesse acreditar que alguém ou alguma coisa se encarregava de seu futuro, ou se pudesse se convencer de que o destino, em toda a sua imensidão, já está escrito. Infelizmente não era o caso. Ele não podia fazer outra coisa além de aceitar a existência da sorte, do acaso, do inexplicável.

Coincidências... Destino... Energias cruzadas... Buscava na mente a palavra que o ajudaria a definir o que estava sentindo. Aprendera com a terapia que é impossível ter domínio da própria existência se não se pode dar nome às coisas.

Deitou-se pensando na palavra que lhe faltava. E, ensaiando frases e combinações de sílabas, adormeceu.

De madrugada, acordou assustado. Provavelmente tivera um pesadelo, porque a cama estava revirada e os lençóis, embolados, tinham sido atirados para o outro lado do quarto.

Ficou na cama sem se mover e voltou a fechar os olhos para resgatar as imagens do sonho. Lembrava-se apenas de algumas, muito confusas: palavras e mais palavras apareciam nos monitores de centenas de computadores, reproduziam-se vertiginosamente e cresciam nas telas até enchê-las completamente... Depois transbordavam e invadiam toda a realidade tangível...

"Um mundo cheio de palavras", pensou. "Muitas palavras." Engoliu em seco e se levantou. Durante o banho, decidiu que não iria para o escritório. De fato, tinha muito o que organizar e poderia fazer isso de casa.

Trabalhou um pouco em seus papéis até que começou a sentir nos ombros o peso do tédio, aquele fantasma constante em sua vida.

Pegou o telefone e ligou para Cristina. Com um pouco de sorte, a encontraria antes que ela saísse de casa.

- Alô - atendeu Cristina, com um tom indiferente.

- Oi - disse Roberto, tentando apaziguar a situação.

21

- Oi - repetiu Cristina, contrariada.

Temos que conversar - disse Roberto.

Sobre o quê? - perguntou ela, decidida a se fazer de difícil diante da tentativa de reaproximação.

- Sobre a situação política da Tanzânia - disse ele, irônico.

- Ah! - foi a resposta seca do outro lado da linha.

- Sério, Cris, vamos nos ver hoje à noite. Tenho muita coisa para dizer a você e também quero mostrar um texto que recebi por e-mail.

Um texto sobre o quê?

Casais.

- Como assim, "recebeu"?

Depois eu conto... Às 20h no bar?

Não, venha me buscar em casa - disse Cristina, mostrando definitivamente quem estava no comando.

- Está bem - disse Roberto. - Até logo.

- Até logo.

"Depois eu conto", tinha dito. Contaria a Cristina a verdadeira origem do texto de Laura? Certamente não. Por que não? As mensagens que recebera eram correspondência

pessoal e sua atitude poderia ser vista como uma clara violação de privacidade. Não queria que Cristina soubesse que ele tinha sido capaz de bisbilhotar a vida alheia. Sem dúvida o censuraria, se irritaria com ele e desprezaria toda a utilidade do texto.

"Mas, como diria Laura", pensou Roberto, "antes de pensar em Cristina, o que eu penso disso?"

Tinha o direito de violar a correspondência alheia?

"Na verdade, sou eu mesmo que estou reprovando minha atitude", disse a si mesmo.

Levantou-se da poltrona e ligou o computador. No gerenciador de e-mails, clicou em "Nova mensagem" e escreveu:

22

Laura,

Estou recebendo em meu e-mail as mensagens que você manda para Fredy com os textos que, aparentemente, são parte de um livro sobre casais.

Você deve ter cometido um engano ao digitar o endereço. Atenciosamente,

Roberto Francisco Gómez

Antes que ele enviasse a mensagem, o programa acabou de baixar seus e-mails, emitiu um sinal sonoro e abriu uma janela que dizia:

"Olá, rofrago Você tem (1) nova mensagem."

Sentiu um pequeno arrepio. Clicou na caixa de entrada e viu em negrito o remetente e o assunto do e-mail.

cariospol@spacenet.com: Aqui vai

Seu corpo - especialmente as costas, os ombros e o braço direito - registrou o conflito entre seu desejo e seus princípios. Roberto hesitou. "É particular", repetiu para si mesmo. Mas imediatamente lembrou-se do título da capa da revista de informática: "Internet: o infinito sem privacidade."

E pensou nos hackers, essa legião de jovens que passam grande parte da vida navegando na internet, entrando em todos os bancos de dados que encontram, e para os quais o grande desafio é entrar em qualquer computador protegido, seja da Biblioteca Nacional, da farmácia da esquina ou do Pentágono. Rapazes e moças de todo o mundo dedicando tempo e inteligência a descobrir códigos secretos, senhas e sistemas de codificação de informações para acessar os dados e bisbilhotar, ou até contaminar com vírus, as centrais que invadiram.

23

Era muito mais que uma travessura adolescente.

"A internet é livre e qualquer tentativa de nos deter é uma restrição à nossa liberdade de navegar. Derrubaremos essas barreiras e destruiremos o que estiver por trás delas como protesto por tentarem impor limites à nossa liberdade. Eles, os criptógrafos, se tornam cada vez mais criativos... Nós, também."

"Anarquistas cibernéticos", dissera Roberto a um cliente alguns dias antes.

Embora ele fosse muito mais parecido com um anarquista do que com um hacker, naquele momento se sentiu um deles.

Posicionou o cursor sobre o C de Carlos e clicou duas vezes com o botão esquerdo do mouse.

Então esta é a nova proposta: começar a pensar no parceiro sob outra perspectiva, a perspectiva do possível e não do ideal.

Por isso vamos tentar ver os conflitos não apenas como um caminho para superar minhas barreiras e poder me aproximar do outro, mas também como um caminho para me encontrar com meu companheiro e, claro, a partir do que foi dito, como um caminho para o transformador encontro comigo mesmo.

Fazer parte de um casal ajuda nosso crescimento, nos torna pessoas melhores e permite nos conhecer mais a fundo.

A relação soma.

Por isso vale a pena.

Vale... a PENA (ou seja, vale penar por ela).

Vale o sofrimento que causa.

Vale a dor com que teremos que enfrentar a nós mesmos.

E tudo isso é valioso porque, uma vez superado, já não somos os mesmos: crescemos, ficamos mais conscientes, nos sentimos mais plenos.

24

O relacionamento não nos salva de nada; nem deveria.

Muitas pessoas procuram um companheiro como alternativa para resolver seus problemas. Crêem que um relacionamento íntimo vai livrá-las das angústias, do mau humor, da falta de sentido.

Esperam que o parceiro complete suas lacunas.

Que erro terrível!

Quando escolho um parceiro e tenho essas expectativas, inevitavelmente acabo odiando-o por não oferecer aquilo que eu esperava.

E depois? Depois talvez procure outro, e outro, e outro... Ou talvez opte por passar o resto da vida reclamando da sorte.

A proposta é resolver minha própria vida sem esperar que ninguém faça isso por mim.

A proposta é também não tentar resolver a vida do outro, mas encontrar alguém com quem eu possa criar um projeto, realizá-lo bem, crescer, me divertir, sem esperar que o outro resolva os problemas da minha vida.

Pensar que o amor nos salvará, que resolverá todos os nossos problemas e nos proporcionará um constante estado de felicidade ou de segurança apenas nos mantém presos a fantasias e ilusões e enfraquece o autêntico poder do amor, que é o de nos transformar.

E nada é mais transformador do que estar com o outro quando isso acontece. Nada é mais extraordinário do que sentir a própria transformação ao lado da pessoa amada.

Em vez de buscar refúgio em uma relação, poderíamos aceitar seu poder de despertar as características de nós mesmos que ocultamos e que evitamos encarar: a virtude de nos fazer seguir em frente, mostrando-nos com clareza em que aspectos devemos crescer. Para que nossas relações prosperem, é essencial que as vejamos de outra maneira: como uma série de oportunidades para

25

ampliarmos nossa consciência, descobrirmos uma verdade mais profunda e sermos humanos em um sentido mais pleno.

E quando me transformo em um ser pleno, que não precisa do outro para sobreviver, sem dúvida encontro uma pessoa igualmente completa com quem compartilhar o que tenho e o que ela tem.

Esse é, de fato, o sentido do casal: não a salvação, mas o encontro. Ou, melhor dizendo, os encontros.

Eu com você.

Você comigo.

Eu consigo.

Você consigo mesmo.

Nós com o mundo.

Mais uma vez Roberto sentiu a surpresa invadi-lo. Ideias e imagens de sua vida presente e passada se chocavam em sua mente. A cabeça latejava. Parecia que Laura escrevia para ele.

"Um caminho para o transformador encontro consigo mesmo."

"A relação soma."

"Vale... a PENA."

"O sentido do casal: não a salvação mas o encontro."

Laura dizia exatamente o que ele precisava ouvir, como se realmente o conhecesse. De fato, a mensagem parecia escrita por sua terapeuta de anos atrás para despertá-lo da eterna apatia de sua ignorância sobre o significado de estar numa relação.

Talvez Laura nem fosse psicóloga. Talvez nem sequer se chamasse Laura. Talvez nem soubesse do que estava falando e apenas transcrevesse os parágrafos de algum livro famoso ou de uma revista barata. Pouco importava. O fato é que a clareza do texto e a forma como era pertinente àquele momento da vida de Roberto o comoveram.

Pensava no encontro daquela noite com Cristina. Como colocar tudo aquilo em palavras? Alguma coisa dentro dele havia mudado.

26

Tinha certeza disso.

Mas como a mensagem de um desconhecido poderia ser tão reveladora? Ele mesmo não tinha resposta para essa pergunta. Contudo, pressentia que algo misterioso e fundamental estava acontecendo.

E imediatamente percebeu.

Sincronia!

Essa era a palavra que estivera buscando tanto acordado quanto em sonhos. Era isso que havia conseguido comovê-lo: a sincronização dos fatos.

Lembrava-se agora claramente de ter lido sobre essa ideia dos junguianos, a ideia de que na vida as coisas confluem em sincronia para trazer a mensagem necessária, o aprendizado essencial, os recursos indispensáveis.

E se lembrou também daquela frase mítica:

"Quando o aluno está pronto o mestre aparece."

O mestre aparecera. Suas mensagens chegavam pela internet, e Roberto não podia renunciar à sua palavra. Ou melhor: não queria.

Decididamente, não enviaria aquela mensagem a Laura.

"Sincronia", disse a si mesmo enquanto copiava o e-mail em seu editor de texto, no fim do arquivo anterior, e mandava imprimir tudo.

Enquanto olhava a folha de papel que saía da impressora, foi tomado por uma emoção diferente. Fechando a mão em punho, deu dois ou três golpes leves na mesa ao se lembrar das mensagens anteriores, que havia apagado sem ler.

Abriu rapidamente a lixeira procurando os e-mails, mas não encontrou nada...

"Sincronia", repetiu, talvez para se consolar.

27

Capítulo 2

Estacionou diante do prédio onde Cristina morava. Estava alegre, o que não era comum. Sentia que havia chegado até ali sem história.

Planejava um novo encontro, uma nova proposta: um relacionamento estruturado em prol do crescimento mútuo.

Parecia maravilhoso.

Olhou-se no retrovisor e ensaiou seu melhor sorriso. Em seguida saltou do carro e, ao se aproximar do interfone, apertou o botão 4A.

- Alô? - atendeu Cristina.

- Sou eu - disse Roberto.

Já desço - disse ela.

Roberto encostou no portão e ficou olhando para a rua. Os carros passavam. Alguns aceleravam, ultrapassando os que, ao contrário, se moviam a passo de tartaruga.

Uns e outros paravam no sinal da esquina.

Presumiu que assim era sua vida: muitas coisas passando desfocadas, algumas incrivelmente rápidas, outras lentas demais, porém todas passando e passando sem parar.

"Que bobagem seria qualquer coisa ficar parada no meio do caminho, atrapalhando o andamento das outras", pensou. "Mas devo admitir que às vezes minha vida parece muito um grande congestionamento..."

Cristina estava demorando muito.

"Ela faz isso de propósito", pensou. "Está se fazendo de difícil."

Começou a ficar irritado.

"Filha da mãe, eu venho cheio de boas intenções e ela..."

28

Ele se conteve.

"O que está acontecendo comigo?", lembrou. "Por que fico tão irritado por ter que esperar por ela? Por que esperar me irrita tanto? Também fico chateado se tenho que esperar por um cliente que não liga, pela resposta a uma mensagem, para que me atendam no bar, e até para que o computador ligue... Ter que esperar me irrita."

E continuou: "O que há comigo para que não consiga esperar sem ficar irritado?"

A sensação de estar perdendo tempo sempre o incomodara.

Lembrou-se da personagem do livro O Pequeno Príncipe que vendia pílulas para que não se precisasse perder tempo bebendo água. Com uma única pílula, seria possível economizar até 53 minutos por semana, anunciava o vendedor. E o Pequeno Príncipe havia pensado: "Eu, se tivesse 53 minutos para gastar, iria caminhando passo a passo, mãos no bolso, na direção de uma fonte..."

- Perdendo tempo... - resmungou. - Como alguém pode perder algo que não se tem? Como conservar o que não é possível reter? Se pudesse escolher... O que faria se dispusesse de mais 53 minutos?

Sorriu.

"Seria um ótimo investimento usá-los para esperar o encontro com a pessoa amada", pensou.

Agora o intervalo entre um carro e outro era maior. Viu um cinza, um azul e um branco, uma caminhonete marrom, uma moto, um enorme carro preto e então, por alguns instantes, nada.

De repente, não havia nenhum carro na rua.

De repente, não havia nenhum pensamento em sua mente.

Sentiu-se sereno e seu sorriso se estendeu a cada músculo do rosto.

Cristina ainda demorou alguns minutos: quinze... Vinte... Quem sabe?

Roberto não percebia o tempo passar. Todo o seu universo era formado por ele, pela rua e pela descoberta do vazio.

29

A voz de Cristina o interrompeu.

- Cheguei.

Oi - respondeu Roberto, tentando voltar ao mundo real.

Como você sempre chega atrasado, comecei a fazer outras coisas. Mas então você chegou cedo e eu ainda não estava pronta - justificou-se ela.

Roberto já sabia como aquela conversa continuaria.

- Eu não cheguei cedo - diria ele. - Cheguei na hora.

- Para você, querido, chegar na hora é chegar cedo - responderia ela.

- Além de me fazer esperar mais de meia hora, ainda quer colocar a culpa em mim - argumentaria Roberto.

Cristina, incomodada por não ter uma boa desculpa, certamente iria contra-atacar.

- Olha, Roberto - sempre o chamava pelo nome quando estava chateada -, considerando todas as vezes que eu tive que esperar, acho que você pode muito bem me esperar uma vez, e sem reclamar.

E tudo teria prosseguido como de costume.

- Eu não disse nada. Foi você quem começou tentando justificar seu atraso dizendo que eu sempre chego tarde.

- Claro que não. Foi você que começou me recebendo com esse "oi" de merda.

E esse seria o início do fim. Cristina continuaria:

- Se foi para isso que me chamou para sair, seria melhor que tivesse ficado em casa.

E Roberto acabaria com a discussão.

- Você tem razão. Tchau!

Ela subiria murmurando alguns palavrões e ele deixaria o carro estacionado ali para andar vários quarteirões até seu humor melhorar ou até se atrever - diria a si mesmo - a dar um fim àquela relação, culpando Cristina por sua infelicidade e sabendo que ela, por sua vez, jogaria toda a responsabilidade em cima dele.

30

Mas não desta vez. Desta vez era diferente. Estava disposto a explorar até o final tudo o que havia aprendido.

"Ela está se defendendo, se justificando. Está sendo agressiva para se proteger do meu aborrecimento", pensou. "Mas e eu? Estou aborrecido? Não, de jeito nenhum", respondeu a si mesmo.

Talvez seu "oi" tivesse soado como uma reprovação, ou, na melhor das hipóteses, Cristina já tinha descido esperando a reprovação e interpretaria assim qualquer coisa que ele dissesse. Em todo caso, valia a pena esclarecer as coisas.

- Fique tranquila, Cristina - disse ele. - Está tudo bem.

Não seja sarcástico - acusou ela.

Não estou sendo sarcástico - acrescentou Roberto. - A verdade é que estive pensando em algumas coisas e nem percebi que você estava demorando.

- Odeio quando você adota esse ar de superioridade - insistiu Cristina, ainda querendo brigar. - Além do mais, não acredito em uma só palavra do que você está dizendo.

Como é possível eu me atrasar 45 minutos e você nem notar?

"Espantoso", pensou Roberto. E sorriu outra vez ao se lembrar da sensação da rua vazia dentro dele.

- É uma pena que não acredite em mim, Cristina - começou a explicar -, mas a verdade é que não estou chateado. Em todo caso, se tenho que dizer como me sinto em relação a você e seu atraso, a palavra é agradecido.

- Agradecido? - perguntou Cristina. - Agradecido?

- Sim, agradecido.

Roberto se aproximou e deu um beijo no rosto da namorada. Em seguida, olhou-a demoradamente enquanto a segurava suavemente pelos braços.

- Valeu a pena esperar - disse Roberto. - Você está linda.

Eles se abraçaram com carinho. Depois Roberto passou um braço sobre os ombros dela e a levou até o carro.

31

Ficaram acordados até as cinco da manhã. A conversa com Cristina foi muito interessante e esclarecedora. Leram juntos os dois e-mails de Laura sem se deter nas previsivelmente longas explicações sobre a origem dos textos.

Cristina mostrou-se cética com relação ao conteúdo. Concordava com muitas coisas, mas discordava de outras.

Falaram muito sobre os pontos dos quais ela discordava. Roberto percebeu que estava demonstrando mais respeito pelos posicionamentos dela. Para Cristina, o discurso soava como um consolo para os tolos.

- Essa coisa de me consolar porque ninguém tem o que eu não tenho me parece estúpido... - disse ela. - Além do mais, pensar apenas em si mesmo me parece muito psicologismo.

E se o outro realmente está errado? E se o outro de fato está agindo mal, de maneira inadequada, prejudicial ou agressiva?

Ela também sustentava que a proposta partia de uma ideia conformista. Repetiu duas ou três vezes a frase "façamos o possível" acentuando sua crítica em "o possível".

Quem sabe o que é "o possível"? Por que eu deveria deixar de procurar a pessoa ideal para viver com ela uma relação maravilhosa?

- concluiu.

Alguns de seus comentários fizeram com que Roberto percebesse suas próprias contradições.

Sempre havia criticado aqueles que se conformavam sem lutar e, de alguma maneira, quando reproduzida por Cristina, aquela teoria parecia "resignar-se à mediocridade".

"Ela tem razão", pensou Roberto. E diferentemente de outras ocasiões, lhe disse isso.

- Você tem razão, não havia pensado por esse lado.

Essa frase foi a chave que abriu uma porta dentro de Cristina. A partir de então, a conversa se tornou mais suave e esclarecedora.

Concordaram que nem o amor nem o companheiro devem ser sacrificados para salvar o outro. E então combinaram que cada um

32

deles passaria a se dedicar ao máximo a perceber o que estava acontecendo consigo mesmo a cada momento.

- É verdade - disse Cristina. - Por exemplo, hoje à noite, quando descii, achei que você estaria chateado. E, em vez de ver o que se passava comigo, agi como se você estivesse mesmo reprovando o meu atraso. Agora percebo que era eu quem estava chateada.

- Bem - disse Roberto -, isso já passou.

- Valeu a pena - disse Cristina.

Valeu a PENA - reforçou Roberto.

Naquela noite fizeram amor como nunca. E, embora Roberto sentisse que nunca estivera tão em contato com seu próprio prazer, com suas próprias sensações e concentrado em seu próprio orgasmo, lhe pareceu que, para Cristina, o sexo também tinha sido melhor do que em outras vezes.

Teve a confirmação disso quando apagou a luz e viu a maneira como Cristina se acomodava na cama. Olhando-o com um sorriso no rosto, ela disse a frase que, no código do casal, era sinal de máxima aprovação.

- Muito bem, Gómez... Muito bem.

Roberto devolveu o sorriso e piscou para ela. Ela o olhou uma vez mais e se virou. Apagou a luz, aconchegou-se junto ao corpo dele e fechou os olhos.

Alguns segundos depois sussurrava, meio adormecida, como se falando para si mesma.

- ...Muito bem.

Por volta das 14 horas, ao acordar, Roberto tateou a cama procurando por Cristina, mas não a encontrou.

Embora ela tivesse lhe avisado que ao meio-dia iria a um churrasco na casa de Adriana, Roberto fora dormir certo de que, como fizera tantas outras vezes, ela deixaria a amiga esperando para ficar com ele.

Levantou-se bufando e, de mau humor, requentou o café que

33

tinha sobrado da noite anterior. Remexendo a bebida escura, afogou no redemoinho que se formava na xícara sua sensação de ter conquistado o paraíso.

Ela fora embora. Preferira aquele churrasco estúpido a um maravilhoso reencontro.

- Merda! - praguejou.

Tomou o café sem sequer sentir seu sabor. O que Laura diria de tudo isso?

Ligou o computador, procurou entre as mensagens recebidas e... lá estava.

Então, para que estar acompanhado?

Usamos nossos olhos para nos ver e nos reconhecer.

Podemos ver nossas mãos, nossos pés e nosso umbigo... No entanto, há partes de nós que nunca podemos ver diretamente, como nosso rosto, por exemplo, tão importante e particular, que nos custa acreditar que nunca poderemos vê-lo com nossos próprios olhos...

Para conhecermos visualmente essas partes vetadas ao nosso olhar precisamos de um espelho.

Do mesmo modo, em nossa personalidade, em nossa maneira de ser no mundo, há aspectos ocultos à nossa percepção. Para vê-los, também precisamos de um espelho... e esse espelho é o outro. O olhar do outro mostra o que meus olhos não podem ver.

Assim como na realidade física, a precisão da imagem refletida depende da qualidade do espelho e da distância da qual me olhe. Quanto mais preciso for o espelho, mais detalhada e fiel será a imagem. Quanto mais próximo eu estiver, mais clara será minha percepção de mim mesmo.

O melhor, o mais preciso e mais cruel dos espelhos é a relação a dois: é o único vínculo que nos permite ver de perto nossas piores e melhores características.

34

Os casais que nos procuram perdem muito tempo tentando convencer o parceiro de que ele faz tudo errado. A ideia é que entrem em acordo em vez de julgar ou tentar mudar um ao outro.

Quando aponto constantemente seus erros e vivo para lhe mostrar como agir e para ensiná-lo a fazer as coisas, talvez faça você se sentir um idiota, o motive a ir embora ou, pior ainda, consiga que você fique só para me irritar.

Quero que você me ouça com atenção, com toda a atenção que se dispensa ao interesse, ao desejo, ao amor.

Se quero ser ouvido de verdade, então devo aprender a falar de mim, do que preciso e do que sinto em relação às suas atitudes. Esta única mudança provavelmente tornará muito mais fácil para você me ouvir.

Grande parte do trabalho da terapia de casal consiste em ajudar cada um a estar sempre conectado com o que está acontecendo consigo mesmo e evitar que se dedique a falar do outro. Quero dizer, utilizar os conflitos para ver o que se passa comigo e falar sobre isso. A ideia dessa terapia é ajudar duas pessoas que foram se fechando a voltar a se abrir. Geralmente, elas chegam cheias de ressentimentos, de coisas nunca expressadas, e a tarefa do terapeuta é ajudá-las a se soltar, a manifestar aquilo que têm medo de dizer, a mostrar sua dor.

Como ajudar duas pessoas a se abrir novamente, a se mostrar e a confiar? Basicamente criando um clima de abertura no consul tório, para que possam expor suas necessidades.

Um dos objetivos da terapia é que se produza um encontro. É verdade que não pode ser forçado: ele acontece ou não. No entanto, determinadas atitudes podem ajudar. O que os terapeutas fazem é observar como o casal age para evitar esse encontro, de modo a mostrar isso a eles.

A maneira de não impedir o encontro é estar presente, em contato com o que está acontecendo comigo mesmo. Isso também

35

vale com relação a meu companheiro: ver do que ele precisa, qual é sua dor.

Mais uma vez, percebo que os conflitos são uma oportunidade para me descobrir, me conhecer, estar em contato com o que se passa comigo e aprender com isso.

Os casais nos procuram porque estão fazendo exatamente o contrário.

Cada vez que há um conflito, cada um começa a interpretar o outro, a lhe dizer o que fazer, a responsabilizá-lo pelos problemas.

Na maioria das vezes esse esforço para atribuir culpa ao outro não serve para nada, e no restante das vezes... põe tudo a perder.

Nossa proposta não é novidade, mas é fundamental:

Assumir a responsabilidade pela própria vida.

Na prática, isso significa que aquele que traz a queixa deve ser capaz de responder à pergunta: "Como estou ajudando a criar essa situação?" Isso não significa que seja o único responsável pelo problema, mas ajuda a reavaliar suas atitudes. O que pode fazer para que as coisas melhorem?

Aquele que insiste em que o outro é o culpado e se julga vítima das circunstâncias não vai crescer, ficará sempre estagnado e impedirá a evolução do casal.

É responsabilidade dos terapeutas ajudar o casal a deixar de fazer o jogo do "coitadinho de mim" e analisar as possibilidades existentes, a fim de encontrar uma

saída criativa para a situação. Os terapeutas devem ajudá-los a usar o conflito para perceber em que podem melhorar, descobrir os pontos cegos nos quais se perdem e diante de quais obstáculos permanecem estagnados.

Segundo nossa experiência, esse olhar é o único que pode levar o casal a pensar em suas possibilidades, a voltar a ser capaz

36

de desenvolver potencialidades, a sentir-se mais criativo e, por fim, mais livre.

Este é o caminho em que acreditamos e que tentamos transmitir: não esperar nem desejar uma vida sem conflitos, mas encará-los como uma oportunidade de crescimento pessoal; analisar melhor cada dificuldade que surgir no caminho, para nos conectarmos com mais profundidade não apenas com nosso companheiro, mas também com a própria condição de estarmos vivos.

Fritz Perts costumava dizer que 80% da nossa percepção do mundo é pura projeção... E conta que, depois de dizê-lo, olhava nos olhos do interlocutor e acrescentava:

"E a maior parte dos 20% restantes também."

Quando as pessoas se queixam sobre o que o outro faz para elas, devem refletir se, no fundo, não é de si mesmas que estão se queixando.

Por exemplo, se o egoísmo do parceiro incomoda uma pessoa, pode ser porque ela luta contra seu próprio lado egoísta, porque não se atreve a reconhecê-lo ou porque não se permite nenhum privilégio.

Seu caminho, então, passará por analisar seu egoísmo e trabalhar isso, deixando que o outro seja como quiser (ou como puder).

Consideremos outro tema fundamental para os casais: a divisão de tarefas. Se ela precisa que ele assuma determinadas tarefas domésticas, pode negociar para ver o que cada um faz e chegar a um acordo. Mas se, em vez disso, ela perde tempo mostrando como ele é egoísta e o comparando à mãe dele ("você é igualzinho a ela"), não chegará a lugar nenhum (não há nada pior do que mencionar as mães durante as brigas).

Uma frase apropriada seria: "Você pode ser como quiser, mas vamos combinar quem vai ao supermercado."

Abrir caminho para a comunicação é uma decisão muito mais eficaz e sensata do que demonstrar quão egoísta ou generoso cada um é.

37

Como terapeutas, gostamos de propor o seguinte jogo: pedimos a um dos pacientes que deixe fluir todas as acusações que tem contra a pessoa sentada diante dele, que

deixe que se transformem em insultos: "burro", "mesquinho", "grosso", etc. Incentivamos que diga o que pensa, que grite, que acuse seu companheiro e deixe sair todos os insultos reprimidos. Depois de alguns segundos, pedimos que fique imóvel. Então chamamos atenção para sua mão e lhe mostramos algo significativo e muitas vezes revelador: enquanto aponta com um dedo para o outro, três dedos apontam para ele mesmo... O dedo médio, o anular e o mindinho lhe dizem que talvez ele seja três vezes mais burro, mesquinho ou grosso que seu parceiro.

Quando uma característica do outro me incomoda, isso quase sempre significa que, na verdade, o que me aborrece é o fato de eu mesmo ter essa característica. Se não estou em conflito com esse aspecto em mim, não me incomoda que o outro o tenha. Então devo sempre perguntar: "Por que isso me irrita no outro? O que isso tem a ver comigo?"

Aproveitar os conflitos para o crescimento pessoal: é disso que se trata. Em vez de usar minha energia para mudar o outro, usá-la para observar o que me incomoda em mim mesmo.

- Meu egoísmo! - gritou Roberto para a tela.

E desligou o computador.

38

### Capítulo 3

Cachorro-quente. Foi a única coisa que pôde preparar com o que havia na geladeira. Cristina estava comendo um bom churrasco, se divertindo com suas amigas e nem sequer pensava nele. E ele que era o egoísta? Ela estava muito bem, ao passo que ele teve que deixar o frasco de mostarda virado para baixo por 10 minutos a fim de conseguir umas míseras gotas para temperar as salsichas. E ainda por cima tinha que aguentar Laura lhe dizendo que ele era o egoísta. Deu uma grande mordida no último cachorro-quente.

- Ela nem me conhece... - disse em voz alta e de boca cheia.

O que ela sabia? Como se alguém pudesse dizer alguma coisa que servisse para todo mundo!

Mas estava acabado. Não voltaria a ler aquelas mensagens. Tampouco escreveria avisando que o endereço de e-mail estava errado e, se as mensagens nunca chegassem ao tal Fredy, melhor; afinal, não serviam para nada mesmo.

De que adiantava desistir do relacionamento ideal? De que adiantava não se irritar com o outro? De que adiantava crescer, se no fim ela ia embora de novo?

Ela sempre ia embora e ele ficava sozinho.

Roberto se levantou da mesa e foi para a cozinha lavar a pouca louça que havia usado. Enquanto sentia a água quente em suas mãos, não pôde deixar de pensar que em outra época Cristina teria ficado. Talvez não o amasse mais... Quer dizer, já não o amava como antes, já

39

não preferia ficar com ele a outras coisas. Talvez ele também já não a amasse como no início.

Fechou a torneira e lentamente enxugou as mãos com o pano de prato, como se a minuciosidade do gesto correspondesse à sua preocupação. Com passos incertos, foi até seu quarto e se jogou na cama.

Alguns minutos depois se levantou e foi à cozinha. Abriu a geladeira e ficou olhando o que havia lá dentro, procurando algo interessante... Nada o apeteceu, então fechou a porta, verificando a vedação.

Depois foi para a varanda. Passaram alguns carros. Entrou. De volta ao quarto, parou à porta por um instante, como se hesitasse. Por fim se sentou em frente ao computador.

Começou a jogar campo minado. Não conseguia se concentrar. Sempre acabava explodindo uma bomba.

Fechou o jogo e ficou olhando os ícones na área de trabalho: um computador, um bloco com um lápis por cima, um maço de cartas, um globo terrestre, uma lupa, um pequeno telefone amarelo... A conexão com a internet.

Olhou ao redor como se verificasse que não havia ninguém o observando... Estava a ponto de fazer exatamente o contrário do que prometera a si mesmo.

Abriu seu e-mail e, sem surpresa, encontrou uma mensagem de Laura.

"Talvez ninguém pudesse dizer algo que servisse para todos", pensou, "mas quem sabe não haveria alguma coisa nessa nova mensagem". Alguma coisa, ainda que só uma frase, que lhe servisse para esclarecer o que estava acontecendo entre ele e Cristina, se a amava ou não, por que se aborrecia com ela e por que começava a se perguntar como era Laura, quantos anos tinha e qual era sua relação com Fredy.

Caro Fredy,

Como foi sua viagem? Estou ansiosa para ter notícias suas.

40

Estive pensando em muitas coisas nessas semanas, mas não conseguia expressá-las. E me lembrei daquilo que você escreveu para o congresso de Cleveland, lembra?

Amar e se apaixonar

Talvez a expectativa de felicidade instantânea que costumamos atribuir à relação a dois, esse desejo de exultação, seja consequência da prorrogação ilusória do tempo da paixão.

De fato, em um primeiro momento o encontro é passional, incontrollável, irracional. As emoções nos invadem, se apoderam de nós e durante um tempo quase não podemos pensar em outra coisa além da pessoa por quem estamos apaixonados e da felicidade que sentimos por isso estar acontecendo conosco.

Estar apaixonado nos conecta com a alegria que sentimos por saber que o outro existe. Conecta-nos com a rara sensação de plenitude.

Esse estado não dura muito tempo, mas permanece gravado em nós, como uma lembrança que sustenta a relação e que é possível recriar de vez em quando.

Passados alguns meses, a realidade nos invade e tudo termina ou começamos a construir um caminho juntos.

Quando uma pessoa se apaixona, não vê o outro em sua totalidade. Na verdade, ele é uma tela na qual o apaixonado projeta seus aspectos idealizados.

O amor, ao contrário da paixão, é mais duradouro e se baseia na percepção da realidade externa. A construção desse sentimento começa quando posso ver o que está diante de mim, quando descubro o outro. É nesse momento que a paixão dá lugar ao amor.

Passado esse momento inicial, começam a vir à tona meus piores aspectos, que também projeto no parceiro. Amar

41

alguém é o desafio de desfazer essas projeções para me relacionar verdadeiramente com o outro. Esse processo não é fácil, mas é uma das coisas mais bonitas que podem acontecer.

Falamos do amor no sentido de "se importar com o bem-estar do outro". Nada mais, nada menos. O amor como a sensação de bem-estar que invade corpo e alma e que se firma quando posso ver o outro sem querer mudá-lo.

Mais importante que o jeito de ser do meu parceiro é a sensação de bem-estar que temos um com o outro, o prazer de estar com alguém que se preocupa comigo, que sabe do que preciso e tem prazer em me proporcionar isso: é assim que o amor age.

Um relacionamento é mais que uma decisão, é algo que surge quando nos sentimos unidos ao outro de uma forma diferente. Poderíamos dizer que, com base no prazer de estar com alguém, decidimos compartilhar grande parte de nossa vida com essa pessoa e descobrimos como é bom estarmos juntos. Ainda assim, é preciso saber que encontrar

um companheiro não é suficiente: também é importante que essa pessoa seja capaz de nos fortalecer, como já dissemos. Que seja uma ajuda eficaz para nosso crescimento pessoal.

O amor se constrói entre duas pessoas, com base em uma química que nos faz sentir diferentes, talvez pela sensação mágica de sermos totalmente aceitos por alguém.

Estar apaixonado e amar.

Como é difícil falar disso.

Outro dia eu estava contando a um grupo que oriento o que nós dois havíamos conversado sobre o amor no sentido de "se importar

42

com o outro" e sobre a sensação física de estar com a pessoa amada. Depois pedi que cada membro do grupo dissesse o que achava que era o amor.

Uma das respostas de que mais gostei foi a de um rapaz de 25 anos: "Quando amamos, vemos além do que é visto. No amor, os padrões estéticos não têm valor."

Welwood disse que o verdadeiro amor existe quando amamos uma pessoa pelo que sabemos que ela pode vir a ser, não apenas pelo que ela é. Acredito que a paixão e o amor são estados que vão e vêm em uma relação. Em geral, no início há um período de paixão em que se mesclam aquilo que eu imagino e aquilo que projeto no parceiro. Então, acredito que a pessoa que está diante de mim é o companheiro ideal.

Estar apaixonado é uma relação comigo mesmo, ainda que escolha outra pessoa para projetar nela o que sinto. Então poderíamos nos perguntar: por que escolhi essa pessoa? O que acontece quando, depois de um tempo, o outro começa a mostrar como é de verdade e isso não corresponde a meu ideal?

É aí que começam os conflitos. Ele não é como eu imaginava. A alternativa que se propõe aqui é ver se poderei amar a pessoa que estou vendo ou se ficarei preso ao meu ideal.

O amor pode começar com a solução desse dilema, quando vejo o outro e percebo que o amo tal como ele é. Posso até mesmo amar as coisas de que não gosto nele, porque são dele e o aceito como ele é.

Acredito que as relações passam por momentos de paixão, de amor, de ódio... Na verdade, amor e ódio estão muito próximos. Não odiamos ninguém tanto quanto odiamos a pessoa amada. Como meu filho me disse outro dia, em meio a um ataque de fúria: "Amodeio você" (ele queria dizer "odeio você", mas o "amor" escapou).

É saudável aceitar que as coisas sejam assim. Vamos navegando na relação, que só pode ser mantida se nos mostramos,

43

se estamos conscientes do que vivemos, se não negamos nossos sentimentos ou não agimos como se nada estivesse acontecendo.

Consciência é a palavra. Temos que ser conscientes do que estamos vivendo e nos entregar completamente. Assim construímos o vínculo e cuidamos dele.

A solução é a mesma de sempre: ter consciência, estar centrado. Apenas assim somos capazes de lidar com situações difíceis.

Muita gente vive afastada de si mesma, conectada apenas com o que pensa e sem saber o que sente de verdade. Assim fica muito difícil se entregar ao amor. Para amar é imprescindível ousar olhar para dentro de si mesmo.

Assim, sem necessidade de conflito, posso observar-me, estar conectada e ser eu mesma.

Se não me mostro, ninguém pode me amar.

Em todo caso, amarão meu disfarce, como você mesmo disse,

e isso não me serve.

Encontrei um livro de Maurício Abadi que fala da paixão. Cito três passagens que me interessaram.

A paixão é muito mais uma relação na qual a outra pessoa não é realmente reconhecida como outra, mas sentida e interpretada como um duplo de você mesmo, dotada de características que correspondem à imagem idealizada de quem você gostaria de ser. Na paixão, há um "eu me amo ao me ver refletido em você".

Estar apaixonado é dizer ao outro quanto sou grato por ele segurar tão graciosamente o espelho no qual me contemplo para perceber o amor que sinto por mim mesmo.

44

Mas acontece que, à medida que o tempo passa e a relação enfrenta diferentes dificuldades, o suposto espelho vai deixando de ser um espelho e parece optar por um desejo natural de recuperar sua identidade. No início, tinha tanta vontade de se sentir amado e admirado que quase não se importava com o fato de ser tomado por outro. Temos tanta necessidade de amor que durante algum tempo também tiramos proveito dessa mentira.

E de fato é uma mentira, como diz Abadi, porque na verdade essa paixão não é para si mesmo, mas para a idealização que se faz do outro.

Talvez você devesse recusar uma carta em que alguém lhe jura amor incondicional e cego, reconhecendo que o destinatário não é você. Mas quem poderia fazer algo assim?

De qualquer forma, não importa o que façamos em alguns instantes ou em poucas semanas (de cinco minutos a três meses, como você disse), o outro acabará se mostrando de verdade e começará a ver como somos realmente, pois ninguém pode esconder isso para sempre, por melhor que seja estar apaixonado e ser objeto da paixão do outro.

É como despertar de um sonho. Pouco a pouco se revelará uma pessoa espantosamente diferente daquela com quem acreditávamos estar nos relacionando. É engraçado ouvir os que saem do estado passional e acreditam que o outro mudou, que já não é o mesmo, quando na verdade o que mudou foi apenas sua maneira de olhar para ele.

As diferenças se revelam e acabam gerando conflitos.

Quando o outro é parecido demais com você, é muito difícil discutir, mas também é complicado reconhecer sua verdadeira existência.

Só quando a verdade se revela é possível descobrir-se acompanhado. É necessário buscar as diferenças e tentar se unir com

45

base nelas. Não como antes, quando o que os unia eram apenas as semelhanças.

Adoro essa frase que ouvi você dizer em uma entrevista:

Apaixonar-se é amar as semelhanças, e amar é se apaixonar pelas diferenças.

A paixão não é um sentimento compartilhado porque ainda não há ninguém com quem compartilhar o que quer que seja.

A paixão é uma loucura gratuita e quase inevitável, tecnicamente um caso de confusão delirante com exaltação maníaca.

O amor, ao contrário, é um estado equilibrado e que requer muito esforço. É mais duradouro e menos turbulento, porém é preciso se esforçar muito para mantê-lo.

Acabei de reler esta mensagem e já não sei se concordo com o que eu mesma escrevi, mas já está escrito. Quero saber sua opinião.

O que você está fazendo, Fredy? Aproveitando o calor da Espanha?

Um beijo,

Laura

Quando Roberto terminou de ler, estava sorrindo. Sentia-se satisfeito por ter seguido sua intuição e aberto o e-mail. Era exatamente isso que estava acontecendo com ele: a relação com Cristina já não era a mesma, não estavam mais apaixonados. Só que ele gostava de estar apaixonado.

Pouco a pouco, o sorriso foi dando lugar a uma expressão muito concentrada. Não sabia se queria trocar a intensidade pela profundidade de que Laura falava, pois era justamente disso que mais gostava: da intensidade, da paixão, do arrebatamento. No entanto, não restavam dúvidas de que isso tinha acabado. Ele e Cristina tinham

46

começado a se ver como realmente eram e não havia nada que pudessem fazer para evitá-lo.

E agora? Agora tudo terminava...

De repente hesitou. Segundo Laura, é nesse momento que começa a construção de um caminho juntos.

Perguntou-se qual das duas possibilidades se aplicaria a sua história com Cristina: o fim ou o começo de algo menos intenso porém mais profundo?

E depois se corrigiu...

"Qual das duas possibilidades eu quero?"

47

Capítulo 4

Cristina ligou na segunda-feira como se nada tivesse acontecido.

- Como foi o churrasco? - perguntou Roberto friamente.

- Legal - respondeu ela, surpresa com a reação dele. - O que houve?

- Estou mal-humorado - disse Roberto, com sinceridade.

- E eu tenho alguma coisa a ver com isso? - perguntou ela, tentando, em vão, livrar-se da culpa.

- Claro que tem! - Roberto fez uma pausa e depois continuou, enquanto se perguntava por que estava dizendo tudo aquilo. - Ultimamente tudo de ruim que acontece comigo tem a ver com você!

- Mas ontem estávamos tão bem...

- Tão bem... que você foi a essa droga de churrasco!

- Mas, Roberto, você sabia...

- E daí? Quer dizer que, se eu sei que você vai me dar uma facada, a ferida não dói?

- Você não está exagerando um pouco? -Não.

- Estou indo aí.

- Não. Não quero que você venha.

- Mas eu vou assim mesmo - disse Cristina, desligando antes de ouvir a resposta.

- Não estarei em casa - ameaçou ele para ninguém. Roberto ficou um bom tempo com o telefone na mão, pensando se devia sair antes de Cristina chegar.

Devia estar mesmo muito indeciso, porque quando a campainha tocou ainda não havia desligado o telefone.

Abriu a porta sem olhar quem era e foi até a cozinha fazer um pouco de café, sempre ignorando Cristina solenemente. Ela o esperou de pé na sala.

- Você podia ao menos dizer oi, né? - repreendeu-o.

Roberto olhou para ela com raiva e ensaiou seu sorriso mais falso. Uma reverência pomposa completou o gesto sarcástico. Cristina se sentou no sofá.

- Não consigo entender o que está acontecendo com você - começou ela.

Roberto não respondeu. Aproximou-se da janela e olhou para a rua.

- Você não pode fazer todo esse escândalo só porque fui a um churrasco, não acha? - continuou ela, realmente surpresa.

- Posso fazer o escândalo que quiser.

Pode me dizer por que está tão chateado?

- Se preciso explicar, então não vale a pena.

- O que aconteceu com aquela história que você me ensinou sobre "valer a pena"?

- Eu esqueci!

- Você está impossível!

- Você é impossível!

Cristina respirou fundo e decidiu tentar uma última vez.

- Podemos conversar?

Roberto baixou a guarda e se sentou no sofá.

- O que está acontecendo com você? - insistiu ela.

- Está acontecendo que não entendo nada. Tudo estava maravilhoso, tivemos o melhor encontro de toda nossa relação, mas então você foi àquele churrasco. Eu não entendo...

O churrasco era tão importante a ponto de pôr a perder tudo o que tinha acontecido?

- Mas, Roberto... O churrasco não tinha importância nenhuma. Se você tivesse pedido, eu teria ficado...

Se eu tivesse pedido?

49

- Sim. Por que não?

Eu tenho que pedir para ser mais importante na sua vida do que um almoço idiota?

- E eu tenho que adivinhar como você quer que eu demonstre que você é importante para mim?

- Não sei, não sei... Está tudo errado.

Não faça isso, Roberto. Não estrague tudo por uma besteira.

- Foi você que estragou tudo, Cristina, não eu. Dessa vez foi você. Você que arruinou tudo.

Lamento. A verdade é que lamento muito...

- Eu também... Eu também.

Lentamente, ela se levantou, pegou o casaco e a carteira que estavam em cima do sofá e caminhou até a porta. Ficou alguns segundos parada ali, de costas, como se esperasse que Roberto a chamasse. Mas ele não o fez. Cristina saiu do apartamento com os olhos úmidos, deixando a porta entreaberta.

Ele estava furioso, mas não sabia muito bem por quê. Pensou que poderia ter temporizado, que poderia ter arrancado desculpas mais ou menos sinceras de Cristina, que poderia ter salvado o relacionamento, que poderia... Mas decidira não fazê-lo.

Ela não merecia isso!

Ela! Mas... e ele? Ele merecia que seu relacionamento fosse salvo?

Estava cada vez mais irritado. Cerrava os punhos e trincava os dentes até que doessem. A quem estava punindo?

Lembrou-se, de repente, de uma fábula sobre a tristeza e a raiva: a tristeza se disfarçava de raiva quando não queria se expor. Por isso estava com raiva: ela escondia sua tristeza, sua dor e sua impotência.

Sentiu os olhos se encherem de lágrimas e, em seguida, algumas rolaram lentamente por seu rosto.

50

Se não estivesse tão perdido em suas emoções, poderia ter recebido a mensagem que Laura mandara (sem saber que respondia a todos os seus questionamentos) e que já o aguardava na caixa de entrada.

Resumindo, Fredy:

A primeira afirmação da proposta é que os problemas conjugais são problemas pessoais que se manifestam na relação. E esses problemas só surgem em uma ligação amorosa, porque, quando se está com o outro, aspectos pessoais antes ocultos vêm à tona.

Como terapeutas, precisamos ter esse olhar sobre os conflitos e, quando um casal vier nos consultar, identificar quais problemas pessoais estão interferindo no relacionamento. Ajudamos cada um a trabalhar suas próprias questões e mostramos como a neurose de um se vincula à do outro.

Mais uma vez, a ideia principal é: "Se esta situação incomoda você, que questão pessoal está se refletindo no conflito?" O tema básico é resumido nas palavras de Hugh Prather: "Uma pedra só o irrita se estiver em seu caminho."

Nós nos bloqueamos com o famoso tema da projeção. Penso no que Nana nos mostrou tantas vezes em suas palestras:

"Projeto no outro minhas características que mais rejeito."

"Quando percebo o quanto essa característica do outro me irrita, vejo como me irrita em mim mesmo."

"Se penso que não tenho nada desse traço que me faz ficar irritado com o outro, é necessário fazer com que eu perceba que isso não é verdade. Afinal, se realmente não o tivesse, ele não me irritaria."

51

Isso é básico na Gestalt e é o que Jung quer dizer com a questão da sombra. Projeto minha sombra em meu companheiro e, ao vê-la nele, a descubro.

A partir daí tenho duas opções: tentar destruir a temível ameaça por meio da destruição do outro ou aproveitar a oportunidade para integrar-me com minha sombra e acabar para sempre com sua ameaça.

Sem dúvida, isso muda consideravelmente a ótica e a compreensão dos problemas de relacionamento. Deixo de culpar o outro por aquilo que ele faz e começo a ver que sou eu que me imponho esse conflito pessoal. Em vez de usar minha energia para mudar o outro, uso-a para observar a mim mesmo e, com base nisso, falar de mim, daquilo de que preciso, do que sinto em relação às atitudes do outro.

Assim é muito mais fácil que ele me ouça.

O segredo é estar sempre conectado com o que está acontecendo comigo e não falar do outro. Se não gosto do que está acontecendo, o que eu poderia fazer para criar algo de que goste mais?

Posso continuar chorando e reclamando, posso procurar outro parceiro ou posso tentar viver da melhor maneira possível com a pessoa que amo e com quem estou. Posso usar o conflito para encontrar uma saída criativa, para ver que sou capaz de melhorar e de identificar os aspectos negativos que estou bloqueando.

Esse é o meu caminho e é o que eu prego. É disto que gosto na vida: descobrir a mim e aos outros; o desafio não é esperar que não haja conflitos, mas vê-los como uma oportunidade de crescimento. E, se é verdade que uma das dificuldades é aquilo que projetamos, outra é perceber do que realmente precisamos. É claro que, quando não obtemos aquilo que achamos que precisamos, é mais fácil reagir do que procurar o que nos falta, embora muitas vezes estejamos pedindo as coisas erradas.

52

Por exemplo, posso fazer um escândalo porque você chegou atrasado. Assim, a discussão se centraria nesse problema aparente. Mas não se trata disso, e sim de ver o que estou pedindo por meio da exigência da pontualidade. Se me aborreço porque você está atrasado, talvez a questão não se resolva se você chegar cedo. É necessário perceber o que me afeta tanto, o que seu atraso significa para mim, o que preciso de você, o que estou pedindo ao lhe cobrar pontualidade... Que você demonstre se importar comigo? Que me valorize? Que tenha consideração? De que estou falando quando reajo assim?

Quando estamos muito focados em nós mesmos, não podemos ver o que acontece ao outro e nos tornamos autorreferentes.

Para quem está de fora, nossa atitude parece no mínimo exagerada e até extremamente irracional. E talvez seja, porque essas atitudes tão arcaicas provêm, na verdade, dos primeiros anos de vida, das condutas que aprendemos para nos defender das feridas sofridas na infância...

John Bradshaw chama essa memória do primeiro sofrimento de "a criança ferida". É a criança ferida que carregamos dentro de nós que nos faz agir assim. Carregamos as dores que não conseguimos expressar na infância como um fardo e, antes que possamos perceber, as expressamos por meio de nossas reações. Essas são as reações que nos causam mais problemas nos relacionamentos íntimos.

Infelizmente, quando estamos numa relação, os aborrecimentos e a dor não resolvidos no passado se refletem no presente por meio de nossas reações.

Normalmente, essas velhas dores não aparecem até termos um relacionamento. O namoro e o casamento reavivam essas velhas feridas e por isso acreditamos que é nosso companheiro quem as causa.

53

Geralmente isso não acontece no início, mas à medida que vamos nos sentindo realmente ligados ao outro.

Essa criança ferida dentro de nós é como um buraco negro que absorve tudo; é como uma dor de dente: quando aparece, não podemos pensar em outra coisa, ela domina nossa vida.

Em muitos casos de separação o problema não está na relação com o outro, mas nas questões pessoais (dos dois) não resolvidas no passado.

Minha reação gera a sua reação, e assim vamos nos influenciando negativamente.

Enquanto carregamos nossa criança ferida, temos a sensação de nunca estar no presente. Sempre reagimos por coisas que aconteceram há muitos anos. Isso impossibilita a relação com o outro.

Até que eu domine essa criança ferida, ela continuará reagindo e prejudicando meus relacionamentos. E a única pessoa que pode ouvi-la sou eu mesmo. Quando lido com sua tristeza e com seu mau humor, a criança não reage, porque está sob controle.

É necessário esclarecer que não se pode identificar algumas dessas feridas sozinho. Precisamos de alguém que nos ajude a reconhecê-las, um vínculo com alguém que as reacenda, que nos permita sentir o que sentimos sem nos desqualificar. A criança ferida precisa que sua dor seja validada. Só assim podemos expressar e superar nossas dores.

A dor é um processo que ocorre por meio do choque, da tristeza, da solidão, da mágoa, da raiva, da irritação, do remorso. E dura muito tempo.

Para chegar à razão da dor, é fundamental parar de culpar o outro e observar minhas reações a fim de entender o que acontece comigo.

Quando entramos num relacionamento, fazemos um pacto

54

inconsciente no qual, por exemplo, eu espero que você seja o pai que não vai me abandonar e você espera que eu seja a mãe que vai aceitá-lo incondicionalmente como você é. E quando isso não acontece, porque é impossível que o outro cure minhas feridas, começo a culpá-lo.

Na pior das hipóteses, quando as duas partes de um casal sentem esse vazio que não pode ser preenchido pelo outro, decidem ter um filho... E aqueles que parecem ser dois adultos não passam de duas crianças carentes buscando a salvação em seu filho.

Alguns adultos podem ser brilhantes em vários aspectos, mas em seus relacionamentos mais íntimos não são mais do que crianças infinitamente carentes que reagem à falta de carinho, de atenção ou de reconhecimento.

Quando vemos casais em nosso consultório, reconhecemos imediatamente as crianças interiores que estão se expressando.

Muitas vezes os adultos não se entendem porque, na verdade, cada um está expressando sua criança ferida, cada um está vivendo uma cena de sua infância, pedindo à mãe ou ao pai coisas diferentes, que o outro não pode oferecer porque está fazendo seus próprios pedidos. Quando podemos ajudá-los a perceber o que está acontecendo, a discussão perde o sentido: as crianças se acalmam, pois puderam se expressar, e eles podem voltar ao presente para se encontrarem.

Nossas crianças feridas precisam de espaço para expressar sua raiva e sua dor. Quando lhes damos isso, começam a crescer e não interferem em nossas relações íntimas.

Welwood nos oferece uma lição prática: "Aprender a aproveitar cada dificuldade que encontramos no caminho para nos conectarmos mais profundamente não só com nosso companheiro, mas também com nossa própria condição de seres vivos."

55

Espero que você concorde em incluir tudo isso no livro. O que você acha?

Um beijo,

Laura

Roberto leu a mensagem depois de ter dormido por mais de 16 horas. Era sempre a mesma coisa: quando estava aflito, seu corpo respondia com sono. Uma sonolência inesperada o atacava ao despertar e o impedia de se levantar mesmo quando supostamente já não tinha vontade de continuar dormindo.

A casa estava suja e cheirava mal. A geladeira vazia lhe parecia uma contribuição para a sua patética sensação interna, a desordem dominava seu quarto, sentia dor na cabeça e nas costas.

Cambaleando um pouco, chegara até o banheiro e lavara o rosto para despertar. Sem passar pelo quarto para trocar de roupa, fora à cozinha preparar um café.

Havia ligado o computador enquanto esperava a água ferver. Em seguida a misturara com o resto de café que estava no pacote e começara a tomar a bebida amarga em um movimento automático. Mas foi só depois de ler a mensagem que despertou completamente.

Dirigiu-se ao telefone. A luz da secretária eletrônica piscava anunciando que havia mensagens. Certamente eram de Cristina, pedindo que ele atendesse, que ligasse para ela, que conversassem, etc. Sem nem ao menos checar se era isso mesmo, cruzou os dedos e decidiu ligar para ela.

Seus desejos foram realizados: foi a secretária eletrônica dela que atendeu.

- Não tinha nada a ver com você - deixou gravado -, sinto muito. Acho que tenho que resolver algumas questões minhas para merecer ficar com você. Não me ligue. Eu ligo quando puder. Um beijo.

56

Procurou na agenda o telefone de sua amiga Adriana, a psicóloga. Sentia que precisava de um espelho onde pudesse se olhar um pouco.

- Oi, sou eu, Roberto. Você teria um tempinho para mim?

Combinaram de se encontrar 45 minutos mais tarde, no bar perto do consultório dela...

57

## Capítulo 5

Roberto chegou em casa por volta de meia-noite. Depois de conversar por duas horas com sua amiga, fora caminhar às margens do rio... para pensar.

Agora tudo estava mais claro. Adriana o havia ajudado muito. Por anos, Roberto achou que tinha superado a história de sua mãe. Mas não, o problema estava ali, se não intacto, pelo menos presente.

A ideia da "criança ferida" tomou seus pensamentos. Quantas vezes a criança interior havia esperneado, gritado, chorado, se arrastado, ameaçado e manipulado para conseguir que o outro ficasse a seu lado?

Agora era com Cristina, mas de alguma forma tinha feito o mesmo com Carolina, com Marta, com Alice e com todos os seus amigos, de quem exigia uma disponibilidade incondicional. Tal exigência era impossível de ser atendida e acabava os assustando.

Sentia-se tranquilo por conseguir expressar em palavras o que lhe acontecia, e isso tornava suas ideias mais claras. Agora se sentia em condições de definir o que estava acontecendo e a partir daí, talvez pudesse mudar tudo.

Na terapia, havia aprendido a importância de ser capaz de dar nome às coisas. Sempre se lembrava fascinado da sessão na qual divagara sobre o valor cultural de certas palavras e frases...

Pensava que as pessoas começam a existir quando são identificadas por um nome e um sobrenome (porque, do ponto de vista jurídico, alguém não registrado, não nomeado, praticamente não existe). Quão determinante pode ser para nós sermos chamados de certa maneira? (Qual seria a carga, perguntava-se, de se chamar Piedade,

58

Dolores ou Amparo?) Pensava sobre o peso implícito de ter o nome de um irmão, tio ou avô morto, ou suportar o condicionamento de atender pelo mesmo nome do pai ou

da mãe, que muitas vezes leva à distorção de ver-se obrigado a ser "Jorginho", "Silvinha" ou "Serginho" até que o pai ou a mãe morressem e se pudesse abandonar o diminutivo para ser chamado "Jorge", "Silvia" ou "Sérgio".

"Denominar é definir, e definir é começar a controlar, pois não é possível ter controle sobre o que não se pode definir nem denominar", pensou Roberto.

"Alguns adultos podem ser brilhantes em vários aspectos, mas em seus relacionamentos mais íntimos não são mais do que crianças infinitamente carentes que reagem à falta de carinho, de atenção ou de reconhecimento", lembrou.

Devia começar a trabalhar a "criança ferida" dentro dele. Nunca seria capaz de manter um relacionamento se não resolvesse seu medo doentio de ser abandonado.

"E a única pessoa que pode ouvi-la sou eu mesmo", recordou.

Definitivamente, tinha que cuidar de si próprio.

"Quando lido com sua tristeza e com seu mau humor, a criança não reage porque está sob controle."

Roberto mal podia acreditar que o motivo de tudo aquilo estar acontecendo era algumas mensagens de uma desconhecida terem cruzado seu caminho, por conta de alguma trama inusitada do destino.

Com surpresa, viu-se novamente pensando em Laura. Não devia ser difícil construir uma relação com alguém que entendia tanto do assunto. Laura mostrava tanta liberdade, tanta compreensão,

59

tanta experiência... Era disso que ele precisava: encontrar uma mulher assim. Mas onde elas estavam? Bem, ele sabia onde havia uma: em um computador, sob o nome carlospol@spacenet.com.

Então percebeu que o nome de usuário de Laura era carlospol. Sentiu-se desconfortável ao pensar que Laura pudesse ser o pseudônimo literário de Carlos, um jornalista de revistas femininas decidido a ganhar algum dinheiro em conluio com um psiquiatra experiente, Fredy. Como o livro era voltado para o público feminino, Carlos tinha decidido assinar como mulher e por isso inventou Laura...

Roberto abriu a pasta de documentos e buscou as mensagens que tinha salvado. Leu rapidamente procurando as passagens que citassem Carlos...

Por que ele sempre tinha que complicar tudo?

Uma mensagem enviada por Laura, que se apresentava como terapeuta de casais, falando de um livro, não devia ser nada além do que parecia.

Portanto, Laura era Laura, o tal Fredy era seu amigo... Mas quem seria Carlos? Talvez fosse seu marido ou namorado...

Roberto continuou fantasiando... "Laura vive com seus dois filhos, um menino e uma menina, em uma grande casa, possivelmente perto do Delta, onde aos sábados e aos domingos vai remar com seu ex-marido e seus filhos..."

Mas esse não era o problema.

Por que estava pensando em Laura em vez de se preocupar com a crise de seu relacionamento com Cristina?

Acomodou-se diante do computador e procurou nas mensagens recebidas. Ali estavam: "Aqui vai 1" e "Aqui vai 2".

Olá, Fredy!

Por que você não me responde? Vamos, deixe de ser preguiçoso...

60

Na verdade, quero sua opinião sobre um paciente que atendo há um ano. Acho que seus problemas têm aspectos importantes para o livro.

Faz um ano que o homem se consulta comigo e uma das primeiras coisas que aconteceu foi perceber que estava apaixonado por outra mulher. Desde então, enfrenta o dilema de viver com a amante ou ficar com a esposa e o filho. E ontem me disse algo muito interessante: o que mais o encanta em sua amante é o fato de ela ser imprevisível, de ele nunca saber onde ela está.

Pensamos juntos sobre esse paradoxo, que a qualidade da paixão está intimamente relacionada com a possibilidade de que o outro não esteja ali; a surpresa, o que não foi programado. Se isso se transforma em um relacionamento convencional, a paixão naturalmente perde força.

Que absurdo unir paixão e casamento! Como escolher entre a família e a paixão? É impossível, principalmente porque, se você escolher a paixão e ficar com a amante, ela logo cairá nas garras da rotina.

Ele se contenta com a família, em voltar para casa e estar com a esposa e o filho. Mas a questão se torna mais grave porque, além de não ser apaixonado pela esposa, ele nem sequer gosta de estar com ela, não tem interesse em viajar com ela. Acho que ele guarda um ressentimento que nunca manifestou.

Ontem eu falava sobre questões semelhantes com outro casal. O marido ficou muito aliviado ao saber que esse é um problema comum. A mulher, ao contrário, ficou muito irritada, se recusava a admitir que essas coisas acontecem. Acho que a solução é aceitar as coisas como elas são e ver o que se pode fazer, como cada um pode resolver

sua própria vida. Na minha opinião, a posição dela era muito infantil: "Não quero que isso aconteça." Acho que muitas vezes a terapia consiste em fazer o paciente perceber que

61

as coisas acontecem da maneira como acontecem e não como ele acha que devem acontecer.

Ontem à noite eu estava lendo o livro de Welwood, *Challenge of the Heart* (O desafio do coração), e me pareceu interessante traduzir este parágrafo para nosso livro:

Nas sociedades tradicionais, o casamento arranjado era a norma e se baseava em considerações de família, status, saúde, etc. Tratava-se mais de uma aliança entre famílias do que entre indivíduos. Servia para preservar a linhagem e as propriedades familiares e para que as crianças conhecessem seu lugar na rede social. Nenhuma sociedade tradicional considerava os sentimentos individuais de amor espontâneo como base válida para relacionamentos duradouros entre um homem e uma mulher.

Mais do que isso, nenhuma sociedade anterior tentou, muito menos conseguiu, unir amor romântico, sexo e casamento em uma única instituição.

A cultura grega unia sexo e casamento, mas reservava o amor romântico para as relações entre os homens e rapazes.

No amor cortês do século XII, do qual provêm nossos ideais sobre o romance, o amor entre homem e mulher estava oficialmente separado do casamento.

Só no século XIX os vitorianos tiveram um vislumbre do casamento com base em padrões românticos. Mas o sexo era excluído: a mulher era considerada doente se sentisse desejo ou prazer. O prazer do sexo ficava relegado aos prostíbulos.

Só muito recentemente passou-se a acreditar que amor, sexo e casamento devem ser concentrados em uma mesma pessoa. Somos os primeiros a reunir o amor romântico,

a

62

paixão sexual e o compromisso conjugal monogâmico em um só acordo. Segundo Margaret Mead, essa é uma das formas de união mais difíceis que o gênero humano já criou.

Talvez seja um pouco ousado publicar algo assim, mas eu gostaria de transmitir essa ideia de alguma forma, como se estivesse dando permissão para que cada um encontre uma mensagem adequada a sua vida. Gostaria de apresentar o conceito de que o casamento tal como existe hoje é muito difícil e que cada um tem a opção de encontrar sistemas diferentes para viver mais plenamente.

Não estou dizendo que esses aspectos (compromisso conjugal, amor romântico e paixão sexual) tenham de estar necessariamente separados. Proponho que tomemos consciência da magnitude e das dificuldades que surgem ao tentarmos reuni-los em uma única relação. E creio que esse breve relato histórico esteja diretamente ligado à possibilidade de tal tomada de consciência.

Esta semana atendi dois pacientes que são casados há oito anos e têm dois filhos. Durante a sessão, ela afirmou que tem um caso com outro homem e quer que o marido lhe dê um tempo para viver essa experiência, para depois decidirem se podem continuar juntos.

Ele queria matá-la. Não queria dar o tempo que ela pedia e exigia o divórcio imediatamente.

Fiquei pensando que poderíamos ver o que está acontecendo com essa mulher como uma atuação ou expressão do ressentimento que havia acumulado com relação ao marido.

Mas, nesse momento, quando está apaixonada por outro homem, o melhor é que viva essa experiência e que depois, se a paixão acabar e ela quiser reconstruir sua relação com o marido, me procure novamente.

Claro que também pensei que ela deveria ter permanecido

63

calada e enfrentado sozinha a situação, esperando que suas ideias se tornassem claras antes de falar.

Quando conversamos, ele entendeu que ela não pode parar o que está acontecendo, que não pode parar de ver o outro, por mais que ele peça. E que ele também poderia passar por isso.

Eu gostaria de poder falar sobre todas essas coisas. Mas é difícil fazer isso em um livro como o nosso. Teríamos que encontrar um meio, além de pensar no que dizer ou não dizer. A ideia de nos arriscarmos a tratar de assuntos dos quais em geral não se fala me deixa muito animada.

Laura

Fredy,

Como você pode ver, quando me empolgo não consigo parar. Adorei a discussão que tivemos sobre a frase de Nana: "Os casais se separam pelo mesmo motivo por que se unem."

Sim, é verdade.

Muitos casais pensam: "Por que me apaixonei por ele se somos tão diferentes? Talvez fosse melhor estar com alguém que tivesse gostos parecidos com os meus..."

Porém o que nos atrai é justamente a diferença. No início fico fascinada que o outro tenha algo que para mim é tão difícil ter. Meu companheiro me completa porque pode fazer coisas que eu não posso, e vice-versa. Na fase da paixão, não apenas aceito essas características dele, mas também as aceito em mim. Por exemplo, se sou uma pessoa muito ativa, me encantam a tranquilidade, a capacidade de aceitação, a introspecção. A outra pessoa, por sua vez, se sente fascinada por minha habilidade de estar no mundo para seguir em frente.

O problema é o depois. É verdade que, no início, gosto da diferença, mas, quando a paixão diminui, começo a brigar com meu companheiro pelas mesmas características que nos aproximaram. Se eu tiver desenvolvido especialmente o lado ativo, provavelmente tenho um problema com o lado passivo. Ao brigar com ele, transfiro para a relação uma velha luta interna. Ao me apaixonar por uma pessoa que se permite ser tão relaxada e calma, de alguma forma me reconcilio com um aspecto de mim mesma que havia negado; mas, se não o desenvolvo, acabarei brigando com meu companheiro da mesma forma que antes lutava contra esse aspecto renegado.

Nessas circunstâncias, o segredo é desenvolver os aspectos que vemos no outro mas que, em nós mesmos, são pouco ou nada evoluídos.

Nossa proposta consiste em desenvolver esses aspectos negados ou em conflito para assim nos integrarmos a nós mesmos, nos tornarmos pessoas mais completas, evitando os conflitos internos e externos.

O exemplo mais adequado seria vê-lo em nós mesmos. Você não acha?

Fico fascinada com sua capacidade de expressar as coisas, sua habilidade com as palavras e com as relações. Sou uma pessoa antipática, que sempre se desentende com as formas. Trabalhar com você, Fredy, é uma oportunidade para me reconciliar com esta parte de mim e para torná-lo meu professor nesse sentido. Por outro lado, seria neurótico me irritar com o fato de você dar tanta importância às formas e não perceber que a única coisa relevante é o conteúdo.

Aqui você teria que acrescentar sua parte sobre o assunto: com que aspecto rejeitado você pode se reconciliar a partir da nossa relação?

65

Isso tem a ver com o que sempre dizemos sobre casais: são espelhos nos quais vejo os aspectos que nego em mim. Como já disse, o foco está em desenvolver aquilo que nego ou contra o qual estou lutando, sabendo que, se não o fizer, acabarei me separando pela mesma razão pela qual me uni. Este é o desafio de todo casal.

Nesse sentido, a relação serve para me integrar, porque, de outra forma, vou brigar e até me separar da pessoa que constantemente me faz lembrar da minha luta interna.

Na verdade, isso é parte do que acontece. Em outro capítulo falaríamos dos problemas pessoais que tenho de enfrentar por causa dessa relação, porque, ao estar com o outro, sou confrontada com aspectos horríveis de mim que não teriam a oportunidade de se manifestar se estivesse sozinha.

Por isso às vezes é tão difícil estar com alguém. Porque, quando estou sozinha, posso imaginar que sou o melhor, mas no contato íntimo vêm à tona o melhor e também o pior de mim: minha competitividade, meu ciúme, minha luta pelo poder, meu desejo de controlar o outro, de manipulá-lo, minha falta de generosidade, etc.

É duro ver isso em si mesmo. É um desafio aceitá-lo e fazer algo a respeito. O caminho mais fácil é pensar que o outro é que é o competitivo, o egoísta, o grosseiro..

Cito Nana:

"Parece que os elementos que contribuem para manter a estabilidade e a harmonia de um casal são os mesmos que podem contribuir para a sua destruição."

"Qualquer relacionamento que não favoreça a expansão do EU, que impeça o crescimento, ainda que seja estável e/ou

66

aparentemente gratificante, contém as sementes de sua própria destruição. Poder ver estas limitações oportunamente tem um valor incalculável. A verdadeira relação com o outro, em quem, em determinado momento, acreditamos e diante de cuja presença fomos capazes de transcender e ir além do nosso medo da solidão e da autossuficiência, é uma das situações maravilhosas que nos permitem nos aproximarmos dos seres humanos com amor."

Que linda frase. Gostaria de poder citar Nana o tempo todo. Muitas vezes tenho a sensação de que tudo o que sei, de uma forma ou de outra, aprendi com minha mãe ou com ela.

Acabo de me lembrar de uma conversa informal que tivemos certa vez naquele bar do Once, lembra? De repente, eu lhe disse alguma coisa e seu rosto se iluminou: foi como se "a ficha tivesse caído" para você.

Naquele momento senti pela primeira vez que você me recebia de verdade, que me escutava de maneira diferente.

Foi brilhante, mas como seria estúpido pensar em não vê-lo novamente quando isso não acontece.

Um beijo,

Laura

Durante os dias seguintes, Roberto ficou quase todo o tempo em casa. Saía apenas para as tarefas essenciais de seu trabalho e para fazer algumas compras inevitáveis.

Seria verdade que os casais se separam pelo mesmo motivo que se unem?

Era uma ideia poderosa, tinha de amadurecê-la. No entanto, aquele não parecia um bom momento. Em sua mente aparecia o aviso de "Tilt", que se acendia nas antigas máquinas de pinball. Essa

67

era uma boa descrição de como se sentia: desencaixado, agitado, comovido, preso no lugar errado, tiltado".

Ligava o computador duas vezes por dia e buscava mensagens em sua caixa de entrada. No início, fazia isso com displicência, mas, à medida que a semana passava, percebeu que se inquietava cada vez mais com a ausência de notícias.

Por fim, passados oito dias, chegou uma nova mensagem.

Caro Fredy,

Este é o último e-mail que lhe escrevo.

Adoro escrever para você, mas o seu silêncio é muito doloroso.

Sei que escrevo pelo prazer que isso me proporciona. Sei que preciso fazê-lo, que me faz feliz, que faz com que me sinta bem e conectada comigo mesma, mas também preciso de respostas.

Sei que você lê o que escrevo, tenho certeza de que você liga o computador à espera das minhas mensagens e sei que você não pode escrever agora. Escrever é algo que nos acontece e que não podemos forçar.

Tenho pensado muito em algo que frequentemente converso com meus pacientes: como aceitar o ritmo do outro. Por isso espero pacientemente que chegue o momento de você voltar a se conectar comigo.

Muitas vezes vejo surgirem entre os casais de que trato mal-entendidos causados pelos ritmos diferentes que os parceiros têm ao enfrentar a vida. Sei que é importante aceitar o ritmo do outro. Sei que os homens fogem quando se sentem pressionados.

As mulheres costumam se queixar de que os homens se fecham ao contato, e não se dão conta de que essa é uma resposta à pressão que elas fazem. Os homens se fecham quando se sentem pressionados, quando não lhes damos o tempo de que precisam.

68

Digo a mim mesma que tenho que continuar escrevendo para você, porque isso me dá prazer. Isso me faz lembrar a questão sobre dar e receber que discutimos tantas vezes.

O ato de dar, em si mesmo, é também receber: eu recebo o prazer de que você ganhe algo de bom que tenho para lhe dar. Recebo a alegria de que me ouça e valorize o que lhe dou. Não faz sentido dar esperando algo além do próprio ato de dar.

Mas chega um momento em que preciso de sua palavra; seu silêncio machuca. Por isso tenho que lhe dizer que esta é minha última mensagem.

Nós nos encontraremos em outra viagem, em outra conferência, em outro momento...

Com carinho,

Laura

Roberto sentiu um frio na espinha e leu novamente a mensagem. Não podia ser. Como Laura poderia parar de escrever? Ele seria privado das suas cartas só porque o idiota do Fredy tinha lhe dado o e-mail errado?

Não era justo.

Não era.

Durante as últimas semanas, Laura tinha sido a pessoa mais confiável e perspicaz à sua volta. Não podia permitir que desaparecesse como Cristina, como Carolina, como todos... Tinha que fazer alguma coisa.

Perguntou-se o que Fredy faria se soubesse que Laura iria parar de escrever. "Talvez ele respondesse a essa mensagem", pensou. Mas Roberto também não sabia o e-mail correto de Fredy. Ele poderia fazer alguns testes...

69

O telefone!

Levantou-se para buscar a lista telefônica, mas antes de chegar à estante se lembrou de que não sabia o sobrenome dele. Poderia descobrir se perguntasse pelo tal Fredy entre seus amigos psicólogos, mas e depois?

Depois Laura e Fredy passariam a se corresponder e ele perderia definitivamente o contato com ela...

E Roberto não podia abrir mão daquelas mensagens. Não agora.

Levantou-se da poltrona e começou a dar voltas pelo apartamento. Precisava encontrar uma solução.

E se descobrisse o telefone de Laura e a fizesse acreditar que Fredy estava fora do país e, por isso, não respondia?

Na verdade, não precisava de seu telefone. Poderia fazer isso por e-mail.

Laura,

Ontem à noite Fredy me ligou e pediu que lhe avisasse que ele está viajando e que...

Laura,

Ontem à noite Fredy, um amigo comum nosso, me ligou. Você já deve saber que ele teve que partir urgentemente...

Laura,

Ontem à noite Fredy, nosso amigo comum, me ligou.

Pediu que lhe avisasse que está viajando e lhe pede que, por favor, continue a escrever para ele. Quando voltar, ele lhe explicará tudo...

Laura,

Ontem à noite Fredy, nosso amigo comum, me ligou.

70

Não sei se você sabe que ele está fora do país. Conversamos um pouco e ele me pediu que lhe dissesse para continuar com o livro e que, assim que voltar, ele mesmo responderá a todas as suas mensagens...

Não adiantava. Fredy parecia um estúpido. Em qualquer lugar do mundo há computadores... Por que ele pediria a um amigo para avisar a Laura, em vez de fazer isso pessoalmente?

Isso!

Por que o próprio Fredy não respondia?

Por que não?

Não havia webcams, nem letra manuscrita, nem remetente. Como Laura poderia descobrir que o pedido de desculpas vinha dele e não de Fredy?

Laura,

Imploro que não fique chateada. Tive algumas complicações no trabalho e estive viajando, por isso não pude responder às suas maravilhosas mensagens...

"Maravilhosas." Seriam maravilhosas para Fredy?

.não pude responder às suas mensagens. Acho que em cerca de dois meses terei mais tempo para lhe responder. Enquanto isso, não deixe de me escrever. Tudo o que você diz é muito útil para mim e tenho certeza de que o livro será genial.

Beijos,

Fredy

Releu a mensagem, apagou "em cerca de dois meses" e substituiu por "em breve". Apagou "Beijos" e escreveu "Um forte abraço". Acrescentou um "Cara" antes de "Laura" e trocou "Imploro" por

71

"Peço". Tirou "Tudo" da frase "Tudo o que você diz", e trocou o "genial" por "um sucesso".

Cara Laura,

Peço que não fique chateada. Tive algumas complicações no trabalho e estive viajando, por isso não pude responder às suas mensagens. Acho que em breve terei um pouco mais de tempo para lhe responder. Enquanto isso, não deixe de me escrever. O que você diz é muito útil para mim e tenho certeza de que o livro será um sucesso.

Um forte abraço, Fredy

Não estava ruim.

Roberto respirou fundo e olhou para o botão de "Enviar". Antes de clicar decidiu reler a mensagem que estava prestes a mandar.

Voltou ao texto e apagou "forte", deixando apenas "Um abraço".

Tinha que parar de revisar a mensagem ou não a mandaria nunca. Além do mais, não tinha nada a perder: se não bolasse alguma resposta, as mensagens de Laura não chegariam mais.

Apertou o botão e enviou a mensagem.

A tela piscou e o aviso "Mensagem enviada" apareceu diante de Roberto. Não havia mais volta.

72

Capítulo 6

Ele parecia um adolescente apaixonado esperando ao lado do computador, como quando tinha 16 anos e ficava ao lado do telefone aguardando a ligação de Rosa, sua primeira namorada.

Mas Roberto não tinha 16 anos e Laura não era sua namorada, de modo que se sentia muito incomodado por aquela ansiedade tão pouco justificada.

Quando esperamos que algo aconteça sem que possamos interferir em seu curso, a espera é sempre maior. E, de qualquer maneira, mesmo que não haja nada de errado, sempre nos parece estar demorando demais. Portanto, a semana sem notícias de Laura tornou-se insuportável.

O que Roberto faria se ela não voltasse a escrever?

Pouco a pouco, Laura estava ocupando em seus pensamentos espaços inadequados para uma relação que não existia.

Foi para a cama pensando na poesia de Nicanor Parra sobre o homem imaginário.

Às quatro da manhã de segunda-feira acordou agitado, suando e com o coração acelerado. Sem nenhum outro motivo além de uma vaga sensação, acreditou que estava sonhando com ela.

73

Sonhando com Laura... com a Laura imaginária.

Ele havia estudado que os sonhos são imagens ligadas aos sentidos e que as pessoas que nasceram cegas sonham com sons. Que sonho se pode ter com a ideia de alguém?

"Quanto tempo mais vou esperá-la?", pensou.

Procurou uma folha em branco e escreveu:

"Vinte vezes por dia,  
sete vezes por semana,  
ligo o computador,  
espero carregar programas,  
abro o gerenciador de e-mail  
procurando entre as mensagens,  
não está a desejada,  
clico para finalizar,  
preciso esperar  
também para sair,  
maldição,  
desligo o computador,  
tomo um café,  
ligo a TV,  
e deixo tudo  
.até recomeçar."

Roberto vestiu um casaco e saiu, só para não ficar em casa.

"Não foi suficiente."

É lógico.

"Ela escrevendo, pensando, e o idiota não lhe responde." "Tem que ser estúpido... Uma grande mulher inclui você em

74

seu projeto, se compromete com você em algo que planejaram juntos, a comunicação é cortada e você não dá notícias. Tem que ser estúpido, muito estúpido."

"Não se pode ser tão imbecil a ponto de deixar uma mulher esperando por uma resposta que nunca chega... Se você não está interessado, diga não estou interessado' e termine..."

"Esse é o tipo de cara que depois se queixa das mulheres que o abandonam..."

A medida que ia caminhando, ficava cada vez mais irritado com Fredy. Se estivesse no lugar dele, nunca teria feito isso. Lembrou-se do ditado que sua mãe costumava repetir: "Deus dá nozes a quem não tem dentes", e riu por causa da vulgaridade da associação.

"Talvez a maneira de cuidar da minha criança interior seja começar a pensar como minha mãe", disse a si mesmo. E voltou a rir, desta vez em voz alta, enquanto subia as escadas que conduziam a seu apartamento.

A dois metros da porta ouviu o telefone tocar. "Laura", gritou e tentou se apressar para chegar ao aparelho antes que a secretária eletrônica atendesse.

Depois de um tempo, enquanto recolhia o conteúdo de seu bolso que se espalhara na soleira da porta, conseguiu ordenar seus pensamentos e perceber que seu subconsciente havia lhe pregado uma peça.

Quando finalmente encontrou as chaves e abriu a porta, Cristina terminava de gravar sua mensagem.

- É triste que você não me atenda, por isso não voltarei a ligar. Talvez em outro momento de nossas vidas possamos conversar. Adeus.

Por um momento teve a sensação de que não era a primeira vez que ouvia aquelas palavras, exatamente as mesmas, mas de outros lábios...

75

Roberto encolheu os ombros e pensou que era melhor assim, pois não saberia o que dizer a ela agora. Pensou também que não devia se distrair: precisava de toda a sua energia para suportar o silêncio de Laura.

Tentou voltar à sua ideia original de escrever para ela como se fosse "o amigo de Fredy".

Laura,

Fredy está ansioso porque não tem notícias suas. Ele teme que você tenha se chateado por algum motivo. Por favor, escreva-lhe algumas linhas para que...

Absurdo!

Totalmente sem esperança, conectou-se mais uma vez à internet.

A caixa de entrada foi inundada por queixas cada vez mais enérgicas de seus clientes.

Roberto respirou fundo e soltou um suspiro alto. Era hora de agir como um adulto, se não quisesse jogar fora tudo o que havia conquistado com tanto esforço nos últimos anos de trabalho. Com ou sem vontade devia voltar ao escritório, retomar suas responsabilidades profissionais e proteger suas economias.

Cuidadosamente, tomou nota de tudo o que estava pendente e das cinco propostas de trabalho que tinha recebido recentemente. Então sentiu que ainda estava em tempo.

Tomou uma dose dupla dos florais de Bach que sua amiga Adriana lhe receitara e foi para a cama cedo.

Teve um sonho maravilhoso e hollywoodiano. Depois de fazer um esforço sobre-humano, ele, que no sonho era uma espécie de maratonista, chegava em primeiro lugar.

Uma loira o esperava, chorando emocionada, corria em sua direção com um lenço

76

na mão e, ao se aproximar dele, o abraçava e beijava incansavelmente.

Acordou fazendo um esforço para prolongar o sonho um pouco mais. Tentava não abrir os olhos para reter aquela imagem que tanto o confortava: o triunfo, o reconhecimento, Laura...

Enquanto escovava os dentes, pensou: "Vou ter que trabalhar duro. Uma mulher de valor não se conforma com um trabalhador medíocre. O sonho é óbvio: a loira está me esperando na linha de chegada."

Ele passou o creme de barbear, encarou o Papai Noel de barba espumosa que lhe devolvia o olhar no espelho e lhe disse: "Alcançar... Vencedor!"

Acabou de se barbear assobiando e, depois de deixar um bilhete pedindo que a faxineira deixasse a casa em ordem mesmo que isso levasse mais tempo do que o combinado, foi para o escritório.

Quando desceu do táxi, o jornaleiro e o porteiro do prédio não puderam deixar de sorrir de espanto ao vê-lo chegar tão cedo. A mesma coisa quase aconteceu com Roberto:

não podia evitar a surpresa diante do sorriso que sentia estampado em seu rosto. Graças a essa surpresa, ou apesar dela, trabalhou muito e bem naquele dia, e no seguinte, e também no outro.

Na sexta-feira, quando chegou em casa, pensou que fazia anos que não tinha uma semana de trabalho tão produtiva. Merecia o banho de espuma que preparou e o sushi que pediu em domicílio: sashimi de salmão, niguiiri de atum e Califórnia roll.

Na segunda-feira, Roberto ligou o computador buscando a confirmação de uma compra de materiais que havia feito na quarta-feira anterior. Ficou surpreso ao encontrar uma mensagem de carlospola sua espera. Dessa vez o assunto era: "Deixar as ilusões".

77

Fredy,

É necessário nos distanciarmos da ilusão para enxergarmos o ser que temos diante de nós.

Hoje falamos sobre isso em um grupo: a dor de deixar de lado as ilusões e aceitar a realidade. Nesse momento de crescimento, paramos de brigar e aceitamos as coisas como elas são.

Trabalhamos com um rapaz de 30 anos que acaba de romper com uma mulher que o rejeitou. Ele falava da dor de perder a ilusão que havia construído em torno dela.

É justo chamar o fato de "perda de ilusão" porque, quando esse rapaz percebeu o que realmente estava acontecendo que ela o maltratava e não lhe dava nada do que ele precisava -, é óbvio que não quis continuar o relacionamento. Mas ela sempre lhe prometia algo que nunca lhe dava, e ele estava preso a isso.

Sua verdadeira dor é aceitar que havia se deixado enganar e que gostaria de ter mantido aquela ilusão. Mas a realidade se impôs. Ela é isso que ele vê agora, não a promessa que lhe vendia.

O momento de deixar as ilusões, dizendo "vamos curtir o que existe e parar de chorar pelo impossível", é decisivo para a vida de uma pessoa.

É doloroso desistir do parceiro ideal, da paixão permanente, mas é a única maneira de manter um relacionamento saudável. Todos nós

amamos nossas ilusões e não é fácil deixá-las. No entanto, no fim, a realidade sempre acaba se impondo. Como costumava repetir Fritz Perls, "uma rosa é uma rosa que é uma rosa que é uma rosa..."

A realidade é, e diante dela as ilusões se dissipam.

Eu entendo que você tenha pouco tempo, mas me declaro absolutamente incapaz de seguir sozinha.

Sinto muito,

Laura

78

A mensagem confirmou o que Roberto já sabia: as desculpas que havia mandado em sua breve mensagem na semana anterior não tinham sido suficientes. Laura deixaria de escrever... Adiantaria tentar mais uma vez?

Laura,

É claro que você pode escrever o livro sozinha.

Minha colaboração tem sido tão pequena que não lhe fará diferença. Não gostaria de me sentir obrigado a escrever quando nada me vem à mente. Acho que isso não deveria impedi-la de seguir em frente, porque o que você escreve é muito valioso.

E, acima de tudo, não se esqueça de me enviar o que escrever para que eu possa continuar aprendendo com você.

Um beijo,

Fredy

Enviou a mensagem, leu mais alguns emails e foi para o escritório.

Naquela mesma noite, ao ligar o computador, encontrou a resposta de Laura.

Fredy,

Recebi sua última mensagem e a interpreto como aquilo que é: um enorme elogio.

No entanto, por alguma razão que desconheço, ao lê-la, tive a sensação de que algo mudou em você. Talvez você não esteja mais interessado no livro, já não tenha energia para colocar neste projeto ou quem sabe simplesmente não esteja mais interessado em escrevê-lo comigo...

Aceito o elogio, mas não quero escrever sem você e, ainda que quisesse, seria muito difícil continuar sem contar com suas palavras, de que preciso e às quais dou muito valor.

79

Não quero forçá-lo, apenas me recuso a levar isso à frente movida pela fantasia de que estamos escrevendo juntos e esperando por suas opiniões que nunca chegam, assim como também me recuso a tocar sozinha este projeto que uma vez sonhamos juntos.

Não deixe que isso o preocupe. Tudo acontece a seu tempo.

Outro beijo,

Laura

Estava tudo perdido! Embora no fundo soubesse que Laura não sabia de nada, Roberto sentiu-se descoberto e se sobressaltou. Aquela frase era realmente perturbadora e parecia acabar com o jogo: "ao lê-la, tive a sensação de que algo mudou em você."

E se o seu estilo fosse muito diferente do de Fredy? Talvez ele nem sequer a tratasse informalmente... Talvez as desculpas simplesmente não combinassem com seu jeito de ser. Como poderia saber? E agora?

Roberto se levantou e começou a caminhar pelo apartamento. Não podia, não queria, não devia desistir. Embora continuar insistindo pudesse ter efeito contrário ao desejado: cedo ou tarde Laura descobriria o engano e, é claro, seria o fim da linha.

Tentou se acalmar. O que responderia um homem como Fredy numa situação dessas? Era impossível prever o comportamento de um estranho. Na verdade, disse a si mesmo, era impossível prever com exatidão a reação de qualquer um.

Essa era a resposta! Tinha que dar sua opinião. Era isso que Laura estava pedindo a Fredy.

Pegou um café, sentou-se diante do teclado e começou a responder à mensagem.

80

Laura,

Eu também tive a sensação de que algo havia mudado em você. Mas, ao contrário de você, não acho que isso interfira em nosso projeto. Afinal, não somos nós que afirmamos que as respostas previsíveis ofuscam o futuro dos relacionamentos? Não dizemos sempre que a mudança do outro é justamente o que permite que cada encontro seja maravilhoso? Você não acha que, entre nós dois, a imprevisibilidade de nosso modo de agir é o que torna este relacionamento mágico? Mágico, sim. Mágico!

Acho que não estou totalmente de acordo com isso que você diz sobre "deixar as ilusões". E associo nossa relação à magia porque acho que, como disse meu amigo Norbi, a magia existe. Existe de verdade, cada vez que uma ilusão se transforma tangivelmente (e com nossa colaboração) em realidade.

Creio que concordará que acontece conosco o mesmo que acontece a qualquer casal: precisamos de um pouco da magia que só virá se pudermos ser surpreendidos ao nos vermos hoje em um lugar diferente do que aquele no qual estivemos até ontem, uma surpresa sem medos, uma surpresa sem paralisia, uma surpresa que desperte mais o frescor da curiosidade do que a insegurança do desconhecido. E acho que você vai concordar comigo que apenas ao aceitar a realidade como ela é seremos capazes de

mudá-la. Tornemos possível nossa fantasia e então poderemos desfrutar esse sonho compartilhado, seja ele uma família, uma viagem, um relacionamento ou um livro.

Em todo caso, como dizia Ambrose Bierce: "Se você quer que seus sonhos se tornem realidade, acorde."

Mil beijos,

Fredy

A resposta de Laura traria a alegria de ele ter transformado uma fantasia em realidade: a fantasia de que Laura continuasse escrevendo.

Caro Fredy,

Você me surpreende! Sempre me surpreende! Será o mesmo Fredy que conheci? E, mais ainda, serei eu a mesma Laura com quem uma vez você decidiu escrever um livro? Provavelmente, não.

No entanto, quando a magia se faz presente, o encontro acontece. Ou, ao contrário, quando o encontro acontece, a magia se faz presente... Adoro a magia, a magia do encontro. Que incrível!

Sentar diante do computador e ler seus comentários me ajuda a me sentir melhor. Poder continuar com o projeto e não ter que abrir mão do meu sonho é a mágica que desperta novamente meu desejo de escrever.

Gosto da palavra "magia". É uma palavra mágica. Desde que cheguei ao consultório, esperava ter uma hora livre para voltar a escrever.

Você disse uma coisa que considero muito verdadeira: o que acontece entre nós é mágico. Sinto que a energia que me impele a escrever sai de minhas entranhas, não há exemplo melhor. Sempre pensei que, ainda que as letras sejam iguais, o significado é diferente se as palavras saem da alma.

Coloquemos um pouco de ordem em nossas ideias: não só não há casais sem conflito, mas são os conflitos que tomam atraente estar com o outro. E, mais que os conflitos, as diferenças (que são justamente aquilo que gera o conflito).

Às vezes me irrita por Carlos ser tão condescendente com todo mundo, mas também penso que, se não fosse assim comigo, as coisas não teriam dado certo. Ele é assim comigo e com todos. Seria absurdo pedir que ele fosse assim comigo e não com os outros, porque é de sua natureza.

82

Acredito que seja possível aprender com as dificuldades. É uma maneira de estar no mundo, observar o que acontece e ver como lido com a situação. Digo que é uma maneira de estar no mundo porque ter um plano predefinido é muito diferente de deixar que a vida flua. A vida não consiste em cumprir certos objetivos predefinidos;

assim seria muito chata. É diferente se nos propusermos a ver o que acontece e decidir como agir à medida que as situações vão surgindo.

Muitas angústias e depressões são geradas porque temos uma ideia predefinida de aonde queremos ir e, quando o plano não se cumpre, ficamos frustrados. Quando você não age de acordo com as minhas expectativas, não o amo. E não é assim. A vida é mais suportável se adotamos a atitude do surfista: são as ondas que marcam o caminho, não minha ideia de aonde tenho que chegar. É melhor descobrir o caminho conforme as pedras que vamos encontrando.

Que relaxante é chegar ao ponto de poder dizer: isto é o que posso fazer, isto é bom para mim. Não existe um modelo de vida; você não gosta daquilo que eu amo, e tudo bem. Por que tenho que convencê-lo de que olhar o rio é mais divertido do que navegar na internet? Você fica com o computador e eu vou ao rio. Nos vemos depois.

Levei anos para aceitar que Carlos não gostava do rio como eu. A maioria das pessoas briga porque quer convencer o outro de que sua postura é que está correta. Partamos do pressuposto de que não há uma postura correta.

Acho que as pessoas precisam da aprovação do outro para confiar no que pensam ou sentem. Seria genial poder dizer "isto é bom para mim, ainda que todo mundo goste de outra coisa", e poder respeitá-lo: não precisar da autorização do outro, apenas aceitar a diferença.

Não há uma única maneira de viver. Cada um faz o que pode para ser feliz. Cada casal tem que encontrar seu próprio caminho.

83

E a vida vai fluindo quando a gente se abre dessa maneira. É maravilhoso tudo o que acontece quando nos lançamos à aventura de viver, ao caminho do herói. Os conflitos se convertem em algo interessante, em uma aventura para o descobrimento de si mesmo.

Não lhe parece chato saber tudo o que deseja que lhe aconteça? É como estar sozinho, não tem magia.

Como diz meu amigo Luis Halfen: "Podemos viver a vida como se fôssemos um condutor do metrô, sabendo exatamente aonde ir e como é o caminho. Ou então podemos viver como um surfista, seguindo a onda." Proponho-lhe que sigamos as ondas. Vamos nos divertir. E também se trata disso.

Está vendo? Suas mensagens me inspiram a continuar escrevendo. Beijos,

Laura

Roberto acabou de ler e sentiu a mesma urgência que Laura dizia que a impelia a escrever.

Inacreditavelmente, sem pensar se era ele ou Fredy quem escrevia, digitou sua resposta e a enviou:

Olá, Laura,

Recebi sua mensagem.

Gostei muito dessa imagem do surfista e do condutor do metrô!

Parece uma ideia poderosa. Na verdade, a vida é um equilíbrio delicado e imprevisível. Não basta nos deixarmos levar pela onda, também é preciso saber que ondas surfar. A metáfora se ajusta a tudo o que pensarmos: para surfar, você deve estar disposto a deparar com coisas que não pode prever (ninguém sabe como a onda virá), Tudo é uma mistura de arte e treinamento. Ninguém nasce sabendo e é imprescindível estar disposto a correr

84

o risco de tomar alguns caldos ou de levar alguns tombos que nos deixarão cheios de contusões e experiência para enfrentar a próxima onda.

É verdade. Não bastam os sonhos, não basta a fantasia, não bastam as ilusões, não bastam o desejo e os projetos... E, no entanto, sem eles não há caminho.

Envio-lhe algumas ideias nas quais estive trabalhando.

Acredito que todas as nossas ações coerentes começam em um sonho, isso que vulgarmente chamamos de fantasia e que se expressa assim:

"Que bonito seria... "

"Que incrível poderia ser..."

"Seria maravilhoso..."

Se nos apossarmos dessa fantasia e a experimentarmos como se fosse uma camisa, ela se transforma em ilusão:

"Como eu gostaria..."

"Adoraria que..."

"Seria genial se algum dia eu pudesse..."

Se deixo que essa ilusão se incorpore a mim, se a rego e a deixo crescer, um dia ela se transforma em desejo:

"Queria estarem..."

"O que mais desejo é..."

"Quero de verdade..."

Chegando a esse ponto, talvez eu seja capaz de me imaginar realizando o desejo. Nesse momento, ele se transforma em um projeto:

85

"Eu vou fazer..."

"Em algum momento..."

"Em breve eu..."

Daí em diante, só me resta elaborar o plano, a tática ou a estratégia que me permita ser um fantástico mágico que materializa a realização do meu sonho.

Atenção: até esse momento não mexi um dedo. Todas as minhas ações são internas e, no entanto, quantas coisas aconteceram dentro de mim enquanto eu apenas fantasiava...

Você vai dizer que isso não é suficiente. É verdade, muitas vezes não é suficiente. É preciso realizar o que se planejou e corrigir os erros.

Temos de conseguir um traje de banho, pegar a prancha de nossos projetos, embarcar na vida e esperar atentamente a onda da realidade para subir nela e surfar até a praia mágica da satisfação.

Beijos,

Fredy

Roberto releu o que estava escrito. Sentia-se completo. Ainda que tudo aquilo não passasse de um jogo efêmero, esse jogo o havia incentivado a estudar, ler e pensar como poucas vezes antes havia feito. Até aquele momento não sabia que guardava dentro de si aquela capacidade de expressar seus pensamentos por escrito.

Se o amor estava conectado aos aspectos mais sábios e iluminados de cada um, sem dúvida Roberto estava amando.

86

Parte dois

trebor

Capítulo 7

Roberto levantou-se satisfeito. Estava convencido de que, por enquanto, tinha conseguido reverter a decisão de Laura. Gostava da ideia de que estava salvando um livro para o futuro, mesmo que isso significasse ajudar Fredy, aquele estúpido que, sem saber, lhe devia a continuidade de sua participação no projeto.

No escritório, tudo ia de vento em popa. Naquela manhã terminou de diagramar a propaganda institucional que uma empresa de gestão de fundos de pensão havia encomendado.

Seus pensamentos estavam tomados pelas mensagens do dia anterior, e propôs uma campanha sobre a ideia de aceitar a passagem do tempo. Baseou a proposta em abandonar a ilusão da eterna juventude e tornar real o sonho de uma velhice segura.

No final da tarde, de volta para casa, ainda ressoavam em seus ouvidos os aplausos espontâneos e as felicitações que havia recebido na reunião com a diretoria, durante a qual expôs seu pré-projeto publicitário.

"Mais uma coisa para agradecer a Laura", pensou.

Correu para casa a fim de reler as mensagens. Tinha a sensação de tê-las lido rápido demais na véspera.

Roberto sempre odiara aquelas promoções para turistas que ofereciam visitas a 12 cidades em 10 dias. Desde sua primeira viagem, sempre tinha vontade de permanecer algum tempo no lugar onde aterrissava. Precisava "passar novamente" por um lugar para poder registrá-lo na retina, no ouvido, nos pés, na mente. Tinha a mesma sensação com relação às palavras de Laura: não lhe era suficiente ler suas mensagens só uma vez. Precisava voltar e extrair delas o que lhe parecia mais importante ou mais impactante, ou simplesmente aquilo com que mais se identificava.

"É necessário nos distanciarmos da ilusão para enxergarmos o ser que temos diante de nós."

"A dor de deixar de lado as ilusões e aceitar a realidade."

"A realidade é, e diante dela as ilusões se dissipam."

"Também me recuso a tocar sozinha este projeto que uma vez sonhamos juntos."

"Tudo acontece a seu tempo."

"Acredito que seja possível aprender com as dificuldades."

"Ávida não consiste em cumprir certos objetivos predefinidos, ou seria muito chata."

"Partamos do pressuposto de que não há postura correta."

Ficou pensando nas duas metáforas que mais lhe agradaram: a de viver como um surfista ou como um condutor de metrô, e a de que cada casal tem que encontrar seu próprio caminho. Logo se deteve na pequena história sobre o consultório.

"Trabalhamos com um rapaz de 30 anos que acaba de romper com uma mulher que o rejeitou. Ele falava da dor de perder a ilusão que havia construído em torno dela."

No fundo, Roberto se identificava com aquele paciente do grupo. Também rompia seus relacionamentos cada vez que sentia que sua parceira o rejeitava. Também havia sentido centenas de vezes a dor de perder as ilusões depositadas em uma relação.

Mas havia algo que ele não entendia...

"Sua verdadeira dor é aceitar que havia se deixado enganar..."

89

Seria esta a verdadeira dor dos relacionamentos: aceitar a realidade de que nos deixamos enganar? Ele havia se deixado enganar? Existe essa possibilidade, "se deixar enganar"? Em todo caso, qual tinha sido o erro das mulheres com que havia se relacionado? Não ser como ele as havia imaginado, desejado, sonhado ou necessitado?

Como Laura dizia: "Quando a paixão passa, não há outro remédio senão enfrentar a realidade do outro."

Era duro. Tinha que pensar naquilo: amor, relacionamento, ilusão, decepção, engano...

E, por fim, se deteve na frase:

"Seria muito difícil continuar sem contar com suas palavras."

Era evidente que Laura não se conformaria em continuar escrevendo sozinha. Ela exigia a colaboração de Fredy, e tinha toda a razão.

Sobre psicologia de casais, Roberto não conhecia mais que o resultado de sua experiência, muitas vezes dolorosa, e de seu tempo de terapia. Recordava ainda alguns conceitos de psicologia comportamental que estudara em algumas das matérias do curso de marketing, e outras tantas noções adquiridas após a leitura de alguns livros movido apenas pela curiosidade. Percebeu que esses "conhecimentos" não seriam suficientes para manter o diálogo com Laura.

Olhou o relógio. Faltavam 15 minutos para as oito. Se corresse, chegaria à livraria do centro antes que fechasse.

Passou os olhos pelas mensagens anteriores procurando alguns nomes de autores e escreveu três em uma folha:

WELWOOD

BRADSHAW

PERLS

90

Às dez horas estava de volta em casa. Trazia 10 livros em uma sacola:

A viagem do coração, o único que conseguira de Welwood. Volta ao lar, de John Bradshaw. Escarafunchando Fritz, de Frederick Perls. Sexo e amor, de Eric Berne. Reflexões de um casal, de Hugh Prather. O amor inteligente, de Enrique Rojas. Sônia, te envío los cuadernos café, de Adriana Schnake. Te quiero, pêro..., de Maurício Abadi. Vivendo, amando e aprendendo, de Leo Buscaglia. El amor a los 40, de Sérgio Sinay.

Jogou o casaco na poltrona e se sentou à mesa para examinar suas compras. Tinha sido bastante comedido. Dez livros era uma quantidade razoável, considerando seus

anteriores.

Desde a época em que fora fascinado por filosofia política, não tivera outro daqueles ataques compulsivos. No entanto, naquele dia teve novamente a sensação que, durante sete anos, o invadira sempre que entrava em uma livraria: o interesse, a curiosidade insaciável, o fascínio diante de cada livro. Esse pelo título, esse pela capa, aquele pelo autor, e esse aqui porque, ao folheá-lo, pareceu-lhe interessante.

91

Enquanto olhava os livros empilhados sobre a mesa, novos em folha, teve a sensação de ser um pirata contemplando em êxtase um tesouro desenterrado.

Antes de abrir o livro de Welwood, passou alguns minutos refletindo sobre tudo aquilo. Depois respirou fundo e leu:

Nunca, como agora, as relações íntimas nos haviam chamado a enfrentar a nós mesmos e aos outros com tanta sinceridade e consciência. Hoje em dia, manter uma ligação viva com um parceiro íntimo nos confronta com o desafio de nos libertarmos de velhos hábitos e fraquezas e de desenvolvermos todo o nosso poder, sensibilidade e profundidade como seres humanos.

No passado, quem desejava explorar os mistérios mais profundos da vida se recolhia em um mosteiro ou vivia como eremita. Atualmente, os relacionamentos íntimos se tornaram, para muitos de nós, a nova terra indomável que nos coloca frente a frente com todos os nossos deuses e demônios.

Como já não podemos contar com as relações pessoais como fontes confiáveis de conforto e segurança, elas nos colocam diante de uma nova encruzilhada na qual devemos fazer uma escolha crucial.

Podemos nos esforçar para nos prendermos a fantasias e fórmulas antigas e ultrapassadas, ainda que não correspondam à realidade nem nos conduzam a lugar nenhum, ou, ao contrário, podemos aprender a transformar as dificuldades de nossos relacionamentos em oportunidades para despertar e expor nossas melhores qualidades: a percepção, a compaixão, o humor, a sabedoria e o corajoso compromisso com a verdade. Se escolhermos esta última opção, o relacionamento se transforma em um caminho capaz de expandir nosso entendimento de quem somos e de aprofundar nossa relação com nós mesmos e com aqueles que amamos.

92

Fantástico!

Ele abriu o livro em outra página, aleatoriamente:

Todos os que enveredaram por esse caminho têm que aprender algo novo: como permitir que o compromisso evolua naturalmente, com muitos altos e baixos, avanços e retrocessos.

Portanto, a incerteza quanto à nossa capacidade de enfrentar todos os desafios que se apresentam não é um problema, é parte do caminho.

Nesse sentido, incentivaram-me as palavras de Chogyam Trungpa, um mestre tibetano, a quem certa vez perguntaram como havia conseguido fugir da invasão chinesa arrastando-se pelo Himalaia, sem preparo e com poucos suprimentos, sem nenhuma certeza quanto à rota ou ao resultado da fuga. Sua resposta foi breve: "Pus um pé atrás do outro."

O livro prometia ser revelador.

Dividindo sua atenção entre a leitura e o que estava fazendo, colocou no micro-ondas alguns pedaços de pizza guardados na geladeira, abriu uma lata de cerveja, foi até a escrivaninha, pegou na gaveta um bloco pautado e um lápis para fazer anotações rápidas.

A medida que lia, alegrava-se com o que estava acontecendo. Havia muito tempo que não se interessava tanto por uma leitura. Seria o tema? Seria porque o livro era interessante? Porque a situação era surpreendente? Seriam suas fantasias sobre Laura? Uma combinação de tudo?

Não conseguiu parar de ler A viagem do coração enquanto não o terminou, com a conclusão de Welwood:

Quanto mais profundo for o amor que une duas pessoas, tanto maior será seu interesse pelo mundo em que habitam. Sentirão sua ligação com a Terra e se dedicarão a cuidar do planeta e de todos os seres sensíveis que precisarem de sua ajuda.

93

Certa vez havia considerado a ideia de estudar psicologia. Agora, graças a Welwood, de algum lugar surgia novamente a fantasia de ser útil aos outros, um sentimento que Roberto não podia deixar de registrar rapidamente como algo estranho nele.

A semana foi literária. A Welwood se seguiram Berne, Perls e Buscaglia. Depois foi a vez de Schnake (surpreendente), Abadi e Prather (de quem já tinha lido alguma coisa anos antes). Seguiram-se Sinay e Rojas. E, por último, Bradshaw, que tinha sido postergado intuitivamente. Teve dificuldade para lê-lo (era uma autoajuda muito "à americana"), mas o que Bradshaw mostrava era tão interessante que Roberto decidiu persistir.

Quando chegou à proposta do autor de compor um conto que refletisse a história de sua infância, sentou-se diante do computador e escreveu de uma só vez:

Era uma vez, num reino muito distante, um príncipe chamado Egroj.

O príncipe havia sido concebido em um momento muito difícil da vida de seus pais. Tão logo o filho nasceu, o rei teve de ir à guerra defender o bem-estar de seu

povo, ameaçado pelos reinos inimigos. Durante anos, tudo o que o príncipe soube dele foram algumas breves notícias que os mensageiros traziam e que sua mãe lhe transmitia.

E claro que, como o rei não estava, a rainha precisava cuidar dos assuntos de governo e também não tinha tempo para brincar com o príncipe.

Embora Egroj tivesse os brinquedos mais caros e sofisticados que existiam, sofria porque não tinha com quem compartilhá-los.

O príncipe cresceu assim: solitário e silencioso. Passava grande parte do dia olhando pela janela. Fixava sempre o olhar no ponto onde a estrada do palácio desaparecia atrás do bosque.

94

Imaginava que, do meio das árvores, surgiam as bandeiras e os estandartes reais. O povo, entusiasmado, saía ao encontro do exército real e festejava o regresso triunfal de seus filhos mais queridos.

Egroj se imaginava saudando o rei de sua janela e comemorando fervorosamente o fim da guerra, um fato que lhe devolveria o pai e a mãe.

Todas as tardes, quando o sol se punha, começavam a rolar pelo rosto de Egroj lágrimas que ele só conseguia conter à noite, ao deitar a cabeça no travesseiro.

E depois, quando Bradshaw propõe que se crie um fim para o conto, Roberto acrescentou:

O tempo passou, até que um dia a rainha abdicou. O príncipe foi obrigado a assumir o trono e tornar-se rei.

Ele governou com justiça e bondade durante o resto de sua vida.

Nunca abandonou o hábito de olhar pela janela na direção do bosque.

Seu reinado foi lembrado pela obsessão do rei por construir cada vez mais pontes e estradas.

Foi isso que Roberto sempre fez: tentar construir cada vez mais estradas, pontes e caminhos para que o afeto incondicional que buscava finalmente chegasse a seu coração. Por via das dúvidas, ele também não tinha perdido o hábito de olhar, esperançoso, para o horizonte.

De certa forma, a relação com Laura era uma nova ponte. Desta vez se tratava de uma ponte sobre a realidade, uma ponte cibernética, virtual, uma ponte para Laura.

Percebeu que durante toda a semana, entre trabalho e leitura, não tivera um minuto sequer para checar seus e-mails. Salvou o conto num irquivo que chamou de "Egroj" e abriu o gerenciador de e-mails.

95

Cara Laura,

Motivado por você, estive relendo Bradshaw e, animado por suas propostas, pedi a um de meus pacientes que fizesse o trabalho de transformar em conto a história de sua infância. O resultado desse trabalho é o texto que está anexado. Depois me diga o que acha.

Beijos,

Fredy

Roberto anexou o arquivo "Egroj", clicou em "Enviar" e só então voltou sua atenção para as mensagens na caixa de entrada.

Encontrou um e-mail de Laura com o assunto "Aceitar as necessidades" e o abriu imediatamente.

Fredy,

O desencontro entre nós dois me fez pensar. Às vezes é difícil perceber aquilo de que realmente preciso...

E o pior é que a experiência me confirma repetidamente que, quando consigo entrar em contato comigo mesma e transformo uma necessidade em ação, busca, solicitação ou qualquer outra coisa, o resultado é geralmente satisfatório.

E para quê? Que sentido faz esse jogo odioso de esconde-esconde?

Talvez devêssemos dedicar uma parte do livro a explicar como se cria essa falta de contato com as próprias necessidades.

Gosto da explicação que você usou no caso de Cleveland: se ainda crianças percebemos que nossos pais não gostam quando pedimos mais carinho, mais atenção ou mais presença, provavelmente aprendemos a esconder nossas necessidades. Isso não é uma acusação contra os pais. Talvez eles não possam nos dar aquilo de que precisamos simplesmente porque não têm nem para si próprios.

96

Mas, de qualquer maneira, não há dúvidas de que é nesse momento que, a fim de aliviar a dor da frustração, começamos a tentar não sentir nossas necessidades.

Continuamos a praticar durante anos esta estratégia de sobrevivência: tentar não registrar nossas necessidades. E talvez um dia até nos identifiquemos com esse jeito de ser. Então, já não será uma estratégia, mas nossa personalidade. Não preciso de nada, me viro sozinho. Se nos mantivermos firmes nessa abordagem, esqueceremos o que somos de verdade, o que realmente nos proporciona alegria, paz e prazer.

Nesse momento, certamente acontecerá aquilo que Erich Fromm explica em seu livro sobre ter ou ser. surgirá a crença de que um novo carro, uma casa mais cara, o último desodorante ou uma conta cheia de dinheiro nos farão felizes.

A sociedade de consumo nos vende a ideia de que ter é a porta; comprar, gastar e trocar são as chaves. Quando esses conceitos são definidos em nosso sistema de crenças, é fácil manipular nosso comportamento com eles. No entanto, quando obtivermos o desejado, perceberemos que não é suficiente e rapidamente a mídia irá nos sugerir outra coisa para que continuemos no caminho errado.

Deveria chegar o dia em que pudéssemos parar e compreender que esse não é o caminho. É o momento de olhar para dentro de nós mesmos e voltar a nos ouvir. Mas não é tão fácil assim.

Nós nos esquecemos de como fazer isso e muitas vezes teremos que pedir a alguém que nos ajude a voltar a saber quem somos, que nos incite a recuperar a sabedoria que tínhamos na infância, quando podíamos rir e brincar sem parar.

Acredito que, no fundo, essa deve ser nossa verdadeira proposta: um incentivo para que todos os leitores trabalhem o desafio de recuperar a si mesmos. Uma forma de permitir que o ser se manifeste e encontre um espaço para se expressar em sua relação com o outro.

97

Falemos do desafio de aprender, ao lado da pessoa amada, a nos escutar, a nos levar em consideração, a olhar para nós como nossos pais não souberam olhar.

É muito doloroso precisar de alguma coisa e não a conseguir, e esse é o problema principal. Ninguém quer sentir a dor de precisar de algo e não o ter. Mas essa dor é a única maneira de descobrir minhas verdadeiras necessidades; é apenas ao identificá-las que poderei satisfazê-las. Se resistirmos a nos sentir vulneráveis, ficaremos cada vez mais endurecidos e afastados da possibilidade de descobrir aquilo de que precisamos.

Além disso, seguindo esse caminho fechamos também nossa capacidade de receber.

Deve-se levar em consideração que, provavelmente, essa estratégia de não sentir nos foi útil na infância. Talvez fosse mais inteligente não sentir uma necessidade que não poderíamos satisfazer.

Mas, como adultos, podemos dar a nós mesmos aquilo de que precisamos, ou encontrar as pessoas certas a quem pedir. Já não dependemos de nossos pais.

Adorei a frase com que você terminou um de seus e-mails: "Somos vulneráveis, mas não frágeis. Muitos de nós não se dão conta disso."

Não é possível haver intimidade quando usamos de subterfúgios, pois eles não nos deixam sentir. Alcançaremos nossos objetivos, sentiremos o prazer de dominar ou

de conquistar o outro, conseguiremos que ele olhe para nós. Mas isso não tem nada a ver com o verdadeiro encontro, com a intimidade, com o amor.

Em nossos relacionamentos, devemos deixar espaço para a dor e a confusão que surgem quando desarmamos nossas estratégias. Esse é o caminho de casa, o caminho do encontro com outro ser humano. O caminho do amor.

98

Você concorda?

Laura

Como poderia não concordar?

Laura usava sua linguagem, suas ideias, quase seus sentimentos. Ela colocava em palavras o que ele gostaria de dizer.

Roberto sabia quais eram suas necessidades: encontrar uma pessoa capaz de construir com ele o caminho de volta para casa.

Não era incrível que ela enviasse uma mensagem que terminava com essa proposta quando ele acabara de lhe mandar um conto sobre um príncipe que construía estradas para ver chegarem as pessoas que amava?

99

Capítulo 8

Ao reler aquelas primeiras mensagens recebidas meses atrás, Roberto voltou a ficar chateado por não ter guardado também as que chegaram à sua caixa de entrada antes.

Por meio delas provavelmente descobriria como havia surgido a ideia da troca de e-mails entre Laura e Fredy e poderia continuar se fazendo passar por ele correndo menos riscos.

Pensou que talvez pudesse pedir a Laura uma cópia daquelas mensagens. Fredy parecia muito desorganizado e era perfeitamente possível que tivesse perdido os e-mails anteriores. O mais razoável era pedi-los a Laura, que certamente os teria guardado.

Laura,

Quanto à mensagem que me mandou, quem poderia discordar?

Adorei a descrição que fez do comportamento defensivo neurótico que às vezes utilizamos para esconder nossas necessidades e emoções.

Enquanto lia, pensava que, mesmo se eu não soubesse nada sobre casais ou psicologia, teria tirado proveito dessa clareza de ideias.

Na verdade, tenho revisado as mensagens para me deleitar com o que já escrevemos e fiquei muito chateado ao perceber que, por acidente, perdi os primeiros e-mails que trocamos.

Você poderia me enviar uma cópia daquelas mensagens? (Prometo não perdê-las de novo.)

100

Aproveito para consultá-la sobre o seguinte: recebi uma mensagem de um colega da Espanha dizendo que nos ouviu em Cleveland e gostaria que recomendássemos uma bibliografia sobre casais. Diz já ter lido A viagem do coração, de Welwood, e tudo o que foi publicado em castelhano e em inglês de Perls e Bradshaw. Que outros livros você recomendaria?

Continuo achando que o nosso livro vai ser fantástico.

Responda-me logo.

Um beijo,

Fredy

P.S.: O que você achou do conto que meu paciente escreveu sobre sua infância?

Roberto continuou lendo os livros e relacionando o que aprendia com as mensagens anteriores. Durante uma semana não teve resposta, mas, curiosamente, não ficou ansioso. Na tarde de domingo recebeu uma longa mensagem cujo assunto era "História antiga".

Fredy,

Com a desculpa de lhe enviar uma cópia da nossa correspondência, aproveitei para reler o que escrevemos nesses 14 meses. (Percebeu que já se passou mais de um ano?)

Foi tão divertido! Às vezes era tudo tão ingênuo que eu mal podia acreditar que eram mensagens trocadas entre nós dois. Você ainda me chamava de Dra. Laura Jorsyl.

Você me enviou o primeiro e-mail do avião que o trazia a Buenos Aires depois de nos separarmos nos Estados Unidos. Você voltava no mesmo voo que nosso amigo Eduardo, e eu viajava para Nova York, lembra?

101

Dra. Laura Jorsyl,

Como foi bom nosso encontro no congresso! A ideia de continuar trabalhando e escrevendo juntos me deixou acordado até as três da manhã.

Você sabe - ou espero que saiba - quanto valorizo seu trabalho e seus conhecimentos.

Quando me contou que também estava pensando em escrever um livro sobre casais, senti um arrepio na nuca. Estou escrevendo esta mensagem e não posso deixar de pensar que, de alguma forma, a nossa relação reproduz a história e as dificuldades de qualquer casal.

Talvez constituir um casal-modelo não seja mais do que uma nuance do que significa constituir ou, como expusemos em nossa conferência, construir qualquer casal.

No início, algumas das coisas que temos em comum me atraem e me deleito pensando em compartilhar o que ambos temos. No entanto, como você e eu sabemos, logo surgem as diferenças.

Nos casais isso transforma aquela sintonia em atração apaixonada ou em repulsa. Como será entre nós? O que acontecerá quando as nossas diferenças começarem a aparecer? Seremos capazes de transformá-las no passaporte para abrir a porta de nosso crescimento?

Não sei. Por ora, Laura, gosto tanto da ideia de trabalharmos e escrevermos juntos que me permito me apaixonar por ela, pelo projeto, pela fantasia a respeito de tudo o que esse encontro pode melhorar em minha vida pessoal e profissional.

O avião está para decolar e o comandante acaba de dizer que todos os aparelhos eletrônicos devem ser desligados.

Sou muito grato por você ter me convidado a fazer aquela apresentação conjunta em Cleveland. Um beijo,

Fredy

102

Eu lhe respondi assim que recebi sua mensagem.

Caro Fredy,

Eu me sinto tão plena com tudo o que aconteceu no congresso! Fiquei muito contente por você ter vindo.

A apresentação do nosso trabalho foi como uma dança. Cada um tomava a palavra a seu tempo, sem termos planejado nada. As coisas fluíam muito além de decisões conscientes.

Às vezes me assusta que, apesar de sermos tão diferentes, quando começamos a trabalhar juntos a harmonia reine de maneira tão incrível. Estou muito animada com o projeto do livro. Sinto-o como uma grande aventura que pode transformar nós dois e, talvez, também nossos leitores.

Também estou apaixonada pela ideia. Imagine que estou aqui em Nova York e preferi ficar no hotel e lhe responder a sair para passear.

Meu quarto tem uma vista espetacular para o rio Hudson. Poderia ficar o dia todo em silêncio, escrevendo e olhando a água.

Quando você diz que está apaixonado pela ideia, sinto que meu peito se abre e se enche de entusiasmo. É verdade o que você me disse certa vez, que as palavras são

transformadoras. Sinto isso ao ler a sua mensagem; e por isso queria lhe escrever agora, para compartilhar com você o que estou sentindo.

Sabemos que a paixão não dura muito, como costumamos dizer aos casais de que tratamos. Em seguida vêm as dificuldades, mas estou disposta a superá-las. Toda vez que nos complicamos, encontramos uma forma de sair. Talvez seja isso o que deveríamos explicar aos nossos leitores. As mesmas coisas que acontecem entre os casais acontecem também conosco e é muito doloroso não podermos nos entender. Mas,

103

depois de superada essa situação, a relação se torna mais forte e os dois crescem.

Concentro-me nos problemas, como sempre. Você se encarrega da parte mais simpática e atraente, e eu, do difícil, do conflito. Mas isso é bom: é assim que nos complementamos.

É sempre assim. Por isso gosto tanto que façamos coisas juntos. Você diz as mesmas coisas que eu de um jeito divertido, e as pessoas as entendem melhor. Contudo, acho importante discutir a forma como às vezes nos influenciamos negativamente. Também podemos superar isso, sobretudo agora que estamos num bom momento.

Meu defeito neurótico é que quero tudo imediatamente. Fico ansiosa e persigo você. Então você se afasta e isso aumenta minha ansiedade. Eu quero sempre mais e você se afasta cada vez mais.

Quando percebo isso e me afasto, você busca o contato. Eu amoleço e então você se aproxima mais, e eu amoleço ainda mais, e tudo flui novamente.

Voltando ao congresso, não imaginei que nos dariam tanto apoio. Quase não acreditei quando lhe pediram que encerrasse o encontro com a história que havia exposto em nossa apresentação. E, quando vi você ali de pé, diante de 500 pessoas do mundo inteiro, todas o aplaudindo entusiasmadamente, senti um frio na espinha. "Este homem não existe", pensei...

Beijos,

Laura

O seguinte e-mail chegou pouco antes de meu retorno à Argentina.

104

Que inveja, Jorsyl!

Já estou em Buenos Aires e faz um frio terrível. Adoraria ter ficado mais alguns dias descansando nos Estados Unidos, mas, bem, você sabe, os pacientes estão esperando.

Na terça-feira, quando cheguei, Joaquim, meu primeiro paciente, me censurou por ter viajado uma semana nesta época do ano... Ele também me invejava.

Nunca falamos sobre isso. Você não acha que a inveja também cria atrito entre o casal?

Para mim não existe essa bobagem de inveja "boa" e inveja "ruim".

Pensava em dizer-lhe "...em algum momento lhe contarei", mas que melhor momento pode haver para as coisas do que o momento em que elas acontecem?

Então, invejo você: adoraria estar em Nova York, e adoraria que você pudesse ficar todo o tempo que desejasse.

Aproveite bastante e não se comporte bem.

Não se esqueça de que somos vulneráveis, mas não necessariamente frágeis.

Beijos, Fredy

Respondi logo em seguida.

Caro Fredy,

Estou no aeroporto, prestes a embarcar no avião que me levará a Buenos Aires. Quero voltar.

Essa viagem me fez muito bem. Às vezes preciso me afastar da minha vida, da minha família e dos meus pacientes, e então volto cheia de entusiasmo.

Eu estava pensando no conceito dos diferentes momentos  
105

de contato proposto por Bob e Rita Resnick a respeito de quanto é importante respeitar a nossa necessidade de contato e de recolhimento para nos reencontrarmos.

Minha relação com Carlos é muito importante para mim. Sentimos falta um do outro e nos reencontramos. Eu chego com várias ideias novas e isso reenergiza o relacionamento.

No início de nosso casamento, suas viagens eram muito difíceis para mim. Ele costuma viajar a trabalho três ou quatro vezes por ano. Mas agora encaro isso como uma oportunidade para nos afastarmos e nos reencontrar.

Mais uma vez associo essa lição à minha mãe. De certa forma, ela foi a primeira a me ensinar isso (como tantas outras coisas). As pessoas podem se separar durante um momento sem deixar de se amar de todo o coração. Acho importante assimilar isso.

Às vezes os casais não se permitem se separar, por medo do isolamento ou da solidão.

Acho que isso faz parte da relação. Sentir-se como uma mulher sozinha no mundo, mesmo que só por uma semana, me coloca em contato comigo mesma de novo.

Aqui não sou mãe, esposa ou psicóloga. Estou sozinha no mundo, com tempo para mim, e é um encontro comigo mesma que me renova e me faz sentir mais viva do que nunca.

Às vezes não é fácil. Ontem, enquanto caminhava pelo Museu de Arte, de repente senti vontade de compartilhar minhas sensações com Carlos. Mas é um desafio interessante.

À noite saí para jantar com um amigo americano que conheci no ano passado em um workshop de Wetwood, mas me comportei muito bem, apesar de contrariar seu conselho.

É hora de embarcar. Nos vemos em Buenos Aires. Ah! E não me chame mais de Dra. Jorsyl, porque soa muito profissional.

106

Prefiro que me chame de Laura, Lau ou L, como todo mundo.  
Beijos,

Laura

Laura,

Suponho que neste momento você esteja voando para Buenos Aires.

Fecho os olhos e imagino você cochilando em uma poltrona da primeira classe. (Por que na primeira classe? Deve ser porque acho que você é uma garota "com classe"...)

Também estou muito orgulhoso do que aconteceu no congresso e adorei a comparação que você fez com uma dança.

Desdobrando o sentido disso, vejo que todas as relações interpessoais deveriam ser assim. É claro que há danças e danças. Algumas são harmoniosas, estéticas e sincronizadas; outras, estranhas, incompreensíveis para qualquer um que não seja um dos bailarinos. Muitas são comuns e estereotipadas, quase sempre chatas e rotineiras; outras são originais, criativas e irreproduzíveis.

Algumas são pensadas para satisfazer o público; outras, para o prazer dos participantes; muito poucas, para o deleite de todos.

Muitas ficam rigidamente presas à coreografia que o momento, os costumes e a cultura impõem; e outras, finalmente, são verdadeiras improvisações expressivas que transmitem a vibração dos que dançam ao serem impactados por cada acorde e ao se deixarem fluir pelo movimento que brota de seu interior.

Sim. Cada casal é uma dança.

Venha, Laura, façamos desse encontro uma sociedade, um dueto, uma máquina, um sistema, uma equipe, um casal.

107

Atrevamo-nos a mostrar a partir de nosso ponto de vista as coisas que acontecem a todos os pares, seja um casal, um par de amigos, dois irmãos ou qualquer outra dupla - você e eu -, que são capazes de se escolher sem precisar um do outro, pelo simples prazer de fazer algo com essa pessoa e, com base nisso, desenvolver o melhor de cada um...

Adoraria poder contar com a sua lucidez, coerência, experiência, dedicação, enfim, com tudo o que você aprendeu na vida. Se é verdade que posso realizar o que você diz de mim, o livro que vamos escrever sobre casais poderá ser útil e importante.

Acho que só temos que decidir como fazer isso. Acho difícil organizar minhas ideias se estou escrevendo com outra pessoa.

Meus textos anteriores "saíram"; não me lembro de tê-los escrito. Na verdade, sempre discuto quando alguém me explica algo que tenho que escrever. Nunca fui capaz de fazer isso.

Demoro semanas ou meses para escrever cada um dos meus artigos, o tempo que levo para reunir esses momentos em que as coisas fluem de mim e depois aparecem na tela do computador. O que devo fazer, então, para escrever esse livro com você?

Não sei. Por ora acho que podemos continuar trocando e-mails e pensaremos em alguma coisa. O que você acha?

Responda-me logo. Beijinhos,

Fredy

Fredy,

Eu queria falar com você sobre o casal que você orientou a me procurar. O marido diz que quer ficar sozinho. Há muito tempo vem se obrigando a ser o que não é para que ela não fique com raiva.

108

A mulher age como uma mãe que lhe diz o que fazer e ele busca a aprovação dela o tempo todo. Chegou a um ponto em que se sente muito mal e quer se separar.

O problema aqui é que ele não consegue dizer: "Esse sou eu, isso é o que acontece comigo, é isso o que quero." Não consegue falar e se retrai afetivamente.

Ela se torna muito mais exigente, se desespera, e isso o assusta. Então ele se torna ainda mais introvertido.

A terapia deve ajudá-lo a expressar tudo o que lhe acontece. Se para ficar com o outro tenho que renunciar a mim mesmo, a coisa não vai funcionar. Essa é uma premissa

essencial para os casais.

Como ele tem muita dificuldade de falar, eu o ajudo a perder o medo que sente dela e a se permitir dizer tudo o que precisa. Está cheio de raiva por ter se submetido por tanto tempo. Por meio da terapia, vou ajudá-lo a externar toda essa raiva e então talvez volte a haver espaço para o amor.

O trabalho dela será olhar para dentro de si mesma. Por isso quero que venha sozinha. Ela o vê com olhos exigentes, esperando uma resposta, e ele fica inibido. Ela o observa o tempo todo, esperando que diga alguma coisa, e ele se sente acuado e por isso se cala. Se ela aprender a se concentrar em si mesma, ele se sentirá menos encurralado.

Ele quer vir e isso é muito positivo. Em cada sessão, pergunto se ele quer voltar, para que assuma a responsabilidade do encontro e para que não se sinta pressionado.

Na última sessão, falamos sobre o sistema que os dois têm, e ambos concordaram que é assim e não sabem como sair dele. Ele tem medo dela e por isso se submete. Esse é o problema de muitos homens: eles se submetem por medo das mulheres e se isolam afetivamente.

Nessas situações, a terapia deve ajudá-los a enfrentar a mulher em vez de se submeterem ou fugirem. Welwood diz

109

que muitos homens não tiveram um bom modelo para escapar das garras da mãe e repetem a situação com suas parceiras. Nesses casos, a terapia deve ajudá-los a se enfrentar, a perceber que podem, ao mesmo tempo, ser eles mesmos e estar com uma mulher.

O dilema é colocado da seguinte forma: para ser eu mesmo, tenho que estar sozinho; se quero ter um relacionamento, preciso me submeter.

Qual é o caminho para que eu possa ser quem realmente sou e estar com outra pessoa ao mesmo tempo?

Quando os homens sentem que não podem com uma mulher, fogem, se retiram física ou emocionalmente e se desconectam dela. Isso causa muita dor à mulher, que reclama e se torna mais exigente, o que faz com que o homem se afaste ainda mais, e assim se forma um círculo vicioso no qual a distância entre eles só faz aumentar. Um exemplo: outro dia, durante uma sessão, ele contava que estava com muita vontade de jantar com ela e de se divertir... E, quando ligou para convidá-la, ela contou que sua mãe tinha dito a uma tia que ela não estava cuidando dele. Perguntou o que ele achava disso. Naquele momento, ele se viu sem opção. Sentiu-se obrigado a responder como ela esperava, isto é, concordando, ainda que não tivesse o menor interesse no assunto. Então decidiu desligar e não convidá-la para sair. Quando vieram

para a sessão, ele me contou o que tinha se passado. E eu disse a ele: "O que teria acontecido se você tivesse dito que queria ficar com ela e não falar desse assunto?"

O que teria acontecido se você pedisse para tratar daquilo em outro momento?" E ele respondeu: "Não me atrevi a fazer isso." Então perguntei a ela como reagiria diante de uma resposta assim vinda dele. E ela disse: "Eu teria adorado que ele me ajudasse a pôr um fim àquele assunto e que tivéssemos uma noite agradável juntos."

110

Em minha opinião, o trabalho terapêutico dos homens é aprender a dizer às mulheres o que sentem, especialmente com relação a elas. Uma mulher agradece muito a um homem que se abre em vez de fugir, assim como um homem aprecia uma mulher que se abre de verdade, em vez de dizer como ele tem que ser e agir.

Gostaria de saber seu ponto de vista, já que você também os conhece.

Você me pediu para lhe responder, mas não recebi nenhuma mensagem sua. Por favor, mande-as de novo e prometo responder imediatamente.

Laura

Olá, Laura,

Aqui estou, desta vez a bordo de um avião voltando para Buenos Aires. A Espanha está cada vez mais bonita. A apresentação em Granada foi muito emocionante, mas uma das coisas que me ligaram a você e à Argentina foi dar-me ao luxo de anunciar em uma entrevista a futura publicação de nosso livro sobre casais na Espanha (o que você acha?).

De certa forma, estar na Andaluzia é como estar em casa, mas às vezes também parece outro universo, não apenas outro país. Talvez por causa dos 40 anos de Franco na Espanha, ou mais provavelmente por causa dos 40 anos de psicologismo na Argentina, eles e nós crescemos de maneiras muito diferentes.

Nunca deixo de me surpreender com o grau de repressão sexual que se percebia até a década de 1990 em alguns espanhóis (para não falar de Madri ou Barcelona, cidades cosmopolitas). Falo do espanhol nascido antes da década de 1950, em outras partes da península (e falo muito mais do espanhol do que da espanhola). O tabu é indicado por alguns deles com palavras que na Argentina quase nunca escutamos a não ser da boca de alguma vovó retrógrada ou de um exaltado pregador de cultos pseudocristãos.

111

As fantasias sexuais, por exemplo, são vividas com tanta culpa que o castigo autoinfligido é a certeza de ser condenado (estou me referindo ao Inferno, é claro). No diálogo interno desses homens, a consciência diz: "Isso está errado... não faça isso." Uma única frase: "Você se condenará! Condenará a sua alma e sua descendência!" (E isso só por ter maus pensamentos.)

O fato é que tenho falado do nosso livro com alguns colegas, especialmente Júlia Atanasópulo (uma psicóloga que fundou em Granada o Centro Andaluz de Psicoterapia Gestáltica). Nossas propostas e nossos posicionamentos, assim como os de Welwood, a princípio os surpreenderam e depois os fascinaram.

Em certa medida pessoal e profissional, eles continuam acreditando no parceiro ideal, no prazer permanente e na eterna paixão. Quando percebem que não têm nada disso, passam a buscá-lo, exigí-lo, prescrevê-lo ou se conformam.

Foi muito interessante.

Quando estava em Granada havia uma semana, Cármen, minha esposa, foi à cidade para passar alguns dias conosco, para depois voltar comigo para Buenos Aires. Fazia uns três anos que Júlia e Quique, seu marido, não nos viam juntos.

Cármen estava maravilhosa. Tinha passado três dias em Madri com uns amigos e ido para Granada depois.

Júlia perguntou:

- Está tudo bem entre você e Cármen?

- Sim - respondi. - Tudo fantástico.

- Tem certeza? - insistiu ela.

Tenho - afirmei. - Por quê?

- Sinto vocês distantes...

- Distantes? - perguntei.

112

- Sim. Frios, independentes, estranhos, Eu não respondi, mas fiquei pensando.

De certa forma é verdade: Cármen e eu crescemos muito

desde a última vez que os vimos e já não somos os mesmos. Durante esse tempo, mais uma vez, Cármen tem sido a geradora do meu desenvolvimento pessoal. Olho para trás e me vejo há anos: tão dependente, tão exagerado, tão cheio de certezas e, por isso mesmo, tão exigente!

Em um café em Ramos, Cármen assumiu um ar muito sério e, como quem dá uma notícia fatal, disse:

- Quero fazer faculdade.

Confesso que achei aquela declaração banal.

- Ah, é? - disse, displicente.

- Sim - respondeu Cármen. - Quero estudar psicologia.

- Bom - falei. E senti na garganta um nó atávico. Cem mil acusações que começavam com "estúpido, grosseiro" e terminavam com "fascista, machista e retrógrado" permaneceram em silêncio enquanto minha boca continuava: - Está decidida?

- Você está chateado? - perguntou Cármen, que sabia a resposta.

- Estou.

Durante as 48 horas seguintes, não pudemos conversar. Cármen tentava se aproximar e abordar a questão, mas eu recuava. Eu, um terapeuta supostamente esclarecido, conselheiro de casais, profissional da saúde, não sabia o que seria de mim.

Hoje escrevo sobre isso e tenho vergonha, mas foi assim. Durante anos, Cármen havia cuidado de tudo, menos do meu trabalho. Durante esses 20 anos, ela resolveu os problemas da administração da casa, dos impostos, das crianças, dos

113

mecânicos, das férias, das roupas, das visitas e da família. E agora eu sabia que não seria mais assim.

Sempre pude organizar um jantar, um passeio ou uma viagem com os amigos, certo de que Cármen não seria nenhum impedimento. De repente aquilo tinha terminado.

Era muito forte.

Muito irritante.

Muito triste.

Depois de uma semana, nós conversamos.

Eu ainda estava muito perturbado. Lembrava-me o tempo todo de meu paciente Juan Carlos, cuja esposa lhe dissera que queria voltar a trabalhar. E ele respondeu: "Por quê?

O que lhe falta? Por que você precisa trabalhar?" E, na verdade, estava confessando que não podia acreditar que sua companheira não estivesse satisfeita com o papel de esposa. Será que era isso que me incomodava?

O tempo provou que não.

O tempo mostrou que, mais uma vez, Cármen estava me ajudando a me livrar dos meus aspectos mais sombrios.

O tempo provou que é possível criar um relacionamento com quem você ama de centenas de maneiras diferentes.

"Cada casal tem que encontrar seu caminho", como você sempre diz.

Aprendi a viver nesse relacionamento diferente. Aprendi a desfrutar alguns prazeres esquecidos, como viajar sozinho. Agora sinto o alívio de não carregar minha parceira como um fardo e de não me lamentar nem ser um peso para ela.

É verdade: quase três anos se passaram desde então e de vez em quando ainda sinto falta dela. Sinto falta da Cármen de antes e que, apesar de tudo, já não decidirá tudo por mim. Obrigado por me escutar.

Fredy

114

Caro Fredy,

Estive pensando em muitas coisas durante estas semanas, mas não sabia como falar disso com você.

Em primeiro lugar, devo lhe dizer que recebemos uma carta do Congresso de Cleveland nos parabenizando pela avaliação de nossa apresentação. Os participantes tinham que dar notas de 1 a 5 e nossa média foi 4,8! O que você acha?

Eles aproveitam para nos convidar a publicar o trabalho no Gestalt Journal. Eu já respondi dizendo que estamos interessados e que nos comprometemos a enviar o material antes do dia 15 de outubro.

Seria ótimo se o livro também fosse publicado na Espanha! Voltar a entrar em contato com você me dá muita vontade de escrever.

Também tenho pensado muito no que você me explicou sobre seu relacionamento com Cármen ou com "as Carmens" que foi conhecendo com o tempo. Acho que a questão consiste em nos descobrirmos o tempo todo, observando como somos. Isto é, não esperarmos que nós ou nosso companheiro sejamos os mesmos, mas aceitar que a pessoa que está ao nosso lado pode nos surpreender a qualquer momento e que nós também podemos nos surpreender, porque podemos ser diferentes. Cada vez mais, penso que a identidade é algo que inventamos e que nos faz sofrer. Vou pensar e escrever sobre isso.

Durante este mês me aconteceram duas coisas nesse sentido.

Em Cariló, estive lendo o último livro de Milan Kundera, A identidade. Com base em uma postura pós-moderna, Kundera chega às mesmas conclusões que Welwood

de acordo com o budismo. A identidade fala de uma relação de casais. Em várias passagens, os personagens se perguntam sobre a sua própria identidade e a do outro.

Nunca sabem quem são

115

nem quem é o outro, mas continuam se procurando e fugindo um do outro, como fazem todos os casais. Welwood, por sua vez, nos incentiva claramente a fugir da ideia do ego.

Fico entusiasmada com a ideia de me descobrir o tempo todo, de me surpreender com as atitudes de Carlos. Gosto de dar espaço para o novo.

Um beijo,

Laura

P.S.: Quero muito ter notícias suas.

Fredy,

Imagino que você já tenha as mensagens seguintes. Ao reler todas essas coisas, me pergunto também o que aconteceu com os aspectos de sua vida dos quais nunca mais me falou.

Quero muito saber como você está.

Beijos,

Laura

Roberto precisava de um tempo para digerir todas aquelas informações. A situação era cada vez mais comprometedor: era imprescindível construir um perfil mais detalhado de Fredy, para evitar que Laura descobrisse tudo.

Clicou sobre o botão "Responder" e escreveu para Laura.

Laura,

Obrigado por me enviar essas passagens da nossa biografia. Acredite ou não, eu as li com a sensação de vê-las pela primeira vez.

Me pergunto se mudamos tanto a ponto de aquilo que escrevemos me soar estranho. Não é incrível?

116

De alguma forma, é estimulante. Eu me sinto uma nova pessoa e tenho a sensação de que nosso relacionamento começou hoje. Estou muito grato a você. Além disso, hoje estou especialmente grato por você ser a testemunha que me ajuda a reconstruir algumas passagens perdidas da minha história recente.

Beijos,

Fredy

P.S.: Faltou a lista de livros para o colega da Espanha e seus comentários sobre o conto. Pode enviá-los?

117

Capítulo 9

Mail delivery error.

Aquele era o assunto da primeira mensagem de sua caixa de entrada. Acontecia às vezes. A culpa era de MINCE.

MINCE era como ele chamava aquela coisa abstrata cuja existência era tão indiscutível quanto injusta. O nome fora formado pelas iniciais das palavras com que ele explicava aqueles fenômenos insuportáveis: perder-se o e-mail mais importante, apagar-se a resposta mais urgente ou aparecer um texto como:

Querido Roberto,

Escrevo para lhe dizer uma coisa muito importante.

Acontece que qua

E a única coisa que aparecia em seguida era uma tela interminavelmente branca. Ou, pior ainda, que a mensagem de um querido amigo, que estava em Kiev, dissesse:

Roberto:

```
3=##+(desc) \]] (+x+**.""{ (ç6
I k3."l@l l#.mara que me entenda.
```

Ou, como agora, quando uma mensagem enviada de acordo com as regras era inexplicavelmente devolvida ao endereço de origem.

MINCE: Maldade Inata Natural do Ciberespaço.

118

Pensou que a mensagem devolvida devia ser a última que tinha enviado para Laura. Agora teria que reenviá-la.

Clicou duas vezes sobre o ícone do envelope fechado e o programa mostrou a mensagem. Roberto semicerrou os olhos para focalizar o olhar no e-mail que havia aparecido na tela.

Algo estava errado, terrivelmente errado.

Fechou o arquivo e voltou a abri-lo. O computador mostrou a mesma mensagem. Roberto não estava entendendo nada: a mensagem devolvida não era dele. Dizia:

Querida Laura,

Aqui estou, de volta à Argentina. Desta vez, a ausência foi longa. Quando voltei, encontrei suas mensagens. Muito bom!

Acho que você tem feito um trabalho maravilhoso. Não fique chateada comigo pela falta de resposta. Tentarei compensá-la no restante do ano. Não sei por que você me mandou uma cópia das mensagens anteriores se já tenho todas elas. De qualquer forma, gostei muito de relê-las.

Um beijo,

Alfredo

Roberto leu o cabeçalho da mensagem. Dizia:

This mail has been returned for

irrecoverable error (Error=4587) from <rofrago@yahoo.com> to  
<cauospol@spacenet.com>

Releu, letra por letra: rojrago@yahoo.com

A mensagem havia sido enviada de seu e-mail. Sentiu-se confuso e surpreso.

119

Uma mistura de delírios paranóicos e fantasias passou rapidamente por sua cabeça, mas todas essas ideias foram definitivamente descartadas. Devia haver uma explicação lógica, mas qual?

A mensagem era de Alfredo e fora enviada a Laura.

- Não pode ser - pensou em voz alta, como se acusasse seu computador. - Deve haver uma explicação - afirmou.

Até então, Roberto achava que Laura não tinha o e-mail certo de Alfredo e por isso estava recebendo suas mensagens. Mas e se não fosse um erro de Laura?

Tudo indicava que o endereço de Alfredo era mesmo rofrago@yahoo.com... Mas isso era impossível!

Seria MINCE poderosa o suficiente para criar uma situação dessas? O servidor não bloqueia um endereço já em uso e, em algum lugar do mundo, um usuário acaba escolhendo o mesmo nome de outro...

Ou duas pessoas tentam se registrar exatamente no mesmo momento e com o mesmo nome: o servidor busca em seus arquivos, encontra o endereço disponível e automaticamente aceita o registro de ambos...

Ou...

De qualquer maneira, a única explicação possível era que Alfredo e ele estavam compartilhando o mesmo endereço eletrônico. Agora se lembrava de que algumas vezes tinha recebido informação, propaganda ou assinaturas em seu e-mail e as tinha excluído, pensando que fossem spam.

Você está recebendo esta informação porque registrou seu e-mail ou alguém o registrou para que você acessasse estes dados. Para deixar de receber esta informação, envie um e-mail em branco para o seguinte endereço: unsubscribe(r)...

120

Quantas vezes havia cancelado as subscrições do coitado do Alfredo em tantas coisas que talvez lhe interessassem? Lembrou-se da última vez que recebera uma mensagem

daquelas. Ele já havia enviado três vezes a mensagem "em branco", mas os e-mails continuavam chegando, então mandou uma nota, em letras maiúsculas, que dizia:

PAREM DE ME MANDAR E-MAILS!!!

Alfredo devia estar assinando suas newsletters de novo e de novo, e ele continuava cancelando. Era engraçado.

Mas o sorriso que tinha começado a se formar em seus lábios desapareceu rapidamente: se eles compartilhavam o endereço, Alfredo também recebia mensagens endereçadas a ele.

Agora entendia por que nunca conseguia que lhe enviassem os livros e CDs que comprava pela internet. Claro: quando a loja pedia a confirmação do pedido, Alfredo rejeitava a compra. Que desgraçado!

Mas então Alfredo também devia ter recebido as mensagens de Laura. Novamente havia a ameaça de que tudo fosse descoberto. Tremendo, percorreu sua lista de e-mails, desejando, pela primeira vez, que não houvesse nenhuma mensagem dela. Havia. Não uma, mas duas.

Querido Fredy,

Devemos perceber que, tal como nossos pacientes, não somos os mesmos para sempre. Na verdade, acho que esta tentativa de permanecermos os mesmos, em vez de promover o encontro, o impede.

Isso tem a ver com o que eu lhe disse sobre a identidade. Tenho pensado muito nisso.

Por causa das frustrações inerentes à educação, costumamos acreditar que não temos valor ou não merecemos ser amados, e

121

então nos vemos compelidos a criar uma identidade à imagem daqueles por quem nos sentimos rejeitados: nossos pais.

Essa identidade não é suficiente para que nos aplaudam, então criamos uma segunda identidade compensatória, que dará lugar a uma terceira, e a uma quarta e a tantas quantas forem necessárias até que recebamos a aprovação dos educadores, porque acreditamos que assim vamos conseguir que nos amem: criamos uma identidade digna de ser amada pois acreditamos que nosso ser, tal como é de verdade, não merece o amor.

Então, quando estabelecemos um relacionamento íntimo, desejamos que nosso parceiro confirme nossa identidade compensatória e, por outro lado, temos medo de que os outros possam ver nossa identidade deficiente, que percebam que não somos como nos mostramos e, portanto, que não sejamos dignos do seu amor.

O segredo é termos coragem de nos libertar da nossa suposta identidade, de nos instalarmos no mundo sem que tenhamos de responder a ela, nos descobrindo a cada momento e observando como agimos.

Estou cada vez mais convencida de que a identidade é algo que inventamos e que nos faz sofrer, porque somos obrigados a responder de acordo com ela.

Buscamos a intensidade do encontro mas, quando ele chega, nos assustamos, nos desestabilizamos. E, no entanto, é muito difícil não desejá-lo, porque intuimos que não há nada mais saudável do que um verdadeiro encontro, sem máscaras, sem ilusão e sem expectativas. Mas também intuimos que o risco de sofrer é muito alto.

Penso que o fato de nos entregarmos, de nos fundirmos com o outro, causa tanto medo que só podemos fazê-lo parcialmente, como nossos pacientes. É uma tentativa de proteção contra os dois grandes monstros: a rejeição e o abandono.

É muito difícil desejar alguém que não está presente. Talvez a tarefa consista em perder o medo da entrega. Considero um

122

caminho longo e difícil, mas, em última instância, é o caminho da vida.

Não tenho respostas: estou cheia de perguntas. Acho que podemos apenas acompanhar os pacientes para que percorram o caminho com responsabilidade e consciência do que está em jogo. Nossa missão é ensiná-los a analisar a situação a fundo, o que não é apenas uma questão de sentimento, e sim muito mais que isso.

Acho incrível o medo da entrega.

Acho incrível o modo como reagimos para não nos encontrarmos.

Acho incrível a maneira como criamos confusões e aumentamos a distância entre nós.

Acho incrível como confundimos a nós mesmos e aos outros.

Quando desejamos e o outro está presente, é muito bonito. Mas, quando não é assim, a dor parece mais insuportável do que qualquer outro sofrimento. Por isso às vezes bloqueamos a tentação de sermos espontâneos e buscamos vidas seguras trancadas em nossa velha personalidade aconchegante e estruturada.

Não que isso esteja errado, porque também não podemos viver em carne viva. Acontece que viver trancado em uma identidade se torna, mais cedo ou mais tarde, tedioso ou angustiante.

A intensidade atrai e dói: nós a buscamos, mas não podemos suportá-la, disse minha amiga Renata.

Que dilema.

Repito: não tenho respostas

Nós só podemos propor o problema... E isso traz mais perguntas.

Talvez tenhamos que aceitar que nem no livro nem fora dele podemos dar respostas, apenas perguntas que ajudem as pessoas a pensar em suas vidas.

Laura

123

Fredy,

A palavra "mistério" invadiu meu pensamento.

Há pessoas com quem me abro e outras que fazem com que eu me feche. Por quê?

Acho que em parte isso "acontece" e em parte sou eu que decido me abrir ou não para determinada pessoa em determinado momento.

Está sempre à espreita o medo da entrega, do sofrimento, da desestabilização, de perder tudo o que conseguimos com a construção da nossa identidade.

Estou interessada no tema da química com o outro, talvez porque aí esteja o mistério.

Por exemplo, fiquei chocada ao perceber como podemos olhar para uma pessoa em um instante e rejeitá-la e, no entanto, em outro momento, ao mudar o olhar, nos surpreendermos amando-a.

Isso está relacionado àquilo que conversamos sobre a suposta identidade... E este é o paradoxo do vínculo amoroso: todo o tempo somos outro, e o outro... o outro também o é.

A proposta é aceitar isso e ver quando acontece o encontro e quando não: aceitar essas idas e vindas do relacionamento como algo que é assim, sem esperar outra coisa, e não exigir que sintamos sempre o mesmo. Aceitar com prazer o movimento das emoções e, é claro, aceitar que o outro também tenha esse comportamento. Permitir-se viver o mistério dos relacionamentos, como dizia o poema que li para você naquele dia no bar:

"Se você sabe se relacionar com seu marido ou sua esposa, não está casado de verdade, simplesmente está aplicando psicologia.

Sempre que uma relação é real, ela está se criando e se recriando a cada momento."

124

Acho que essa dinâmica do real também opera sobre a personalidade. Refiro-me ao "ser dentro do casal" e ao "ser" de cada

um. A personalidade é um veículo para chegar a ser; dissolvendo-a, chegamos à nossa essência.

A personalidade se identifica com uma parte do ser à qual atribui o valor da totalidade. É importante termos consciência de que somos o ser e não apenas a posição com a qual nos identificamos.

A mente tem a capacidade de nos definir de determinada maneira, como se, ao sermos de um jeito, não pudéssemos ser de nenhum outro. Esse é o mecanismo que nos impede de ser completos.

Damos por certo que somos o eu que nossa mente construiu e não percebemos que esse eu é algo que se formou no passado, que tem suas raízes lá, e que sua lealdade é direcionada para as coisas que aconteceram naquela época, fatos e memórias mais ou menos distorcidos que estamos sustentando e tentando manter ou ocultar. Por conseguinte, não podemos estar totalmente presentes, porque estamos presos às coisas do passado que foram determinantes para criar a nossa identidade.

O eu estruturado é uma resistência à presença incondicional.

A terapia tem como objetivo acabar com nossa lealdade para com o eu construído, o eu habitual, no sentido amplo do ser, e transferi-la para o que poderíamos chamar "nossa verdadeira natureza", que está fora das barreiras do eu construído e que não pode ser contida dentro delas.

Temos que estar preparados para nos afastar de nossa personalidade, para deixar que perca força, para agradecer-lhe por nos ter ajudado a sobreviver até agora, mas aceitar que já não nos serve.

Estamos acostumados a viver de acordo com ela: não sabemos o que sentimos ao nos deixarmos levar, sem o freio da nossa

125

identidade. Temos medo, por isso é muito difícil entrarmos em contato com os aspectos mais sombrios de nosso ser e abandonar nossa velha e conhecida identidade. O fato de dar e receber amor se converte em uma tarefa muito difícil, se não estou decidido a abandonar minha velha estrutura.

Não é que possamos tomar a decisão de deixar nossa velha identidade e nos conectarmos

imediatamente com nosso ser. Se fosse assim tão fácil, todo mundo o faria, porque todos buscamos amor. De maneiras diferentes, todos buscamos amar e ser amados, aceitos, levados em consideração, etc.

Não se trata de nos livrarmos de nosso eu construído ou de destruí-lo. Nem sequer é uma questão de criticá-lo ou condená-lo, de maneira alguma. Fazer isso seria um erro, porque ele é parte do caminho. Ele teve e continua a ter uma função.

Às vezes, as diferenças entre a estrutura e a essência não são tão rígidas, mas são sempre importantes. A estrutura é baseada no passado, enquanto a essência é sempre presente.

A estrutura é reativa, enquanto a essência é aberta e não reativa.

A estrutura está relacionada com "fazer", com o esforço. Em contrapartida, a essência é sem esforço, é não fazer.

A estrutura está sempre à procura de alguma coisa, querendo alguma coisa, precisando de alguma coisa, sempre sedenta e deficiente. A essência é plena, não precisa de nada.

A estrutura olha para fora. A essência se concentra em si mesma.

Welwood nos incentiva a afastar a ideia de um eu estruturado. Ele propõe que nos conectemos com o vazio em vez de lutar pelo preenchimento de uma identidade falsa.

Mas essa sensação de vazio é vivenciada como uma grande ameaça à nossa estrutura. Na verdade, todo projeto de identidade é um método de defesa para não sentir esse vazio.

126

A mente não pode compreender o vazio. A mente cria histórias sobre o vazio como se fosse um buraco negro. O eu cria uma barreira, e tudo o que está do outro lado parece perigoso.

O eu estruturado transforma esse comportamento medroso em uma necessidade vital, conseguindo que a vida acabe girando permanentemente em torno do risco que o vazio oferece.

Acho que estaremos muito mais vivos se nos atrevermos a perceber que não temos a obrigação de saber quem somos o tempo todo e que não temos por que assegurar exata e detalhadamente o que se pode esperar de nós.

Devemos perceber que podemos, sim (talvez até devêssemos), nos lançar à experiência da transformação, sem nos prendermos a um eu que nos limita a algumas poucas respostas conhecidas.

Essas ideias poderiam ajudar a estar com um parceiro, porque permitiriam afrouxar os laços antigos e, principalmente, porque libertariam nossos companheiros de viagem de seus próprios condicionamentos.

Espero tê-lo surpreendido com essas reflexões.

Laura

Roberto pensou que deveria resolver a questão de sua identidade. Afinal, estava vivendo uma ilusão. Por que não podia se relacionar com Laura como ele realmente era? Tinha que refletir sobre isso. Por ora, tudo parecia estar em ordem... Ainda. Se chegasse a tempo, evitaria a catástrofe.

Copiou a mensagem de Alfredo em seu computador e depois a excluiu do servidor. Se Alfredo não encontrasse o aviso de falha no

127

envio, nunca saberia que Laura não tinha recebido a mensagem e não teria motivo para reenviá-la.

No entanto, isso não eliminava o risco de uma futura comunicação.

Portanto, a solução seria deixar Alfredo incomunicável. Mas como bloquear o e-mail dele para Laura? Fredy sabia o endereço dela e podia lhe escrever quando quisesse.

A não ser que...

Roberto acessou o servidor do hotmail.com, na página de cadastramento de e-mails. Registrou-se como trebor (parte de seu nome ao contrário) e conseguiu um novo endereço.

O jogo que estava começando o afastava cada vez mais da moral, mas ele parecia não se importar com isso.

Acessou seu novo e-mail e escreveu uma mensagem para rofrago@yahoo.com.

Querido Fredy,

Fico feliz por saber que você está novamente entre nós. É bom que esteja por perto depois dessa (como você disse) longa ausência.

Tomara que sua promessa de ser mais participativo se cumpra dessa vez. Acho que enviei uma cópia das primeiras mensagens para induzi-lo a responder, à luz do caminho percorrido (e, pelo visto, funcionou).

De qualquer forma, lembre-se: não me escreva mais para o e-mail antigo.

Decidi registrar meu próprio e-mail para o livro e deixar o anterior porque me conectava com outro tempo, com outra situação e com uma realidade que já não é a atual.

Acho que é hora de parar de usar o e-mail de Carlos, não acha?

Portanto, tome nota, já que é tão distraído, porque não vou mais acessar o outro e-mail. O endereço novo é:

128

trebor hotmai l. com

Espero receber notícias suas em breve, como pedi na mensagem anterior.

Beijos, Laura

P.S.: Não se esqueça de mudar meu e-mail na sua agenda. Até breve.

"Pronto", pensou Roberto, depois de ter enviado o e-mail.

Tudo estava sob controle. Alfredo poderia escrever o que quisesse e Roberto decidiria o que fazer: encaminhar, censurar, modificar ou simplesmente ignorar.

MINCE poderia ter concedido a Alfredo o direito de receber as mesmas informações que Roberto, mas a partir de agora o outro seria excluído da comunicação direta com Laura.

Abriu o armário de bebidas e preparou um drinque: uma medida de Cointreau e meia de conhaque. "Coquetel de amor", como Carolina lhe ensinara.

Estava muito feliz por seus escrúpulos não o terem privado daquele grande prazer.

Às duas da manhã, e depois do quarto drinque, sentiu as palavras lidas e estudadas em seus cursos de filosofia lhe invadirem a mente.

Teve vontade de compartilhá-las com Laura.

Laura,

Gostaria de saber o que você pensa sobre a capacidade de amar. Para mim é um assunto muito interessante. As pessoas costumam reclamar que não são amadas, quando

o verdadeiro problema

129

é que não sabem amar. Acho que é isso que precisa ser desenvolvido.

Ortega y Gasset disse que, para amar, são necessárias várias condições. A primeira seria a percepção, a capacidade de ver o outro, de poder se interessar por outra pessoa além de nós mesmos.

Percebo em algumas mulheres uma atitude bem contraditória. Queixam-se de estar sozinhas, mas me surpreendo ao ver o desprezo com que falam dos homens. Depois, ficam chateadas quando são abandonadas, mas a verdade é que elas os abandonaram primeiro, com sua falta de amor.

Como você me "ensinou", a maneira de estar com o outro, de poder amá-lo ou de querer descobri-lo é ser capaz de aceitá-lo como é. Mas a maioria das pessoas não se preocupa com a questão de se ama ou não. Apenas se preocupa se é amada e se lhe

demonstram amor.

Outro dia, uma amiga, conversando com o namorado, disse: "Se você pensa assim, é porque não me ama." E eu, colocando-me no lugar dele, disse a ela: "Você também não o ama quando pensa assim."

Ela percebeu que era verdade, que era ela quem não o amava, mas também ficou chateada comigo e me perguntou o que eu tinha contra seu namoro.

Chegamos sempre ao mesmo ponto: a dificuldade de vermos o problema em nós mesmos e não no outro.

Como ajudaremos as pessoas a desenvolver sua capacidade de amar?

Seria bom mostrar-lhes sua forma particular de não amar. No caso de minha amiga, seria:

Você não o aceita como ele é.

Você se fecha quando ele fala com você.

130

Você não se importa com os interesses dele.

Você o critica, menospreza e desqualifica.

Você achava que o amava muito e se considerava muito generosa, mas agora percebe que só dá a ele o que quer, que não se preocupa em descobrir do que ele precisa, que só lhe dá qualquer coisa por sua própria necessidade de dar e não pelo bem que isso possa fazer a ele.

É você que não sabe quem é, que o põs em algum lugar e nunca mais... voltou a vê-lo de verdade.

Como disse Hugh Prather ao falar da incapacidade de amar das pessoas, "creio que a primeira pessoa que não amam são elas mesmas, e que se maltratam e menosprezam da mesma maneira que fazem com os outros. Há muitas pessoas que não podem sair de si mesmas, que não podem se interessar por outra porque não se importam com ninguém".

Imagino que, pela mesma razão, dizemos sempre que os problemas do casal são problemas pessoais, porque alguém que sabe amar sempre vai encontrar algo para amar na pessoa que está ao seu lado.

E, se não, pensemos em grupos e workshops de terapia, nos quais chegamos cheios de preconceitos e terminamos sentindo que amamos todos os participantes, só porque eles nos mostraram sua alma e nós lhes mostramos a nossa.

Ortega y Gasset disse: "Ninguém ama sem razão. O mito de que o amor é puro instinto é errado."

Acho muito interessante pensar sobre isso.

Beijos, Fredy

Depois de enviar a mensagem e terminar seu sexto "coquetel de

131

amor", percebeu que as letras na tela se moviam diante de seus olhos, numa dança muito suspeita.

No modo "Robertoautomático", como costumava dizer, desligou o computador e, de memória, chegou primeiro ao seu quarto, depois à suíte e, provavelmente também de memória, à cama.

Com certeza... Porque, na manhã seguinte, acordou sobre ela.

132

Capítulo 10

Roberto acordou com a boca seca e a cabeça girando.

- Estou velho demais para beber - brincou consigo mesmo.

Era feriado e tinha o dia inteiro livre.

Após a terceira xícara de café, decidiu dissolver um envelope de sal de frutas em meio copo de soda; gostava do excesso de efervescência que resultava da mistura do pó branco com a água gaseificada.

Bebeu tudo de um só gole e arrotou alto. Os sons socialmente condenáveis sempre o fascinaram e, exagerados na solidão, o conectavam com essa espécie de resgate cínico do fluxo espontâneo e inocente.

"Uma demarcação audível de território", pensou.

Seu território, sua casa, seu computador, seus pensamentos, seus sentimentos. Laura, Laura, Laura...

Como podia estar apaixonado por alguém que não conhecia?

Laura...

Haveria algo entre Fredy e ela? Eles estiveram juntos em Cleveland...

Laura...

Roberto se lembrava bem de como era o ambiente dos congressos de marketing que costumava frequentar: ninguém era de ninguém. Os de psicologia não deviam ser diferentes.

133

Laura.

Apesar de seu ponto de vista sobre os psicólogos deixar muito a desejar nesse sentido (e também em outros), há muito sabia que aquela fama de "liberados" que circulava por aí tinha sido sempre o resultado de uma projeção feita pelos psicanalisados do mundo.

Laura.

Mais uma vez não conseguia tirá-la da cabeça. Nem queria.

Ligou o computador e abriu o arquivo em que salvara as mensagens de Laura. Queria reler o que uma vez ela escrevera sobre estar apaixonado. Depois de um tempo encontrou o trecho e anotou algumas frases em seu bloco.

"Estar apaixonado nos conecta com a alegria que sentimos por saber que o outro existe. Conecta-nos com a rara sensação de plenitude."

"Quando uma pessoa se apaixona, não vê o outro em sua totalidade. Na verdade, o outro é uma tela onde o apaixonado projeta seus aspectos idealizados."

Sem dúvida ela estava certa...

"E então?", pensou. "Devemos nos privar da maravilhosa sensação de estar apaixonados só porque mais cedo ou mais tarde isso acabará? Devemos descartar a paixão e substituí-la pela sensata (e agora penso: que absurdo!) análise intelectual que os psicólogos fazem do mundo?"

De qualquer maneira, ele pensava justamente o contrário: a efemeridade da paixão é um motivo poderoso para a desfrutarmos intensamente.

134

Laura...

O que estaria fazendo? Trabalhando no feriado? Atendendo a um paciente de urgência? Lendo material para o livro? Correndo à beira do rio? Escrevendo uma mensagem para ele? Para ele?

Lembrou que as mensagens de Laura não eram para ele... Eram para Fredy. E ficou muito chateado. Conectou-se à internet.

Olá, rofrago, você tem (4) novas mensagens." audimet@usa.com Assunto: aceitação de proposta publicitária.

Muito bom!

ioschua@aol.com Assunto: mande notícias

Deveria fazê-lo hoje mesmo.

intermedical@system.net Assunto: respondendo à sua solicitação

Abriu este último e-mail.

Prezado Dr. Daey,

Lamentamos a demora em transmitir-lhe esta resposta. Como o senhor compreenderá, o conselho tem centenas de processos pendentes e cada pasta é analisada e resolvida seguindo uma rigorosa ordem de chegada.

De qualquer forma, ficamos felizes em comunicar-lhe que decidimos atender a seu pedido e aguardamos sua confirmação

135

para preencher os formulários necessários à sua realização.

Atenciosamente,

Dr. Néstor Farias Presidente

- Então esse é o seu sobrenome, Daey...

Roberto ficou um bom tempo na frente da tela. Depois levantou o olhar e se olhou no espelho pendurado na parede ao lado. Viu-se com cara de garoto travesso. Sorriu e voltou à sua expressão diabólica.

Clicou no botão "Responder".

Dr. Néstor Farias:

Depois de tanta espera e insistência, chega-me a tardia notificação da aceitação do meu pedido.

Acho que não cometo um engano ao dizer que o mundo em que vivemos não pode mais tolerar a burocracia dos órgãos detentores das decisões importantes.

Entendo que é meu dever ético manifestar minha indignação e ser fiel a meus princípios. Portanto, estou escrevendo para informá-lo de que REJEITO sua carta e retiro o pedido que oportunamente lhe enviei.

Espero que essa atitude funcione como um pequeno puxão de orelha na instituição que o senhor preside.

Dr. Alfredo Daey

Clicou em "Enviar" e depois excluiu a mensagem de Farias da caixa de entrada. Ninguém nunca saberia o que aconteceu.

136

Quando chegou à quarta mensagem e viu que era de Laura, não foi capaz de dizer se a sua alegria era pela mensagem em si ou pelo daninho prazer da maldade.

Caro Fredy,

Você tem razão quando duvida da capacidade de amar das pessoas, ainda que de qualquer maneira sempre apareça o elemento de insegurança e, a partir daí, a necessidade de certeza, segurança e controle.

Infelizmente, quando chegamos a esse ponto, não há mais remédio senão entrar na luta pelo poder e se deixar levar pelo ciúme.

De minha parte, cada vez tenho mais convicção de que a disputa pelo controle acontece quase exclusivamente pela incapacidade de amar.

As pessoas acham que amam, mas na verdade estão presas à necessidade de possuir o outro. É como se dissessem: "Amo você enquanto está ao meu lado, mas, se você for

embora, sem dúvida o odiarei."

Isso não pode ser amor.

O amor implica ser capaz de pensar naquilo de que o outro precisa e me alegrar quando ele está bem. Tudo isso independentemente de ele estar ou não ao meu lado.

Uma paciente me dizia que não tolerava que seu marido se sentisse bem saindo com os amigos e que, se ele realmente a amasse, devia optar por sair sempre com ela.  
Nada mais absurdo.

Acho que, se ela o amasse realmente, ficaria feliz por ele se sentir bem saindo com os amigos.

Tentei lhe mostrar que, mais do que amor, ela sentia uma necessidade de possuí-lo, e ela ficou com raiva de mim.

Em nossa cultura, as coisas se confundem. Não se admite que eu possa amar meu companheiro e ainda assim me sentir bem com outras pessoas.

137

Wfa

Partimos sempre da falsa ideia de que a pessoa certa pode e deve me dar tudo de que preciso.

Estou trabalhando esse assunto com minhas turmas de formação de terapeutas de casais. Estamos tentando descobrir como serão as relações no futuro. E uma das primeiras coisas que pensamos é que se dará amplitude à relação. O casal como o conhecemos hoje em dia não funciona.

Meu amigo Norberto dizia estar certo de que no futuro se aceitaria a possibilidade de encontros íntimos com várias pessoas. Aceitaremos, em última instância, o óbvio: que na verdade podemos, sim, amar várias pessoas ao mesmo tempo, ainda que nos relacionemos com elas de diferentes maneiras.

Como terapeutas, sabemos como funcionam os amantes nas supostas relações monogâmicas de hoje. Provavelmente nossos leitores ficarão chocados ao ler isso, mas não é uma questão de decidir se isso está certo ou errado. Basta descrever o que vejo, o que está acontecendo de fato e não aquilo que queremos que aconteça.

Por que não começar a mudar a mentalidade e aceitar o que está acontecendo em vez de tentar manter relacionamentos impossíveis?

Por que não trabalhar nossa necessidade patológica de posse em vez de criar métodos sofisticados para controlar nosso parceiro?

Por que não curar meu ciúme doentio em vez de viver perseguindo o outro sob o pretexto de que seria muito doloroso perdê-lo?

Creio que falo tanto em nome do homem quanto da mulher quando digo que o ciúme é sempre (sempre!) um sintoma neurótico, uma expressão de nossos aspectos mais obscuros.

Ter ciúme é defender a crença de que meu amado dá a outra pessoa o que somente eu tenho direito de receber dele.

138

Ou, como disse Ambrose Bierce em O dicionário do Diabo, "ter ciúmes é ter medo de perder alguém que, se realmente se perdesse como se temia, é porque não valeria a pena conservar ao nosso lado".

É preciso trabalhar mais para obter o vínculo que desejo ter com meu amado do que para censurar e controlar seus outros relacionamentos.

Além disso, é importante aprender a deixar acontecer. Faz parte de minhas crenças lutar contra os que propõem que é preciso se prender aos vínculos. Os relacionamentos duram o tempo que têm que durar, ou seja, enquanto permitem que ambos cresçam: às vezes esse tempo é de algumas semanas; outras, de uma vida inteira.

Estar sempre disposto a deixar acontecer é a única possibilidade de manter uma relação sempre renovável.

Quantas vezes deixamos acontecer o projeto do livro? E, ainda assim, aqui estamos... Cada vez mais perto de publicá-lo.

Lau

Ciúmes!

Era isso: ele estava com ciúmes. De Fredy de Carlos, dos pacientes de Laura, de seus filhos, de todos.

Ciúmes. Que estupidez!

Sim, estupidez, neurose ou doença. Estava com ciúmes.

Pela primeira vez, Roberto percebeu que não concordaria com Laura. O que significava aquela abertura absurda? Por que razão teria que reconhecer o direito daquele idiota a ter um relacionamento com Laura?

139

Não era justo que Alfredo continuasse a receber os elogios e as mensagens que não merecia. Afinal, se não fosse por Roberto, Laura teria abandonado o livro há muito tempo.

Ele devia fazer alguma coisa. Mas o quê?

se...

Por que não

ãr

Roberto clicou no botão "Responder".

Cara Laura,

Gostei muito de sua mensagem sobre o ciúme. Vou pensar um pouco sobre algumas questões e lhe escreverei quando puder.

Estou indo ao Uruguai e tenho várias viagens pendentes. Como não quero perder o contato com você e suas mensagens, peço que de agora em diante escreva para este endereço: trebor@hotmail.com, porque é mais fácil acessá-lo de meu laptop.

Um beijo,

Fredy

Clicou em "Enviar" e recostou-se na cadeira.

"Xeque-mate", pensou.

Na noite de quarta-feira chegou a primeira mensagem para trebor@hotmail.com. Era de Fredy.

Olá, Laura,

Para estreitar seu novo endereço de e-mail, escolhi este artigo escrito por Júlia. (Lembra-se de que lhe falei dela? É aquela que mora e trabalha na Espanha, mais precisamente em Granada, a capital do tango na "pátria mãe".)

Lá na Andaluzia, Júlia e seu marido, ambos argentinos, pela

140

primeira vez se apaixonaram pelo tango. Desse amor nasceu este texto. Leia devagar e, se puder, com um tango ao fundo...

Vamos dançar um tango, minha vida?

A decisão já estava tomada: ia aprender a dançar tango. Mais que isso, precisava aprender. E dessa vez iria pôr nisso todo o empenho poupado em tantos anos de tentativas frustradas (desde a infância com meu pai até aquelas tentativas fugazes mas cheias de vã ilusão empreendidas com o apoio dedicado de "voluntários" que algumas vezes encontrei no caminho). E, como dessa vez eu estava realmente disposta a ir até o fim, a primeira coisa a fazer era assistir às aulas como Deus manda (ou seja, com professor e tudo). Assim, cheia de boa vontade, empoleirada em meus sapatos de salto, vestindo uma saia apropriada às circunstâncias, com o melhor dos meus sorrisos no rosto, me posicionei naquela aula de dança que minhas amigas tanto tinham me recomendado.

Mas, claro, como é impossível que tudo fosse perfeito, como sempre... Faltava alguma coisa. Olhei, olhei de novo e, por mais que procurasse, deparei mais uma vez

com a eterna realidade diante do meu nariz: havia apenas quatro homens para 25 mulheres.

Contudo, ainda não estava disposta a me dar por vencida. E me lancei à pista pronta para arrancar de qualquer uma das outras 24 mulheres uma das quatro cobiçadas presas. No entanto, apesar da minha boa vontade e do meu melhor sorriso, em uma hora de aula só consegui capturar um companheiro, mesmo assim por apenas cinco minutos. Nesse ritmo, nem em dois anos aprenderia um único passo (se é que antes disso não apareceriam novas competidoras na pista). Foi então que surgiu uma luz em minha cabeça, e vi tudo com muito mais clareza: um marido deve servir para alguma coisa!

141

Depois de arriscar minhas mais elaboradas manobras de "manipulossedução", consegui arrastá-lo para a aula. O melhor e mais incrível de tudo foi que... ele gostou!

Primeira aula

- A primeira coisa que vamos aprender do tango é o abraço disse Júlio Horácio Martínez, o professor.

Achei que aquilo não exigiria muita técnica, porque abraçar é algo que todos fazem normalmente, de forma espontânea. É algo natural, sem nenhum treinamento prévio. Mas não. Ao que parece, por trás do abraço no tango se esconde algo muito mais complicado.

- No tango, os corpos têm que realizar um circuito de tensões equilibradas. O braço deve estar firme, mas sem forçar; as pernas, em contato, mas sem bloquear ou impedir o movimento do outro. Considerem que nesta dança o equilíbrio não está em cada um, mas no centro dos dois, e caso não se entendam podem se desestabilizar. O casal tem que aprender a se comunicar para desfrutar o tango juntos.

Então, meu marido me tomou nos braços, pernas juntas, uma das mãos segurando minha cintura e a outra levantada e firme, para me dar apoio. Até aí estava tudo bem...

Ou estaria, se sua mão na minha cintura não tivesse me tirado do chão, se suas pernas juntas não impedissem meus movimentos e se sua mão firme... não fosse tão firme

que espremia meus dedos.

Sua mão deve oferecer resistência. Caso contrário, você se sente empurrada. Não se pode dançar com um pudim, ainda que tenha forma de mulher.

Eu tinha sido chamada de "pudim em forma de mulher". Essas foram suas palavras... E aí acabou a aula.

142

Segunda aula

- Hoje vamos aprender o passo básico, que são oito tempos. Vamos? Um, dois, três, quatro, cinco... E no quinto a mulher deve jogar o peso do corpo sobre o pé direito e, em seguida, com o mesmo pé e alternando o peso, ela volta para trás e continuamos: seis, sete e oito... Entendido?

Dissemos que sim (não sem alguma relutância) e começamos a dançar: um, dois, três, quatro, cinco... Um, dois, três, quatro, cinco... Um, dois, três, quatro, cinco...

Nada! De jeito nenhum. Meu marido estava determinado a que eu fizesse o sexto compasso com o pé esquerdo, mas não queria entender que eu o tinha cruzado na frente.

- Você está me atropelando!

Não, é você que não recua.

- Mas como posso recuar se meu pé está fora do chão?

- Mas as outras conseguem...

As outras conseguem porque seus parceiros marcam bem.

O professor se aproximou e disse a ele:

- Você tem que perceber onde ela está jogando o peso do corpo. Se você não fizer isso, ela não pode sair. Olhe: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito.

Viu?

Que lindo era dançar com alguém que me entendia! Reconheci que me sentia impotente com meu marido. Ele me culpava por suas limitações e não percebia que era totalmente impossível acompanhá-lo.

Terceira aula

- Hoje vamos trabalhar as articulações do passo básico. No oito há dois tempos: um de entrada e outro de saída, tanto para os homens como para as mulheres. São feitos em torno

143

do casal. O homem pode escolher apenas lhe dar espaço ou acompanhar seu movimento...

Finalmente havia chegado o momento pelo qual eu estava esperando: fazer esses rodopios tão bonitos, tão elegantes, tão sensuais... Saio, entro, saio... O que está acontecendo? De repente estamos os dois fazendo força para não cair, a quatro metros um do outro e a léguas de distância da elegância e da sensualidade sonhadas...

- O que vocês estão fazendo? Júlio se aproximou com um suspiro. - Queremos dançar tango e parece que vocês estão lutando sumo. Venha - disse a meu marido. - Agora

vou tomar o lugar de sua parceira e mostrar o que você deve fazer. Vê? Se você não me der espaço suficiente, vou tomá-lo de qualquer maneira, mesmo que seja me afastando...

#### Quarta aula

Embora já possamos nos mover mais ou menos juntos, ainda é muito difícil nos sincronizarmos. Depois de trabalhar com a pausa, continuamos a dançar um pouco, mas, após alguns passos conseguidos a duras penas, volto a tropeçar nos pés dele (ou talvez ele tropece nos meus, já não sei). Seja como for, meu marido me acusa de não escutar o que ele diz, de dançar sozinha. Repito que não sei o que quer que eu faça... Mas parece que ele também não me entende.

Júlio se aproxima novamente para falar com meu marido. Será que nenhum outro casal na sala dança mal?

- Se você quer dizer alguma coisa, primeiro tem que fazer contato, chamar sua atenção. Caso contrário, a invadirá, a surpreenderá, e, com essa tensão, ela não vai entendê-lo. Vamos levar isso para a dança. Veja! Primeiro procure o pé dela, pare, e só depois faça o movimento. Se você não fizer contato antes, será difícil para ela adivinhar o que você quer

144

comunicar. É exatamente como quando você quer falar: primeiro chama seu nome, e, só quando vê que ela está ouvindo, você fala. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde, terá que gritar. Na dança acontece o mesmo. E você - disse dirigindo-se a mim -, entenda que, quando ele a chama, você precisa parar e ouvir. Senão, para que você escute, ele terá que gritar. E, se estiverem dançando, vai se chocar com você. Vou mostrar. Aproximo meu pé do dela; ela para e escuta. Eu faço o movimento e espero que ela responda. Não se esqueçam: ao dançar, vocês estão dialogando, nunca se impondo. Um fala e o outro, depois de escutar, responde. Atenção: só depois de escutar. Porque no tango, como na vida, se não me dou o trabalho de escutar, pressuponho que já sei o que vão me dizer e nunca respondo ao outro. Dessa forma, o diálogo deixa de existir e se torna um monólogo. Isso é o que vocês estão fazendo, e isso não é tango, que é uma dança de casal, em que cada um improvisa de acordo com o movimento do outro.

#### Quinta aula

Hoje não quero ir à aula. Na verdade, não tenho vontade de ir a lugar nenhum. Não entendo o que está acontecendo, mas sinto que meu casamento está acabando. Já faz algum tempo discutimos por tudo e não há nenhuma maneira de falar sobre o que está acontecendo. São infinitas as recriminações mútuas que impedem o diálogo. É como se falássemos línguas diferentes, e uma distância dolorosa, uma mistura de ressentimento e de indiferença, está se impondo entre nós.

Não sei como nem quando esse silêncio começou, mas cresce cada vez mais e parece impossível detê-lo. Nunca pensei que, depois de tanto tempo de cumplicidade e proximidade, chegaria o momento em que nós, mesmo juntos, não pudéssemos nos encontrar.

145

É melhor eu trocar de roupa e ir à aula, pois não ganho remoendo esses pensamentos e, se ficarmos sozinhos em casa, a distância se tornará insuportável.

- Hoje não vamos aprender nenhum passo novo - disse Júlio, na aula. - Acho importante que saibam o que estão fazendo. Se não entenderem o que é dançar tango, se não compreenderem seu significado, poderão até fazer os passos, mas nunca dançarão de verdade. O tango é dançado por um casal abraçado, mas num abraço contido. Abraçar é dar de braços abertos, e quem dá de braços abertos recebe com todo o corpo. Assim unidos, os dois integrantes se deslocam no espaço, mas não é um espaço qualquer. Pelo contrário, é um espaço criado por eles. Como dizem Gloria e Rodolfo Dinze, grandes mestres do tango argentino: "O tango nega a matemática, porque um mais um não são dois, mas sim um, que é o casal, ou três, porque são ele, ela e um terceiro volume." Um ou três, mas nunca dois!

Júlio fez uma pausa de efeito e depois prosseguiu:

- É um verdadeiro diálogo corporal e amoroso, em que os dois lidam com a autodeterminação e no qual também há momentos de silêncio. Um silêncio que necessariamente é parte do diálogo, que talvez o enriqueça, mas que nunca o anula. Nesse diálogo, os dois podem propor, porque, ainda que um tome a iniciativa do primeiro movimento, o próximo passo será de acordo com a resposta, seja pela velocidade, pela amplitude ou pela direção. Portanto, temos que aprender a viver o erro como uma possibilidade de enriquecimento. Se não fosse assim, o tango não existiria. Vocês não devem ficar com raiva diante de uma decisão: busquem o contato com o outro e tentem criar juntos. Finalmente, o tango é também uma forma de autoconhecimento, porque, assim como nas relações em nossa vida, como amigo, amante ou pai, sei como estou me saindo baseado na reação do outro. No tango, posso

146

ser um protetor ou um protegido, um dominado ou um dominador. Posso ser infinitamente terno, violento ou, talvez, uma mistura de tudo. E o meu parceiro está ali para me mostrar isso. O que proponho não é fácil, mas só quando entenderem do que estou falando poderão dançar e, mais do que isso, poderão fazê-lo de uma maneira diferente a cada dia: às vezes com violência, outras com ternura, outras em verdadeiro êxtase, mas certamente sem interromper a dança.

Enquanto caminhávamos de volta para casa, as palavras de Júlio ressoavam dentro de mim. Era como se as frases tivessem

tomado forma e dançassem na minha cabeça, se ordenando, ganhado harmonia e significado: "Um abraço contido... Vive o erro como uma possibilidade de enriquecimento...

Se você não me der espaço suficiente, vou tomá-lo de qualquer maneira... Ao dançar vocês estão dialogando, nunca impondo... O tango é dialogar, dialogar, dialogar..."

Hoje releio estas anotações antigas. Encontrei-as na gaveta de uma cômoda que tinha ficado no porão depois da mudança. Quanto tempo se passou! Dez anos? Acho que

sim. Naquela época completávamos, a duras penas, dois anos de casamento, agora estamos juntos há 12. A crise passou e tivemos que efetivamente aprender a viver juntos, assim como aprendemos a dançar tango.

Enquanto eu lia, estava ouvindo música e meu marido cuidava do jardim. Agora que ele terminou, está entrando em casa.

- O que você está fazendo? - pergunto.

- Estou pensando que realmente quero abraçar você... Vamos dançar um tango, minha vida?

Júlia Atanasópulo Garcia

147

Não é uma maravilha?

Acho que isso diz mais ou menos o mesmo que nós, mas em vez de relacioná-lo com o casal refere-se à dança. É encantador.

Incluimos no livro?

Beijos,

Fredy

Roberto adorou a abordagem e até pôde deixar de lado o fato de o texto ter sido enviado por Fredy. Ele selecionou todo o conteúdo do e-mail, copiou-o para uma nova mensagem e alterou a última parte. No lugar da despedida de Fredy, Roberto escreveu:

Não é uma maravilha?

Quando estava lendo, senti que falava de você e de mim. Senti que descrevia o nosso encontro e que, em vez de compará-lo a um relacionamento entre dois adultos que se conhecem e se amam, o comparava à dança. É encantador. Nós também aprendemos juntos a dança que é escrever este livro. Acredito que nós também tivemos de aprender a nos abraçar, a nos conter, a não nos empurrar nem atropelar... Nós também podemos continuar aprendendo a dançar juntos. Me concede esta dança?

Um beijo e um abraço contido, Fredy

Ele revisou o que tinha escrito, mudou o título para "Tango" e enviou a mensagem de trebor@hotmail.com para carlospol@spacenet. com.

A resposta de Laura chegou na noite seguinte e por um momento o fez estremecer, porque começava dizendo:

148

Fredy,

O que significa "para estreitar seu novo endereço de e-mail"? Meu novo endereço? Não fui eu que mudei de e-mail, mas você! Você deve ter querido dizer "para estreitar meu novo endereço de e-mail, escolhi..." Acho que, com tantas viagens, você já não sabe se vai ou se fica, se está ou se já foi, se é você ou é outro.

De qualquer forma, me diverti muito com a sua confusão: fiquei me perguntando o que diriam seus pacientes se soubessem que você não sabe sequer onde está.

Definitivamente, ele teria que prestar mais atenção se quisesse continuar desempenhando o papel de administrador de e-mails. A mensagem continuava:

Achei a ideia de sua amiga Júlia fascinante. É incrível como se encaixa não só ao nosso relacionamento, mas a tudo o que defendemos e com que trabalhamos.

Depois de ler sobre o tango, fui até a pasta onde guardo algumas anotações que fiz enquanto preparávamos a apresentação de Cleveland e encontrei o nosso Programa de trabalho dirigido a pessoas com dificuldade de se relacionar, lembra?

1. Desenvolver nossa capacidade de amar.
2. Não esperar perfeição.
3. Encontrar o equilíbrio entre entrega e privacidade.
4. Desenvolver a intuição para nos deixarmos guiar por ela e, às vezes, pela de nosso companheiro.
5. Trabalhar com as dificuldades de dar e receber, ligadas às reais necessidades.
6. Privilegiar as mensagens corporais e as situações prazerosas e não o que é "bem-visto".
7. Trabalhar com honestidade para ver até que ponto estamos

149

dispostos a dar aquilo que temos, mesmo que isso seja difícil, e não apenas aquilo que nos sobra, para dar espaço e tempo ao relacionamento, deixando de ser o centro absoluto do universo.

Você percebe? É a mesma coisa. Estou muito impressionada e muito feliz.

Gosto muito de você. Mande um beijo meu para a Júlia quando escrever para ela. Laura

Roberto copiou a mensagem para um novo e-mail e apagou a primeira parte do texto. Antes de reenviá-la a Fredy, excluiu do final o "gosto muito de você" e o "muito feliz". Tinha decidido guardar algumas palavras de Laura só para si.

Por toda a noite e grande parte do dia seguinte, esteve pensando sobre o papel que esta nova situação lhe dava. Ele se viu pensando que, para a relação entre Laura e Fredy, aquele e-mail intermediário funcionava como um Deus de poder infinito. Trebor podia, a seu bel-prazer, alterar, adicionar, remover, produzir e distorcer a informação que cada um recebia e, de alguma forma, manipular certas respostas, pensamentos e ações sem que eles nem sequer percebessem.

Apesar do que se pudesse pensar, ele não tinha a intenção de prejudicar ninguém. No que diz respeito a Fredy a jogada com Farias tinha sido suficientemente malvada para canalizar toda a sua raiva (na verdade, já estava até um pouco arrependido). E, com relação a Laura, seu único desejo era não perder o contato com ela.

Trebor era a única forma segura de manter sua relação com Laura.

150

PARTE TRÊS

carlospol  
Capítulo ii

Laura fechou a porta de casa e percebeu que Ana tinha saído sem levar a pasta de desenho. Ela sorriu enquanto reorganizava seu dia para encontrar tempo de passar na escola e deixar a pasta para a filha.

A água para o chá devia estar no ponto, então se apressou até a cozinha e, ao chegar lá, ouviu o clássico chiado da água fervendo na chaleira. Apagou o fogo e em seguida abriu a caixa onde guardava o chá. "Qual deles?", pensou enquanto observava os diferentes envelopes coloridos cuidadosamente dispostos em duas fileiras.

Olhou pela grande janela com vista para o jardim e decidiu que tomaria "Sonhando", uma mistura de chá preto, menta e canela. Gostava de experimentar diferentes sabores e os mais variados tipos de chá possíveis.

Enquanto mergulhava o saquinho na xícara com água quente, se "lembrava" daquele lugar onde nunca tinha estado e que, no entanto, ocupava em sua imaginação o espaço de um porto sonhado e cheio de magia: os salões de chá de Albaicín, em Granada.

Laura tinha tomado conhecimento de sua existência ao ouvir um relato de Claudia, uma de suas pacientes, cinco ou seis anos antes. Ela retornara de uma longuíssima

viagem à Espanha e havia usado grande parte de suas três primeiras sessões após o retorno para falar da agitação da Andaluzia e das casas de chá.

Mexeu a bebida com a colherzinha, levantou a xícara diante do nariz, fechou os olhos e aspirou profundamente o aroma...

Saindo do Paseo de los Tristes, subiu as velhas ruas de Albaicín até a praça de San Nicolás. Olhou por um longo tempo as torres do

152

Alhambra e depois desceu em meio às casas rústicas e entrou no antigo bairro da Morería. Os pequenos bares, pouco maiores do que um quiosque, ofereciam uma inebriante combinação da música marroquina, cheiros intensos, cores difusas e formas estranhas. Cortinas com arabescos deixavam entrever as desconfortáveis mesas onde os membros da família serviam uma centena de sabores diferentes de chá em copos pesadamente decorados em dourado e pequenas chaleiras individuais de bronze trabalhado.

Claudia a tinha levado tantas vezes por aquele caminho, que, anos depois, quando Laura se encontrou com Alfredo em Cleveland, conversaram sobre o bairro mouro de Granada, como se tivessem andado juntos por cada rua e tivessem entrado na Marrakech, a melhor de todas as casas de chá.

A lembrança de Fredy levou-a ao livro: ainda estava lhe devendo a bibliografia sobre casais.

Com um pequeno esforço, resistiu à tentação de se levantar com a xícara na mão e ir para a escrivaninha. Durante anos, havia trabalhado sua consciência para não se interromper e assim fazer uma coisa de cada vez, especialmente quando a tarefa era agradável. Assim, terminou sem pressa o chá e só depois foi para a biblioteca.

Olhou lentamente os quatro móveis feitos sob medida em madeira escura que cobriam as paredes do chão ao teto. Pela primeira vez percebeu que quase todos os seus livros tratavam do mesmo tema. Salvo seis ou sete romances e alguns livros de contos, o que abarrotava as prateleiras eram centenas de tratados, manuais e anotações sobre psicologia e terapia de casais. Livros em inglês, francês, castelhano ou português que muitas vezes plagiavam impunemente algumas teorias e contradiziam ostensiva e irreconciliavelmente outras tantas.

Foi pegando os livros da estante e os empilhando sobre a escrivaninha. E, quando a pilha começou a balançar, ameaçando cair, Laura começou a construção de uma segunda Babel. E depois uma

153

terceira, ao lado das outras duas, que ficou pela metade, mais por renúncia do que por satisfação.

Laura sentou-se em sua poltrona de couro e começou a analisar os livros. Um por um, os retirava da pilha, os acariciava, os abria, e lia alguns parágrafos aleatoriamente.

Cada frase fazia com que ela se lembrasse de momentos de sua vida pessoal e profissional: épocas inteiras em que procurava naqueles mesmos livros respostas à sua dor ou momentos de fascinação após voltar dos seminários de Nana, de Welwood, de Bradshaw ou de Resnik com excesso de bagagem nas malas, resultado das últimas publicações recém-adquiridas, dos folhetos recebidos, dos artigos copiados e, naturalmente, de suas próprias anotações feitas para tentar reter cada palavra proferida pelos mestres - como ela os chamava -, tão pertinentemente escolhidas para cada exercício, para cada exploração, para cada conceito.

Por volta do meio-dia restavam apenas 25 livros sobre a escrivãzinha. Os outros tinham voltado para seus lugares na estante. Ligou o computador e digitou a lista.

#### Bibliografia:

Abadi, Maurício. Te quiero, pêro... (Te amo, mas...). Buenos Aires: Ediciones Beas, 1992.

Blachman, J., Garvich, M., Jarak, M. Quién soy yo sin mi pareja? (Quem sou eu sem meu par?). Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1989.

Bradshaw, John. A criação do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Chang, Jolan. O taoísmo do amor e do sexo. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

Chodron, Pema. The Wisdom of No Escape (A sabedoria da não evasão). Boston: Shambhala Publications, 2001.

154

Claremont de Castillejo, Irene. Knowing Woman (Mulher inteligente). Boston: Shambhala Publications, 1997.

Elkaim, Momy. Se você me ama, não me ame. Campinas: Papyrus, 1990.

Fromm, Erich. A arte de amar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Hendrix, Harville. Todo o amor do mundo. São Paulo: Cultrix, 2003.

Krishnamurti. Sobre o amor e a solidão. São Paulo: Cultrix, 2003.

Laing, Ronald D. Laços. Petrópolis: Vozes, 1991.

Levy, Norberto. El asistente interior (O assistente interior). Buenos Aires: Editorial del Nuevo Extremo, 1983.

Nasio, Juan David. O livro da dor e do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

- Osho. O caminho do amor. São Paulo: Madras, 1999.
- Osho. Tantra, espiritualidade e sexo. São Paulo: Madras, 1999.
- Pommier, Gerard. Do bom uso erótico da cólera. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- Rodrigué, Emilio. A lição de Ondina. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- Rosenberg, Jack Lee. Body, Self and Soul (O corpo, o eu e a alma). Atlanta: Humanics Publishing Group, 1987.
- Sanford, John. Os parceiros invisíveis. São Paulo: Paulinas, 1991.
- Schnake, Adriana. Los diálogos dei cuerpo (Os diálogos do corpo). Santiago: Editorial Cuatro Vientos, 1995.
- Sinay, Sérgio. Esta noche no, querida (Esta noite não, querida). Barcelona: RBA Integral, 2002.
- Watts, Alan. El futuro dei éxtasis (O futuro do êxtase). Barcelona: Kairós, 1985
- Welwood, John. A viagem do coração. São Paulo: Siciliano, 1991
- Welwood, John. Love andAwakening. (Amar e despertar). Londres: Harper Paperback, 1997.
- Zinker, Joseph. A busca da elegância em psicoterapia. São Paulo: Summus, 2001.

155

Laura terminou a lista e foi para o quarto calçar os tênis e vestir sua roupa de ginástica. Colocou a pasta de desenhos na mochila e saiu para dar um passeio. Se apertasse um pouco o passo, chegaria exatamente na hora do recreio para lanchar com Ana na cantina do colégio.

Onde estaria Fredy? Na Espanha, no Uruguai, no Chile?

Quase sempre invejava a vida que Alfredo levava: um dia qualquer, só porque assim tinha decidido, pegava um avião, o carro ou um navio e partia. Frequentemente Laura associava isso a algo que vinha observando em muitos de seus pacientes do sexo masculino:

ERAM COMPLETAMENTE DEPENDENTES DE CONSERVAR ALGUMA INDEPENDÊNCIA.

O que aconteceria com tanta flexibilidade se um dia Cármen decidisse que não queria mais ficar em casa, se ficasse farta de cuidar da família e dos filhos? O que aconteceria se um dia ela renunciasse definitivamente a cuidar dos impostos, das tarefas domésticas, dos consertos do carro, etc?

Alfredo Daey era muito reconhecido dentro e fora de Buenos Aires, mas... Seria tudo isso sem Cármen? Laura tinha certeza de que não.

Como todos os homens, Fredy tinha para com sua esposa essa gratidão difusa e "globalizada" que para qualquer mulher pensante é absolutamente insignificante e para qualquer pessoa com certa dignidade soa como um menosprezo velado.

Alguma coisa devia estar mudando, porque, se tudo fosse realmente satisfatório, talvez Cármen não tivesse decidido voltar para a faculdade.

Neste exato momento, Laura se perguntava se aquela mudança nas últimas mensagens de Fredy, aquela atitude quase sedutora que mostrava em seus e-mails, não teria relação com aquela outra mudança que, ela supunha, estava acontecendo com Cármen.

No entanto, muito além do que acontecera com Fredy, o que estava acontecendo com ela nessa nova situação?

156

Depois de se separar de Carlos, Laura acreditara que sua fase de busca por um parceiro havia acabado. Seu primeiro casamento, com Emilio, tivera um fim traumático

e depois de um tempo muito obscuro ela se jogara no mundo com a ideia de que devia encontrar alguém totalmente diferente. Foi assim que se apaixonou por Carlos.

Três semanas depois de se conhecerem já planejavam morar juntos e, em mais três semanas, Laura sabia que entre Emilio e ele não havia grandes diferenças, embora os resultados fossem visivelmente melhores. Talvez ela tivesse aprendido. Algum tempo depois, soube que sua experiência era a mesma que a da maioria das pessoas que se casam novamente: o segundo parceiro não é muito diferente do primeiro. Na verdade, foram escolhidos para representar o mesmo papel em nossas vidas. É a mudança de nossa própria atitude que pode levar ao despertar.

Recordava a frase de Gurdjieff: "Para estar vivo de verdade é preciso renascer, e, para isso, antes se deve morrer e, para isso, antes se deve despertar."

Sua separação de Carlos foi, de certo modo, a consequência de um relacionamento maravilhoso do qual ambos tinham colhido excelentes resultados, começando por seus dois filhos e passando pelo desenvolvimento pessoal de cada um. Foi uma separação adulta entre dois adultos que decidiram não continuar convivendo. Tudo muito conversado, muito trabalhado em terapias individuais, em terapias de casal e com o tempo necessário para esgotar todos os recursos e dar todas as oportunidades.

Tudo tão amigável que às vezes ela se perguntava se o segundo divórcio não teria sido um exagero.

Afora a falta de convivência diária e de sexo, Carlos e ela realmente tinham um relacionamento que causava inveja às amigas, pacientes e vizinhas (que ainda hoje faziam cara de espanto quando às vezes, através de suas janelas, viam o pai das crianças entrar e sair).

Laura tinha pensado que, se não podia conviver harmoniosamente com Carlos, um homem que ela amava e apreciava,

157

definitivamente não poderia fazê-lo com mais ninguém. Talvez por isso desde sua separação e até aquele momento não tinha voltado a pensar, nem ocasionalmente, em outro companheiro. Só havia espaço para uns poucos encontros agradáveis e fugazes: explosões de sua feminilidade e de sua capacidade de ter prazer, de desfrutar seu próprio corpo e do contato com o corpo de um homem.

Querido Fredy,

Estou enviando a bibliografia que você me pediu. Acho que exagerei um pouco na quantidade de livros, mas escolha aquilo de que mais gostar e inclua o que estiver faltando.

Também envio meus comentários sobre a questão dos segundos casamentos, que considero fundamental, não só porque são cada vez mais frequentes, mas também porque encontrei muitas lacunas sobre esse assunto na bibliografia e tive a sensação de que é um daqueles temas dos quais não se fala. Obviamente, se nossos colegas defendem aquela absurda postura de "a pessoa certa", então as tentativas de casamento depois do primeiro não são mais que parte da busca. De acordo com essa visão, só vão durar aqueles casais que "se encontraram", enquanto todos os outros continuarão a procurar ou, pior ainda, o farão até que se cansem e então inevitavelmente submeterão seus parceiros ao leito de Procusto (cortando suas pernas se a cama é pequena para eles, ou os esticando se lhes sobra espaço).

Estive pensando sobre isso.

Quando um casal se separa, o pai e a mãe, cada um por si, começam a ter um vínculo com seus filhos em que a relação que era de três passa a ser de dois: o filho com o pai e o filho com a mãe. Esses vínculos começam a ter certas características e rotinas. As crianças rapidamente se acostumam a uma nova relação de dois, portanto a dupla está definida antes que apareça um novo companheiro ou companheira.

158

Dá-se assim uma situação oposta à da família original, na qual a relação dos pais precedia a chegada do filho. Nos segundos casamentos, o novo companheiro é o terceiro a aparecer, pois a relação com a criança já está estabelecida, e isso cria dificuldades específicas que devemos conhecer para sabermos lidar com elas, ainda mais em famílias misturadas, em que cada um dos cônjuges chega a um novo casamento com filhos de uma relação anterior.

Seria bom se fôssemos sinceros desde o início: os "pais" recém-chegados não terão com os filhos de seu companheiro a mesma relação que têm com seus filhos legítimos.

E, claro, o amor que as crianças sentem pelos pais biológicos é diferente do afeto que poderão sentir pelo padrasto ou pela madrasta.

Aceitar essa realidade pode ser doloroso, porque tanto os novos pais quanto os novos filhos se sentem rejeitados. Grande parte das dificuldades surge em decorrência da fantasia de se voltar a ter a família desfeita. Os conflitos vêm em seguida, quando se começam a ver as diferenças entre a realidade e a expectativa. Como sempre, na medida em que aceitamos a situação como ela é, temos um bom desenvolvimento junto com os filhos de cada um e os filhos em comum. Isto é, embora no dia a dia, por questões práticas, os recém-chegados possam ocupar o lugar de pai ou de mãe, isso não garante que realmente sejam aceitos nesses papéis.

Muitas vezes as crianças, e até mesmo os pais, se sentem relutantes em outorgar poder ao pai ou à mãe substitutos, e isso cria problemas estruturais. Por isso afirmo que é muito importante e urgente discutir a fundo estas questões com o parceiro, porque esses problemas estruturais aparecem disfarçados de problemas de convivência nos quais muitas vezes não se sabe nem por que estão brigando.

No fundo, a questão é que lugar cada um ocupa e que poder tem na família. Será necessário dar-se o trabalho de definir claramente e desde o início o lugar de cada um e o tipo de relação que decidem ter, para então conseguir que isso fique bem claro para todos, evitando assim as confusões e os mal-entendidos.

159

Lembremos que, se casar novamente significa o fim de uma época de solidão para o adulto e, portanto, um motivo de alegria, para as crianças implica o início de mais uma etapa difícil, que se soma às perdas sofridas com a separação de seus pais ou com a morte de um deles.

Muitas crianças desenvolvem um enorme problema de lealdade: "Se eu amar o novo marido de minha mãe, estarei traindo meu pai."

Todas essas questões podem ser resolvidas se abordarmos o assunto. O problema é que não se fala sobre isso e os conflitos permanecem como questões incompletas que interferem na convivência.

Uma família misturada cria situações difíceis de resolver, e estar preparado para enfrentá-las ajuda a aprender a conviver com esses problemas. Zinker disse: "algumas diferenças são inconciliáveis e devem ser aceitas como tais. Uma pessoa pode amar e respeitar o parceiro e aprender a aceitar a realidade existencial de que nem todos os problemas podem ser resolvidos. Os filmes de Hollywood e a maioria dos movimentos de crescimento pessoal nos vendem o mito de que todos os problemas interpessoais

podem ser resolvidos."

É verdade: há questões que não se resolvem. Especialmente se a solução depende de que algo impossível aconteça. A solução é aprender a conviver com essas diferenças e tirar partido dos pontos em comum; aproveitar o que pode ser compartilhado e aceitar que há perdas que não são compensadas por um novo parceiro, e que há necessidades de nossos filhos que não podemos satisfazer com o segundo casamento.

A inteligência de um casal passa por gostar do que se tem e por não brigar para que aconteça o que não pode acontecer. Essa atitude, aliás, se aproxima bastante da minha ideia do melhor amor.

Um beijo,

Lau

160

Capítulo 12

Laura acordou com a ideia do livro rondando sua cabeça. Ela havia começado a escrever tentada pela proposta de Alfredo de criarem juntos algo sobre casais, mas, agora que a semente estava germinando em sua mente e em seu coração, o desejo era dela mesma (talvez mais dela do que do outro, porque a colaboração de Fredy era pequena e esporádica). Era ela quem se agitava com a fantasia de ver o livro publicado.

Fredy se comprometera a organizar as mensagens que ela já havia mandado, as misturando com suas próprias ideias e com o trabalho que tinham apresentado juntos nos Estados Unidos.

Fez uma revisão dos temas sobre os quais tinham escrito e percebeu que voltara diversas vezes a alguns pontos, enquanto de outros falaram apenas por alto.

Ligou o computador e começou a escrever.

Querido Fredy,

Quero compartilhar com você minha ansiedade... Estou morrendo de vontade de ver nosso livro terminado! Quero trabalhar na visualização do produto acabado. Comecei a fantasiar: eu chegava com minha mãe a uma livraria muito grande e importante. Em meu sonho, queria dividir com ela a primeira vez que veria o livro publicado. Acho que ela é a pessoa que mais merece essa honra, por sua dura experiência de vida. E, quando tentei vê-lo, percebi que não podia imaginá-lo na estante, porque nem sequer sabemos o título.

161

Gostaria de discutir isso.

Em minha profissão e em minha vida aprendi como é certo isso que você sempre diz: só podemos controlar aquilo a que podemos dar nome.

Talvez essa necessidade de sonhar ou de poder viajar para o futuro com a imaginação seja resultado de alguma limitação pessoal. Se for assim, quero poder aceitá-la como parte de mim, embora talvez não seja uma limitação exclusivamente pessoal. Talvez tenha a ver com minha condição de mulher e, nesse caso, não só quero aceitá-la como tal, mas também acredito que começaria a me sentir orgulhosa dela.

Seria interessante incluir no livro a questão do masculino e do feminino em homens e mulheres. Expor um pouco o que sabemos sobre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro ajudará a entender e aceitar que, sob vários aspectos, alguns meros determinantes biológicos, somos diferentes.

Sabe-se que a maioria das mulheres tende a possuir um olhar holístico, e os homens, um olhar focalizado.

O olhar masculino tem a ver com a atitude de dividir, analisar, focalizar, mudar... Enfim, com o ativo, que os neurobiólogos costumam identificar com o papel do hemisfério esquerdo do cérebro (o dominante). O olhar feminino, ao contrário, tem mais a ver com a consciência da unidade, da receptividade, da espera, com a predisposição de estabelecer relacionamentos, de sonhar e de criar (funções aparentemente próprias do hemisfério direito).

Em A doença como caminho, Dethlefsen e Dahlke dizem, referindo-se ao cérebro:

162

Os dois hemisférios são claramente diferenciados por suas funções, por sua capacidade e por suas respectivas responsabilidades. O hemisfério esquerdo poderia ser chamado de "hemisfério verbal", pois é o responsável pela lógica e pelas estruturas da linguagem, da leitura e da escrita; decifra analítica e racionalmente todos os estímulos dessa área, ou seja, pensa de forma digital. O hemisfério esquerdo é também responsável pelo cálculo e pela numeração. A noção de tempo reside também no hemisfério esquerdo.

No hemisfério direito encontramos todas as faculdades opostas: em vez de capacidade analítica, uma visão de conjunto das ideias, das funções e das estruturas complexas. Esta metade cerebral permite conceber um todo partindo de uma pequena parte. Ao que parece, também devemos ao hemisfério cerebral direito a concepção e estruturação de elementos lógicos que não existem na realidade. Aqui reside também o pensamento analógico e a arte de usar símbolos. O hemisfério direito também gera as fantasias e os sonhos da imaginação, e desconhece a noção de tempo que o hemisfério esquerdo possui.

Penso que é evidente que nas mulheres parece predominar o hemisfério direito, e nos homens, o esquerdo.

Norberto Levy diz: "Assim como existe uma relação com outro ser humano, existe uma relação interna entre os aspectos masculino e feminino da individualidade."

Todos nós somos constituídos de polaridades. Temos aspectos masculinos e femininos, ativos e passivos, fracos e fortes.

A questão é que, se nos identificamos culturalmente com só um desses aspectos polares, projetamos o outro para fora de nós mesmos. A confusão que geralmente acontece reside em acreditar que meu parceiro é a causa dos meus conflitos, sem perceber que é

163

um conflito interno entre dois aspectos polares que venho trazendo inconscientemente.

A mesma energia que emprego para brigar com meu parceiro é a de que preciso para descobrir o que acontece comigo.

Às vezes me pergunto se muitas dificuldades que os casais têm não estão, em última instância, relacionadas à aceitação da diferença entre o olhar do homem e da mulher.

Não se pode deixar de perguntar, como Gray: "Como se harmonizam duas pessoas que vivem em mundos diferentes? Como um homem e uma mulher podem se comunicar se estão em frequências diferentes?"

Resposta: isso só é possível se conseguirem abandonar a ideia de que existe um único ponto de vista.

É desastroso acreditar que o meu ponto de vista é o único válido, ainda que seja pior me deixar convencer de que é o outro quem tem o olhar privilegiado. É imprescindível incorporar as duas maneiras de estar no mundo para chegar à integração com o outro e consigo mesmo.

Respeito a minha identidade e minha maneira de estar no mundo e, com base nisso, dou e exijo respeito.

Pessoalmente, admito que tendo a ser um tanto difusa e sonhadora, e tenho me esforçado muito nos últimos anos para incorporar uma consciência mais focalizada.

(Ao escrever isto, sorrio, pois imagino todos os homens com os quais me relacionei nos últimos anos concordando em que nunca viram o resultado dos meus esforços para incorporar a lógica a minha vida...)

O problema da relação de casal é que, se não tenho flexibilidade para passar de um nível de consciência a outro, enquanto estiver presa a um ponto de vista rígido, tenderei a rejeitar meu companheiro, que pensa de outra maneira.

Se me lanço à aventura de compreender outro jeito de

pensar, incorporo coisas novas, mas principalmente incorporo a ele mesmo.

O desafio de um casal passa por se abrir a uma forma diferente de estar no mundo - a do outro - e integrá-la a si mesmo. Abrir-se a um novo pensamento, a uma maneira diferente de encarar a vida.

O amor começa quando descubro DE VERDADE o outro. Já não é mais uma ideia do que deveria ser, mas alguém novo que me surpreende com sua originalidade.

Aí começa o amor: com a surpresa, com a descoberta...

No entanto, se apenas tento encaixar o outro em minhas velhas ideias, não acontece nada. Pelo menos nada "amoroso".

Abrir-se para o amor é abrir-se para o novo...

Amar é abrir-se para o real.

Laura

E, antes de enviar o e-mail, acrescentou:

P.S.: Exijo sua contribuição!

Laura sorriu e caminhou até o jardim para passar um tempo ao sol antes de ir para o consultório.

Recostou-se no banco e começou a pensar nos pacientes que veria naquela tarde: Héctor e Graciela, Marcelo e Patricia, Javier e Analía, Hugo e Beatriz, Armando e Carla.

Com Héctor e Graciela tudo estava bem: ambos haviam entendido que deviam se escutar para construir juntos e as coisas agora estavam entrando nos eixos, quase sem a intervenção de Laura.

Marcelo e Patricia tinham começado havia uma semana. Ele parecia ser um homem tranquilo e agradável. Ela, no entanto, parecia exigente e ansiosa. Laura pensou que deveria prestar atenção para comprovar ou não essa primeira impressão.

Javier e Analía tinham chegado ao seu consultório por causa de suas discussões permanentes. Desde o início, Laura desconfiou que eram um exemplo clássico de casal que transferira para a relação seus problemas pessoais. Laura tinha decidido considerá-los um casal, mas atendê-los separadamente. Hoje veria Analía. Ela estava trabalhando a relação tortuosa com seu pai, um alcoólatra violento e frio, para tentar não projetar suas reivindicações para Javier, que, muitas vezes inocentemente (e outras nem tanto), pagava o preço daquele relacionamento mal resolvido de sua esposa.

Em muitos aspectos, Beatriz e Hugo eram um casal especial, principalmente pela identificação que Laura sentia com Beatriz. A vida das duas era parecida em diversos aspectos: seus questionamentos existenciais eram semelhantes e suas pretensões, idênticas. Mas aquele casal também era especial porque ambos eram maravilhosos e faziam daquela sessão semanal uma hora diferente.

Muitas vezes tinha pensado em encaminhá-los a outro especialista. No entanto, nem Beatriz nem Hugo aceitaram a proposta de ver outro terapeuta, talvez justamente por causa da afinidade que se percebia em seus encontros. E Laura havia se deixado seduzir pela ideia de continuar com eles. Atualmente passavam por um momento muito reflexivo: os dois tinham acabado de descobrir que poderiam se conceder espaços de "não controle" e admirar as consequências. Beatriz voltara às aulas de pintura e Hugo havia encontrado nas ausências da esposa o tempo necessário para navegar na internet em vez de ficar paranóico com "os outros" com que ela se encontrava.

A preocupação do dia era com Armando e Carla. No fundo, Laura não entendia por que ainda estavam juntos. Mantinham uma dessas relações "ioiô", como as chamava. As relações "ioiô" eram aquelas marcadas pela atitude mesquinha dos dois, que se ocupavam exclusivamente de si mesmos. Além disso, eram chamados "ioiô" porque iam e vinham, subindo e descendo de maneira sinistra, com brigas, separações, encontros, gritos, insultos e reconciliações efêmeras. Por fim,

166

também as chamava de "ioiô" porque muitas vezes se emaranhavam em nós difíceis e era impossível saber como desfazer cada confusão.

Os dois sabiam que mentiam, manipulavam, competiam e viviam ressentidos. Viviam paquerando outras pessoas e saindo com algumas delas às escondidas. No entanto, ficavam irritados com Laura sempre que ela sugeria uma separação, ainda que temporária, enchendo a sessão de discursos clichês, justificando que seguiam em frente porque "nos amamos demais para nos separar", porque "eu sei que ela é a mulher (ou ele é o homem) da minha vida", porque "quando se ama é preciso lutar até o fim pela pessoa amada", porque "não poderia viver sem ele (ou sem ela)", etc. Laura fingia uma pequena insistência, depois se resignava um pouco, aceitava as limitações outro tanto e se perguntava se, apesar de tudo, não estavam certos e não seria ela e toda a ciência que estavam erradas em suas sofisticadas análises psicossociológicas de cada relacionamento.

"Além do mais", perguntava a si mesma, "quem pode garantir que a separação seja melhor para eles do que seguir em frente? Será universalmente verdadeiro que é melhor estar sozinho do que mal acompanhado?"

Talvez Armando e Carla tivessem razão e Laura devesse repensar todas as suas teorias sobre casais.

Levantou-se do banco decidida a ter mais cuidado nas próximas sessões. A situação a envolvia pessoalmente e talvez fosse isso o que a condicionava a avaliar o casal como inviável.

Deveria ficar atenta para não se contaminar.

De certa forma, ela mesma estava sem um parceiro porque não aceitava uma relação medíocre e convencional. Ela jamais fora capaz de manter um vínculo por ele mesmo; sempre quisera mais.

O restante do dia transcorreu sem surpresas, e até a sessão com os conflitantes Armando e Carla foi interessante e produtiva.

167

Laura voltou para casa satisfeita com sua profissão e sua especialidade.

No computador uma mensagem a esperava.

Laura,

Estive pensando em suas ideias.

Cada dia acho você mais clara e mais sábia.

Estou anexando algumas coisas que li e nas quais tenho pensado.

Irene Castillejo diz que existem três razões principais que impedem o encontro. A primeira é que às vezes tentamos nos comunicar quando estamos em diferentes níveis de consciência. Como você disse, há duas maneiras de estar no mundo: uma seria com a consciência focalizada, e a outra, difusa e globalizada.

A primeira tem a ver com a lógica e o olhar analítico. A segunda, com a percepção holística do mundo, vê-lo como um todo, e inclui as emoções e vivências é o olhar da experiência.

Quando duas pessoas tentam se comunicar, uma falando da perspectiva lógica e a outra, da perspectiva dos fatos, o encontro é impossível. É como tentar uma comunicação em duas línguas diferentes; é um choque de paradigmas.

É fundamental percebermos de que perspectiva o outro está falando: como ele vê a si mesmo, como vê a mim, como vê o que acontece conosco.

Se estou acostumado a ver as coisas com a consciência difusa ou de acordo com minha intuição, querer encontrar-me em harmonia com alguém que veja a vida com coerência, a princípio, é uma pretensão impossível.

A proposta é que eu me abra para a outra maneira de ver as coisas e, em seguida, não apenas poderei me encontrar com o outro, mas também incorporarei em mim mesmo essa outra maneira de estar no mundo. Se um casal discute um problema e ele o vê sob a lógica e ela de acordo com o que sente, é muito difícil

168

que se entendam se primeiro não perceberem e aceitarem essas diferenças como ponto de partida.

Acho que, felizmente, hoje há uma mudança: as mulheres estão empenhadas em desenvolver seu lado masculino, e os homens, seu lado feminino.

Como você muito bem disse, se aceito e respeito seu olhar e o integro ao meu, isso é um crescimento para mim. Se o rejeito tentando convencê-lo a pensar como eu, estou sozinho e igual a mim mesmo.

No entanto, isto é o que fazemos: tentar convencer o outro a agir como consideramos adequado, sem parar e pensar que o outro pode nos dar uma opção melhor, diferente, nova...

No que diz respeito às demais atitudes que impedem o encontro, Irene Castillejo fala da dificuldade de estar presente. Se nos escondemos atrás de máscaras, não podemos ter contato com ninguém, porque ninguém pode se conectar de verdade com um personagem fictício.

Outra forma de não estar é o autoengano. As pessoas não percebem o que acontece com elas, mas quase sempre têm uma explicação coerente para seu sofrimento, um manual que justifica tudo o que lhes acontece, mas que não tem nada a ver com sua verdadeira dor. Como alguém poderia me ajudar ou me entender se eu mesmo estou confuso a respeito do que preciso ou do que me fere?

A terceira questão é a dificuldade de escutar. Esperar com alguma paciência que o outro termine de falar para então dizer o que você já estava pensando não é necessariamente dialogar. Muitas vezes isso se torna a mistura e sobreposição de dois monólogos... Nesses casos, as pessoas não ligam para nada que o outro diz, não escutam, porque cada um já decidiu que está certo e, portanto, a única coisa que estão dispostos a fazer é esperar sua vez de argumentar e provar que tem razão.

169

Gosto muito de "as razões do desencontro", e você?

Um milhão de beijos. Até breve, Fredy

RS.: Nunca soube o que você achou do conto de meu paciente Roberto.

A mensagem que chegava de trebor parecia lhe explicar o que estava errado com o casal do conflito. Laura estava tentando usar seu raciocínio e sua coerência para propor a solução mais adequada. Ou seja, estava usando seu olhar lógico, enquanto os dois usavam exclusivamente seu olhar emocional e se expressavam com base em seus temores, em suas necessidades infantis ou em suas demandas não atendidas. Quanto mais lógica ela se mostrava, mais irracionais pareciam as abordagens do casal.

Não surpreendentemente, quando Laura parou de tentar impor seu ponto de vista, eles aliviaram sua relutância em aceitar ajuda.

Laura foi até a escrivadinha e começou a escrever uma mensagem.

Fredy,

Duas coisas:

Primeira: obrigada por seu último e-mail. (Você nem imagina como ele me ajudou.)

Segunda: estive relendo o conto de Egroj e, novamente, como quando você me enviou, fiquei encantada. Seguem meus comentários:

Se a história realmente corresponde ao mito que seu paciente traça sobre a infância, minha tendência é pensar em Roberto como alguém de grande potencial e, acima de tudo, com uma estrutura muito boa.

170

Sempre acreditei que a saúde consiste em abrir portas e janelas para o mundo e encontro na análise do conto uma atitude semelhante: a de construir pontes e estradas, recursos que, embora na história sejam feitos basicamente para ver o outro chegar (do ponto de vista psicológico, para receber), sem dúvida também servem para sair, para procurar e, ainda, para explorar o exterior, recolher, contribuir (simbolicamente, dar).

De qualquer forma, se eu tivesse que pensá-lo em função da criança ferida, tentaria ajudá-lo a manter as estradas e pontes transitáveis, mas trabalhando em busca daquilo de que precisa "dentro das muralhas" e usando aquelas rotas para compartilhar com o exterior o que tem dentro de si mesmo.

Creio entrever nesse relato uma pessoa que continua com o olhar posto no retorno daquilo que não foi. E não estou dizendo que não seja saudável esperar a pessoa

amada; refiro-me à beleza que seria não esperá-la, deixando que meu coração me saia do peito surpreso por ver no horizonte o que eu tanto desejava, mas já não esperava.

Talvez isso o ajude a não ser tão exigente com o que vem em sua direção.

Porque, se espero que a tropa venha com bandeiras brancas e estandartes dourados e, em vez disso, ela chega, a passo firme, com bandeiras verdes e sem estandartes, corro o risco de não reconhecê-la, de não perceber que o desfile está vindo para mim, de deixá-lo passar sem festejo, de viver chorando pelo que não aconteceu, quando, de fato, não soube perceber que estava acontecendo.

Laura

Ficou pensando em sua própria ideia: o perigo de não reconhecer o que vem para mim porque não corresponde ao que eu tinha imaginado...

Ela também era como Egroj.

Depois de ter vivido grande parte de sua vida olhando para o

171

horizonte, tinha deixado de esperar. E isso era o inquietante. Será que reconheceria a tropa quando esta aparecesse no horizonte?

Como sempre que tinha um conflito interno, ligou para sua amiga Nancy.

- Tudo bem? - perguntou Nancy inocentemente.

- Mais ou menos - respondeu Laura.

- Por quê?

- Acho que me identifiquei com um paciente, e isso me caiu mal - disse Laura, sabendo que Nancy, também psicóloga, poderia entendê-la.

Isso é ruim! De que se trata?

Você sabe que eu tinha desistido da ideia de voltar a ter um relacionamento, e de repente me identifiquei com a argumentação de um casal que atendo, com o e-mail de um colega e com um conto de um paciente que me fizeram repensar minha posição. E o pior é que, pela primeira vez, tenho a sensação de que não posso sustentar nem para mim mesma os argumentos que estive defendendo.

- É porque você sempre se refugiou em uma ideia extremamente limitada de seu futuro amoroso - comentou Nancy.

- Por que você diz isso?

- Veja. Muitas vezes encaminhei pacientes para você: homens, mulheres e casais. Eu sei como você é entusiasmada. A cada pessoa que a escuta você ensina, insiste em explicar a importância de ser um casal, a diferença no crescimento pessoal, o marco ideal do desenvolvimento humano, as insubstituíveis virtudes da convivência, etc. Mas parece que, em se tratando de si mesma, você utiliza outra cartilha. Para você, fica a dificuldade, o improvável, os condicionamentos, a solidão...

- Ei, pare! Eu não estou sozinha...

Você sabe o que quero dizer, Laura. Talvez seja hora de repensar suas decisões. Afinal de contas - sentenciou Nancy -, estamos na idade de merecer ou não?

E as duas riram ao telefone por um longo tempo.

172

Capítulo 13

Fredy,

Você reviu a lista bibliográfica que enviei?

Há uma questão que praticamente não aparece em nenhum desses livros. Eu a chamo de "paradoxo do amor" ou "a dor do desencontro". De modo geral, é o seguinte.

O casal real não pode evitar o sofrimento. A pessoa percebe isso e fica sozinha "até que apareça" o parceiro ideal (que, justamente por ser ideal, não existe). Diante disso, o sofrimento, longe de ser evitado, se repete com frequência.

Qualquer relação íntima em que podemos nos abrir e obter encontro e entrega é uma das experiências mais gratificantes que podemos viver. Nela buscamos contato, amor e intimidade, porque essas são as situações que mais nos enriquecem, que nos fazem sentir vivos, que nos encham de força e de vontade.

O paradoxo começa quando percebemos que, ao mesmo tempo, essas relações são justamente aquelas que nos provocam mais dor e sofrimento - muito mais do que qualquer outra.

Quando estamos abertos à intimidade, ao amor, ao encontro, também estamos expostos a sofrer e sentir dor.

A força que naturalmente nos impele a nos deixar levar por nossas emoções e a criar o encontro é confrontada com a tendência natural de ter cuidado para não sofrer, porque estamos conscientes de que, se nos abrirmos a uma pessoa, daremos a ela a chance de nos ferir.

Todo mundo tem uma personalidade, uma couraça, que não quer correr o risco de ser ferida e que, portanto, se fecha.

173

A criança precisa do amor dos pais e vai estabelecendo sua personalidade para conseguir esse amor. Se eu notar que ganho mais atenção quando estou fraco, vou modelar minha personalidade em torno da fraqueza. Se vejo que se sentem orgulhosos quando sou independente, vou desenvolver uma personalidade forte, vou dizer a mim mesmo que consigo me virar sozinho ou que não preciso de ajuda. A personalidade que criamos nos é funcional, pois faz com que sejamos amados. Criamos uma máscara e nos identificamos com ela. Vamos nos esquecendo de quem somos e do que verdadeiramente queremos.

Amor e intimidade só podem acontecer quando nos fazemos presentes para alguém. Mas isso é impossível se estivermos presos em nossa armadura, trancados em nosso castelo ou escondidos em nossa estrutura.

Também não é uma questão de descartar essa personalidade: nós a construímos para enfrentar algumas dificuldades na vida. A ideia é observá-la, entendê-la e perceber quando joga contra nós, impedindo o contato verdadeiro.

Esta é a nossa proposta: observarmos a nossa maneira especial de estar no mundo, sermos conscientes do papel em que permanecemos estagnados.

O paradoxo continua porque não há melhor oportunidade do que uma relação íntima potencialmente destrutiva para voltar a nos encontrarmos e para nos livrarmos de nossas máscaras habituais.

Assim, muitas vezes acabamos por resolver esse paradoxo evitando o sofrimento, nos impedindo de amar e nos privando de um encontro íntimo.

Em nossa tentativa de dizer não à dor, dizemos não ao amor. E, o que é pior, dizemos não a nós mesmos.

Quando nos apaixonamos, o fato de não estarmos conscientes do amor nos leva, em um primeiro momento, a nos abrirmos e nos

174

conectarmos com nosso verdadeiro eu. É isto que faz com que a paixão seja tão maravilhosa: nos damos a chance de nos abrirmos, de nos mostrarmos tal como somos.

A paixão é um encontro entre duas pessoas como realmente são.

Vivemos representando papéis, funcionando como robôs programados e de repente acontece um milagre... Tiramos nossas máscaras e brindamos aquele por quem nos apaixonamos com nossa presença.

Sabemos que isso não vai durar muito. Mais cedo ou mais tarde aparecem os problemas, as tendências, os hábitos, as defesas.

Seria bom aprender que o único caminho para superar esses problemas é enfrentá-los em vez de negá-los ou projetá-los em nosso companheiro.

O problema surge quando nos identificamos com nossa couraça e nos sentimos seguros assim. Nós nos protegemos de nossos sentimentos incômodos aprendendo a não sentir, a nos desconectar das nossas necessidades, e as defesas tornam-se uma identidade que nos separa daquilo que sentimos e nos impede de amar.

No casal podemos observar como e quando nos abrimos ou nos fechamos ao outro, e ao sabermos mais sobre a desconexão podemos criar um canal para nos abrirmos.

Os casais projetam no outro o lado que se fecha e transportam aquela luta interna para uma luta externa. E então pensamos que é o outro que se fecha, que não nos deixa entrar, que é rígido.

Se atravessarmos esse caminho juntos e com amor, poderemos, em vez de reagir diante da reação do outro, mostrar o que acontece conosco quando o outro se afasta, quando se fecha. Devo ouvir de meu companheiro que atitudes minhas o ferem e o fazem se afastar de mim.

Os problemas de relacionamento começam quando deixamos de estar presentes para nós mesmos e para o outro, quando voltamos

175

a nos esconder atrás de papéis fixos, de telas; quando começamos a sentir a dor pelo afastamento do outro, que muitas vezes é uma projeção de como nos afastamos de nós mesmos.

Acredito cada vez menos que a questão seja resolver os problemas concretos que os casais dizem enfrentar. Se entrarmos mais profundamente em cada briga, sempre chegaremos a este ponto de falta de contato, falta de abertura.

Se posso me abrir e mostrar minha dor diante de qualquer problema e meu companheiro faz o mesmo, talvez os problemas se acomodem sozinhos em outro plano de conflito, porque o mais importante será o fato de estarmos juntos, nos mostrando, de estarmos em contato, abertos para o que acontece. E isso é muito reconfortante.

Abrir-nos e confiar que o outro nos aceita tal como somos é uma atitude que nos leva ao amor.

Não tenho de fingir que sou forte para que você me ame. Se o fizer, nunca saberei se você é capaz de me amar como sou de verdade: vulnerável, fraco ou seja o que for.

Prendo você então à imagem daqueles que durante minha educação me ajudaram a pensar que eu devia ser desta ou daquela maneira para ser amado.

Não é fácil chegar ao ponto de ousar se mostrar. Temos medo de que nos julguem vulneráveis, por exemplo. Mas, se sou vulnerável (e é claro que sou), preciso que aceitemos (você e eu) minha vulnerabilidade para estarmos presentes e nos entregarmos.

Isso é difícil num casal, porque ambos jogamos este jogo, e, se eu me abro e o outro se fecha, a dor é muito grande.

Por isso a relação íntima gera tanto sofrimento, porque estamos sempre envolvidos com essa problemática, com esse jogo.

Talvez isso ajude nossos leitores a observar todo esse processo em seus relacionamentos e a então agir conscientemente para superá-lo.

176

Podemos observar a verdadeira luta que surge dentro de nós entre a parte que quer se expandir, sair, se mostrar, e a parte que quer se esconder porque tem medo de ser desmerecida, rejeitada, abandonada.

Os problemas específicos que temos com nossos parceiros são uma camada mais superficial do problema fundamental que está escondido sob todos os outros. Podemos usar os problemas cotidianos como um meio de acesso aos problemas mais essenciais que são jogados o tempo todo na relação. E nesse caminho nos enriquecemos constantemente,

porque nos aproximamos cada vez mais de nós mesmos, que é a única maneira de nos sentirmos bem, de ter amor, paz e ategria. Em última instância, é o que estamos buscando, porque todos nós queremos nos sentir bem. O que acontece é que tomamos caminhos inadequados...

Às vezes os casais me perguntam:

- Como podemos estar juntos, se queremos sempre coisas diferentes?

E eu lhes digo que, em essência, eles querem sempre a mesma coisa, porque todos nós queremos basicamente o mesmo: poder amar, nos unir ao outro, abandonar a armadura e nos entregar.

Talvez a saída seja percebermos que o caminho prefixado se mostrou inútil. Vamos ter que deixar de lado nossas velhas convicções e buscar uma nova direção o tempo todo, soltar nossas velhas estruturas para inventar um caminho juntos: enfrentar o medo, a confusão e o vazio. Não podemos esperar que o medo desapareça para avançar. Só seremos capazes de avançar com ele.

Todos os casais têm problemas, questões não resolvidas. A ideia não é resolvê-los porque, se nos dedicarmos a um problema em particular, amanhã aparecerá outro e assim sucessivamente. A ideia é nos afastarmos do conteúdo específico do problema e ver o que está acontecendo com base em um outro contexto:

177

observar os problemas com outro olhar, sem nos identificarmos apenas com nosso lado, nos afastarmos da ideia de consertar as coisas para acabar com o problema.

Esta proposta tem a ver com ir além do que vemos ao primeiro olhar para analisar a questão a fundo: de que estamos falando realmente, qual é a verdadeira causa das brigas que se expressa dessa maneira particular.

Não é fácil ter esse novo olhar, porque vai contra nossa cultura, que tende a corrigir as coisas mudando algum aspecto externo.

E, como essa correção nunca é suficiente, costumamos atribuir a culpa, mais uma vez, à incompatibilidade de personalidades ou a não termos encontrado a pessoa certa.

O paradoxo do amor...

(A propósito, se você gostar, talvez esse possa ser o título do livro.)

Lau

Não quis reler o que tinha escrito porque sabia que se tratava tanto dela mesma quanto de seus pacientes, e expor essa situação a deixava muito vulnerável. Como dizia Nancy, talvez ela mesma tenha cancelado seu projeto de ter um relacionamento para tentar resolver esse paradoxo, e talvez tenha se enganado.

Apesar de sua inquietação, Laura reconheceu que estava aliviada por ter expressado por escrito sua experiência pessoal. Queria saber o que Fredy diria depois de ler sua mensagem. Tinha poucas dúvidas de que o colega iria perceber claramente o que era pessoal em sua teoria. Porém Fredy era tão distraído que ninguém sabia quando isso iria acontecer.

Ela se surpreendeu consigo mesma quando, no dia seguinte, sem motivo aparente, abriu seu e-mail buscando a resposta de trebor. E

178

se surpreendeu ainda mais com sua frustração por não encontrá-la. Não era comum que Laura ficasse esperando o que quer que fosse, muito menos uma resposta.

O espanto foi se transformando em chateação. A expectativa deu lugar à ansiedade, e a frustração tornou-se irritação.

Depois de uma semana, apenas uma mensagem havia chegado à sua caixa de entrada: um convite para o novo congresso da Association for the Advancement of Gestalt Therapy - AAGT (Associação para o desenvolvimento da terapia gestáltica).

Talvez Fredy aceitasse ir de novo com ela. Pensou que gostaria de passar mais tempo com aquele homem com quem tanto se zangava, mas a quem admirava em muitos aspectos.

"Calma, Laura!", advertiu-a uma voz interior que ela suspeitava ser de sua mãe. Mas, mesmo que tivesse sido sua mãe, dessa vez Laura não podia obedecer.

Ela sentia a excitação. Sem dúvida, aquela ansiedade era algo mais do que parecia...

Talvez fosse melhor telefonar para ele e simplesmente lhe pedir que lesse e respondesse sua mensagem. Apesar de nunca ter ligado para ele, tinha anotados em sua agenda todos os números que Fredy lhe passara em Cleveland. Por que não?

Pegou a agenda, encontrou o número e discou. O telefone já chamava quando se lembrou de que Fredy tinha lhe dito que não estaria na cidade até a segunda-feira seguinte.

Desligou sem esperar que a secretária eletrônica atendesse.

Quatro longos dias se passaram até a mensagem de trebor@hotmail.com chegar.

Laura,

Fico feliz em saber que alguma coisa do que escrevi tenha lhe servido pessoalmente. Acredite ou não, essa frase representou

179

um grande elogio para mim. Por valorizar tanto seus conhecimentos e sua experiência, me sinto como se Pavarotti tivesse me escutado cantar no chuveiro, ou quase.

E você? Como vai?

Pensei que tivesse resolvido seus problemas melhor do que ninguém, mas após ler seu último e-mail percebi que, como todos os terapeutas do mundo, você é muito mais hábil com os conflitos alheios. Que sorte! Nunca mais me sentirei sozinho nessas situações de impotência que até hoje me faziam duvidar da minha capacidade profissional.

Encorajado por sua atitude, me atrevo a mais...

Estou certo de que é um golpe baixo você "se retirar do mercado". Algumas dezenas de homens que conheço matariam a própria mãe para encontrar uma mulher como você.

Não estou disposto a aceitar que você não se interesse por nenhum deles nem a admitir que algum seja suficiente para você.

Minha proposta é: EXPLORAR.

Deixe o próximo homem que aparecer em sua vida se aproximar e se permita ver o que acontece. Quem sabe? Talvez...

Peço desculpas se meu conselho não está à altura de terapeutas como nós, mas tenho a sensação de que às vezes a simplicidade traz as melhores soluções.

Tenho mais duas coisas a dizer. Eu estive pensando no título do livro. Reli o que você escreveu sobre paradoxos e me lembrei de uma passagem de um livro de Marguerite Yourcenar. Não recordo das palavras exatas, mas diz mais ou menos assim:

Amar-te de olhos fechados é amar-te cegamente. Amar-te olhando-te de frente seria uma loucura... Quisera eu que me amassem com loucura.

180

E, pensando nessa ideia e na mensagem de nosso livro, pensei em lhe propor o seguinte título: Amar de olhos abertos. Pense nisso. Acho que tem muito a ver conosco...

E, por fim, algo que não tem nada a ver com o que eu disse até agora. Ou talvez tenha.

Você se lembra do meu amigo e ex-paciente Roberto? Sim, o do conto de Egroj. Pois bem, acontece que falei sobre seus comentários e ele ficou fascinado (mais do que eu) com sua clareza e inteligência. E imediatamente me disse que queria se consultar com você sobre alguns aspectos de seu relacionamento. Você poderia atendê-lo mesmo que por apenas algumas sessões para orientá-lo?

Não quero que lhe ofereça nada. Apenas queria que o atendesse como um paciente qualquer, que cobre seus honorários e depois, se quiser, me dê sua opinião sobre o

caso.

Se sua resposta for positiva, como espero, me diga para que número ele deve ligar para falar com você.

Agradeço antecipadamente, Fredy

Em seguida Laura escreveu uma mensagem curta. Tinha adorado o título inspirado em Marguerite Yourcenar, porque em uma única frase sintetizava muito do que eles queriam transmitir. Sem dúvida, poderia marcar algumas sessões com Roberto e mandou seu endereço, seus telefones e seus horários no consultório.

Sua mensagem não dizia uma só palavra sobre qualquer outra coisa. Laura sabia, embora não tivesse mencionado, que o convite de Fredy para "continuar tentando" a mobilizara e que aquilo a manteria ocupada por um bom tempo.

181

Capítulo 14

- Alô. É Laura? - disse uma voz agradável ao telefone, na segunda-feira logo pela manhã.

- Sim - respondeu ela.

- Eu sou o paciente sobre quem o Dr. Daey falou com você.

- Ah, sim. Como vai, Roberto?

- Como é bom saber que você se lembra do meu nome...

Por um momento, Laura não soube o que dizer. A resposta era muito íntima para uma pessoa desconhecida. Talvez ela tivesse agido mal ao chamá-lo pelo nome. Ou talvez estivesse perseguindo a si mesma e Roberto estivesse de fato surpreso e se sentisse verdadeiramente agradecido por não ter sido atendido por uma fria secretária eletrônica.

Laura se lembrou da primeira vez que ousara entrar em contato com um terapeuta: depois de vários dias reunindo forças, fez a ligação e uma voz metálica respondeu:

"Este é o consultório da Dra. H. Não podemos atender a sua ligação. Após o sinal deixe seu nome e número de telefone. Retornaremos assim que possível."

"Após o sinal..." havia desligado o telefone e desistido da consulta com a Dra. H.

- Alô, Laura - continuou Roberto. - Você está aí?

- Sim, Roberto, me desculpe. Como posso ajudá-lo?

- Bem, fui recomendado por Fredy, quero dizer, Dr. Daey. Gostaria de marcar uma consulta.

- Deixe eu ver... - disse Laura, enquanto abria a agenda. - Vocês poderiam vir na quinta-feira às... 18 horas?

182

Houve um silêncio na linha e, após alguns segundos, a ligação caiu.

Alô? - tentou Laura, sabendo que seria inútil. - Alô? Alô!

Apertou o botão cinza do telefone sem fio, e com o aparelho na mão foi até a cozinha fazer um chá. Enquanto bebia, observou com surpresa que tinha ficado à espera da ligação. Era estranho o paciente não ter ligado novamente em seguida e isso a perturbou.

Durante a manhã, pegou o aparelho duas vezes para se certificar de que não havia nenhum defeito.

- Ele já vai ligar - disse para encerrar a questão interiormente.

Durante o restante do dia não se lembrou do ocorrido, mas, à noite, voltando para casa em seu carro, pensou que devia escrever para Fredy contando a tentativa frustrada de seu paciente de marcar uma consulta.

Ainda bem que não fez isso, porque na terça-feira, por volta do meio-dia, o telefone tocou.

-Alô.

- Posso falar com Laura, por favor? - disse Roberto.

Olá, Roberto - respondeu Laura com uma alegria sincera, reconhecendo a voz. - O que aconteceu ontem?

- Nada, a ligação caiu e não pude retornar durante todo o dia. Peço desculpas.

- Tudo bem.

Quando a ligação caiu, estava lhe dizendo que Cristina e eu queríamos marcar uma consulta.

- Sim. E eu ofereci a quinta-feira às 18 horas. Está bom para os dois?

- Tenho certeza que sim.

Bem, nos vemos depois de amanhã no consultório. Você tem o endereço, certo?

- Sim, obrigado.

183

- Até quinta-feira, então - despediu-se Laura.

Até quinta-feira - disse Roberto.

Em muitos aspectos, Cristina e Roberto formavam um casal um pouco "estranho", como diria sua mãe, mas, de toda forma, um casal. Na quinta-feira chegaram pontualmente, e a sessão durou quase duas horas. No final da sessão, Laura sentia que a relação entre eles estava terminada havia muito tempo e que a única coisa que os mantinha juntos era a lembrança, o hábito ou algo que ela não sabia o quê. Não era a primeira vez que recebia um casal que claramente estava morto e no fundo só a consultava para poder se separar.

O que foi dito na sessão não era muito diferente do que acontecera em outras tantas consultas anteriores. No entanto, Laura tivera uma sensação diferente.

Tão diferente que, na sexta-feira, decidiu tirar uma folga para ver Nancy e lhe contar tudo.

- É estranho - começou Laura. - Durante toda a sessão tive a impressão de que ela não existia para ele. O sujeito falava quase exclusivamente comigo, diria até que nem sequer olhava para Cristina.

- Talvez ele não tenha mais nenhum interesse nela - arriscou Nancy.

- Pode ser, mas então... Por que ligou para marcar uma sessão de casal? Por que pediu ao Fredy meu telefone? Por que aceitou outra data para voltarmos a nos ver? As coisas não se encaixam.

Olhe - começou Nancy, muito segura. - Segundo minha experiência, às vezes os homens aceitam essas consultas para agradar às parceiras, mesmo que seja apenas para provar que não há nada a fazer. Vai ver o pobre coitado está sendo pressionado pela garota e está empenhado a mostrar que fez tudo o que era possível, "até ver uma terapeuta". É um clássico.

- Mas acho que não é esse o caso. Primeiro, porque Cristina não parece o tipo de garota que força situações como essa. Minha intuição diz que é ela quem está tentando agradá-lo. Em segundo lugar, porque eles estavam separados. Pelo que me contaram, ele a chamou para vir à consulta. Não, não é isso.

- Bem, vamos seguir sua intuição - sugeriu Nancy. - Ela foi ao consultório para agradar a ele. E ele? Por que foi?

- Isso é o que eu não sei, e certamente é o que mais me intriga.

Humm...

- Que foi? - perguntou Laura.

Acho que se ele não foi por causa de sua parceira e, considerando que no consultório havia apenas mais duas pessoas, só restam duas possibilidades... Ou Roberto foi por ele mesmo... ou por você.

- Por mim? - Laura repassou mentalmente a sessão do dia anterior. - Agora me lembro, uma das coisas que anotei no relatório da sessão foi que em muitos momentos senti que ele tentava me seduzir com seus comentários e conhecimentos prévios.

- Talvez tenha sido isso - acrescentou Nancy.

- Eu interpretei como se fosse um desses comportamentos habituais em muitos pacientes, tentando ganhar a simpatia do terapeuta para conseguir que depois se ponha ao seu lado quando tratarem dos problemas do casal.

- Pode ser. O diagnóstico será dado pelo seu próprio testemunho. Você se sentiu seduzida ou manipulada?

- Não sei - respondeu Laura. - Você sabe que estou em um momento delicado. Tenho medo de me enganar completamente ao enxergar nessa consulta o que, de alguma forma, estou esperando que aconteça na vida real.

- Espere um momento. A psicanalista aqui sou eu. Esse não é o paciente que escreveu aquele conto do príncipe e que ficou encantado com o seu comentário e depois pediu o número do seu telefone, segundo o que me contou?

Laura balançou a cabeça e disse:

- Sabe o que estou pensando? Quando ele me ligou para marcar

185

uma consulta, eu propus uma data e lhe perguntei, como sempre faço, se poderiam vir. Agora percebo que, depois de um silêncio estranho, supostamente a ligação caiu e Roberto só retornou no dia seguinte...

- Bem... Está tudo claro. Ele pensava em ir sozinho à consulta e sua pergunta o pegou de surpresa. O que aconteceu depois é lógico: ligou para Cristina e pediu que ela o acompanhasse em uma sessão de terapia de casais.

Nancy estendeu a mão para pegar um croissant e, antes de levá-lo à boca, satisfeita com sua dedução, acrescentou em tom de sentença:

- Garanto que Roberto foi por você e não por Cristina.

- Você acha? Veja bem... - disse Laura, e começou a olhar pela janela do bar.

Laura nunca teria percebido que estava sorrindo se Nancy não lhe tivesse feito notar.

Na manhã de sábado, sentou-se na frente do computador. Sentia a urgência de escrever.

Querido Fredy

Gostaria de refletir sobre como as pessoas inventam histórias e acreditam nelas.

Não lhe parece impressionante que alguém se una ou se separe, sofra ou se afaste diversas vezes e não saiba exatamente por quê?

"Os homens não servem para nada", "preciso de um homem forte e sempre encontro fracos", "já estou velha demais para isso", "ninguém vai me querer como sou", "os homens só querem ir para a cama e depois desaparecem", "a única coisa que as mulheres querem é alguém que as sustente", "eu jamais teria nada com uma pessoa assim", etc.

186

Cada um tem uma série de condicionamentos neuróticos que tenta encaixar em sua relação com os demais. As histórias que cada um inventa para si não seriam tão graves se não se tornassem profecias que se realizam.

Por exemplo, uma mulher que teme ser abandonada cada vez que sente seu companheiro se afastar um pouco o censura: "Está vendo como você não me ama, como sempre me deixa sozinha?"

Se o homem estava querendo uma distância pequena e momentânea, essa censura reforça a atitude dele de se distanciar até que se sinta oprimido e acabe a deixando.

Assim, ela confirma sua teoria de que os homens sempre a abandonam, de que não pode confiar neles.

Nessas situações, é importante tomar consciência daquilo que fazemos para repetir a história. Esse é o primeiro passo para deixar de agir assim.

Nos casais, os roteiros de cada integrante se apoderam da relação e influenciam a percepção que um tem do outro. Cada um atribui a seu companheiro um papel na história e assim se cria uma realidade distorcida.

As pessoas estabelecem suas relações com uma ideia do que vai acontecer e se comportam como se isso fosse uma realidade, até que conseguem que se torne.

Atendi o casal que você encaminhou para mim, Roberto e Cristina. Cada um veio, como sempre vêm os casais, com suas crenças pessoais: ela com a ideia de que, em um bom relacionamento, o outro deve ser a prioridade, e ele com a convicção de que os problemas da relação se devem às diferenças, "porque num relacionamento o importante é coincidir".

É preciso ajudar as pessoas a escapar do mito segundo o qual, se nos amamos, temos que concordar em tudo. Não é assim: amar não significa pensar igual, nem amar o outro mais do que a si

mesmo. A questão é "amar de olhos abertos", como o título do nosso livro.

Quando um casal consegue isso, não é tão difícil chegar a um acordo porque já existe um acordo essencial: eu aceito você tal como é, e você me aceita tal como sou.

Deveríamos insistir em como é maravilhoso sentir-se aceito tal como se é, porque a aceitação nos dá a sensação de liberdade: é como um motor que permite que nos soltemos. É importante trabalhar para aceitar nosso companheiro tal como ele é, vendo-o em sua totalidade, descobrindo a forma como ele funciona e respeitando seu jeito de ser.

Quando um dos membros de um casal diz "Gostaria que você fosse mais assim e menos desse jeito", não percebe que, se o outro realmente mudasse, alteraria todo o sistema. Além disso, ninguém poderia garantir que a pessoa que pede a mudança continuasse sentindo que o outro a ama, porque a mudança o teria transformado em outra pessoa.

Sabemos que amamos o outro como ele é: não podemos saber se o amaríamos se fosse de outra maneira.

As pessoas são um pacote completo e amar é aceitar o outro como um pacote único, amando-o tal como é, sem tentar modificá-lo. Em suma, tudo é um desafio... Um desafio que começa por si mesmo.

"Aceitar" começa com "aceitar-me".

"Aceitar", repetirei até a exaustão, não significa se resignar ou acreditar que não é possível melhorar. Pelo contrário: estamos convencidos de que esse movimento de aceitação e paz - e nada mais - é o que gera a verdadeira mudança.

Tudo muda naturalmente. Se percebo isso, me entrego sem medo, porque sei que não vou ficar parado, que a vida flui constantemente. Embora pareça contraditório, querer mudar é frear o processo natural de mudança. Em contrapartida, aceitar é permitir a mudança natural que vai acontecer sem que eu interfira.

Estar vivo é estar em constante movimento: o que não posso fazer é querer direcionar essa mudança.

Se juntarmos essas duas questões (a falta de aceitação e o apego às nossas crenças), teremos o mapa dos problemas de mais de 90% dos casais.

Entramos numa relação a dois cheios de ideias sobre como deve ser o vínculo, como uma mulher e um homem devem se comportar, como deve agir alguém que nos ame, o que é compartilhar e o que não é, com que frequência e como se deve fazer amor, se devemos fazer tudo juntos ou não, etc.

E nem em um casal nem em um indivíduo há uma lei que determine o que é melhor. O melhor é sempre ser você mesmo.

É verdade que é possível evoluirmos e nos superarmos, mas só quando nos aceitamos como somos, aqui e agora. Nana Schnake diz: "Ninguém pode construir uma ponte sobre um rio que não tenha visto."

A ideia de nos aceitarmos não significa abrir mão de evoluir, mas sim nos vermos como somos, não nos zangarmos com o que nos acontece, termos uma atitude amorosa e estabelecermos um vínculo reparador com nós mesmos, e é isso que nos ajuda a crescer.

Se continuarmos nos torturando, exigindo que sejamos o que não somos, certamente vamos acabar atribuindo a causa do nosso descontentamento a alguém. Primeiro esse lugar é ocupado pelos pais. Mas depois, à medida que crescemos, desviamos a acusação para nosso parceiro: "Ele é culpado por eu não ter me desenvolvido profissionalmente, por eu não me divertir, por eu não ganhar dinheiro, por eu não ser feliz."

O trabalho começa em si mesmo.

189

Aceitar quem somos é viver confortável e relaxadamente com nós mesmos.

Beijos,

Laura

P.S.: Quando você volta? Preciso ver você.

Laura terminou de escrever o longo e-mail e só então clicou sobre o botão "Para" a fim de selecionar o destinatário. Quando a lista de contatos apareceu, automaticamente digitou Alfredo Daey no campo "Localizar", em seguida clicou novamente em "Para" e depois em "Ok".

No campo "Assunto" da janela do e-mail escreveu: Crenças. E enviou.

A confirmação apareceu na tela.

Sua mensagem foi enviada para Alfredo Daey em: rofrago@yahoo.com

Estava prestes a desligar o computador quando se deu conta de seu erro. Abriu a pasta "Itens enviados", clicou em Crenças e, quando a mensagem apareceu na tela, correu a página até a última linha e acrescentou:

P.S.: Acabo de enviar esta mensagem para seu e-mail antigo. Ficaré ali aguardando seu retorno. Enquanto isso, a encaminho para trebor. Mais beijos. Laura

Deveria ter falado mais sobre sua entrevista com Roberto e

Cristina? Possivelmente. No entanto, se sentia muito confusa naquele momento. A conversa com a amiga a tinha deixado ainda mais agitada. E se Nancy tivesse razão?

190

Laura carregava um estandarte que ostentava com orgulho: nunca se envolvera com um paciente.

Além disso, como ela mesma havia escrito, devia se aceitar, não brigar com seus pensamentos, sentimentos ou experiências.

Mas, naquele momento, "se aceitar" implicava admitir que o comportamento sedutor de Roberto, a conversa com Nancy e a mensagem de Fredy a incentivando a explorar haviam instilado nela uma série de fantasias que não tinha nos últimos tempos.

Não podia negar o que sua profissão a impedia de desconhecer: que a confusão conduz sempre à certeza quando alguém se permite estar confuso por um tempo. Não seria fácil, portanto, enganar a si mesma.

Por mais incômodo que fosse, teria que esperar.

A mensagem de Fredy respondia a algumas das suas preocupações.

Cara Laura,

É importante encontrar um equilíbrio entre a contenção e a expressão das emoções.

Creio que tudo o que dissemos é muito bom para as pessoas que têm dificuldades de se expressar, mas não devemos nos esquecer que também há aquelas que têm o problema oposto, que não são capazes de guardar o que sentem. Este ponto é muito interessante, pois muitas pessoas acostumadas a ler sobre gestalt se permitem dizer qualquer coisa que sentem e acreditam que, se sentem algo, têm que expressá-lo.

Definitivamente não concordo, sobretudo quando essas pessoas dizem barbaridades e, em seguida, argumentam: "Ah! Sou muito sincero e quando sinto alguma coisa, logo digo." Não é assim.

Não duvido que termos consciência do que sentimos, não nos enganarmos com nossos pensamentos e percebermos o que nos acontece

191

são atitudes essenciais. Isto é saudável: "De agora em diante vou ver o que faço com o que me acontece."

No entanto, às vezes é muito importante aprender a guardar os sentimentos.

Deveríamos ser capazes de reter o que acontece conosco até o momento oportuno para expressá-lo e procurar a forma adequada para que o outro possa receber nosso coração aberto.

Vejamos o caso do nosso paciente Roberto. Ele ficou fascinado com a sua consulta. Um dia depois de vê-la, me escreveu uma carta contando o encontro e agradecendo

a recomendação.

Então me disse (vou contar de um profissional para outro) que, cinco minutos depois de entrar no consultório, senti que estava apaixonado por você antes de conhecê-la.

Disse que teve vontade de pedir a Cristina que saísse para que ele pudesse usar aquele tempo falando sobre coisas dele ou sobre as suas, mas não sobre as dele e de Cristina (e a verdade é que não me pareceu um caso óbvio de transferência positiva...).

Sabidamente, acho, Roberto decidiu controlar o impulso e deixar de lado aquela emoção sem necessidade de transformá-la em uma ação impulsiva.

Acho que não se trata de uma verborragia irresponsável: isso não ajudaria em nada. É fascinante o trabalho de explorar nosso interior navegando pelas emoções até ver o que acontece no fundo, em vez de acreditarmos em uma primeira emoção que pode

esconder outras.

É tudo uma questão de emoções. Não confio em quem considera as emoções um determinante absoluto de suas atitudes. É preciso muita bagagem para saber o que uma pessoa sente de verdade, e só então decidir se é ou não o momento de demonstrar isso, seja falando ou agindo.

As pessoas muitas vezes não percebem o que lhes acontece... Como pretender que sejam razoáveis ao expressar seus sentimentos?

192

Para terminar, confesso que às vezes, quando as pessoas dizem coisas estúpidas como "Eu te quero, mas não te amo", "Ele morreu para mim" ou "Eu gosto dele como pessoa", fico me perguntando o que querem dizer.

Fredy

P.S.: E por falar em atenção, não mande mais nenhuma mensagem para o e-mail anterior. Nunca lhe perdoaria se perdesse algum dos seus e-mails.

A partir do parágrafo sobre as confissões de Roberto, Laura tinha apressado a leitura. Lia a mensagem, mas, ao mesmo tempo, corria os olhos pelo texto para ver se havia outra menção a Roberto. Assim que leu a assinatura de Fredy, voltou àquela parte e a releu freneticamente umas seis vezes. Quase sem pausa e com o parágrafo na tela, pegou o telefone para deixar um recado na secretária eletrônica da amiga.

- Nancy, você estava certa!

193

Capítulo 15

Laura abriu o armário, escolheu uma blusa e a colocou diante do espelho com um cuidado especial. Percebeu que estava se arrumando um pouco mais que de costume e se permitiu fazê-lo.

A ligação havia sido atípica: Roberto pedira um horário para uma consulta individual. Argumentava que, dada a situação, não fazia sentido continuar marcando sessões com Cristina sem que eles tivessem conversado sozinhos pelo menos uma vez.

Fiel à sua ética profissional, Laura perguntou se Cristina sabia de sua proposta. Roberto garantiu que Cristina sabia e estava de acordo. Na verdade, acrescentou, Cristina nunca concordou realmente nem com a primeira consulta.

Às três da tarde, Laura voltou a abrir a porta de seu consultório e convidou-o a se sentar.

- Um chá? - perguntou.

- Sim, obrigado - respondeu Roberto.

Ao entregar a xícara a ele, Laura descobriu que Roberto tinha belos olhos castanhos e lamentou não ter percebido isso antes.

- Acho que vim à consulta anterior com uma desculpa - começou Roberto. - Quero dizer, parece que já sei há muito tempo que meu relacionamento com Cristina não daria certo.

- E então?

- Como Fredy sempre diz, às vezes é difícil para mim perceber que a verdade é a única possibilidade. Invento realidades alternativas que conduzem a situações inúteis. Vim porque acho que você poderia me ajudar com algumas questões que não estão totalmente resolvidas.

194

- Pressuponho que é para isso que serve sua terapia com Fredy.

Fredy é meu amigo, embora muitas vezes me ajude a enxergar o que não consigo ver sozinho. O fato é que, desde que ouvi o que você escreveu sobre meu conto de Egroj, fiquei com a ideia fixa de conhecê-la. Naquele momento não sabia se queria começar uma terapia ou conversar com você na mesa de um café, mas não queria deixar de me dar essa oportunidade. Então liguei para marcar uma consulta e, quando você me perguntou se quinta-feira era um bom dia para "vocês", percebi que esperava encontrar um casal. Então achei que seria uma boa ideia convidar Cristina, porque poderia resolver dois problemas de uma só vez: conhecer você e definir minha situação com ela. Isso é tudo.

- E agora?

- Agora li algumas coisas que você escreveu para o livro...

Como assim? - interrompeu Laura.

- Pedi que Fredy me mostrasse algumas das coisas que você e ele têm escrito e, à medida que as lia, compreendia que você é a pessoa com quem quero continuar crescendo.

A consulta se estendeu muito além dos 60 minutos previstos. Laura achou Roberto um homem muito interessante, inteligente, sensível, criativo, doce e sedutor.

Eles falaram sobre o trabalho dos dois, sobre relacionamentos, sobre amor, sobre a morte do romantismo, sobre sexo e sobre as arquetípicas diferenças culturais entre homens e mulheres.

Em quase nenhum momento Laura se sentiu no papel de terapeuta. Em todo caso, algumas vezes se sentia como uma professora com a experiência do caminho explorado.

O restante do tempo, simplesmente se sentiu como uma mulher diante de um homem que relatava suas experiências e defendia posições tão diferentes quanto encantadoras.

Às 17hs o telefone do consultório tocou e Laura falou durante

195

cerca de três minutos com uma paciente. Assim que pôs o telefone no gancho, aproximou-se de onde estava Roberto.

- Bem - disse-lhe sem se sentar -, creio que por hoje é o suficiente.

- Cinco e quinze! - exclamou ele, olhando o relógio e se levantando. - Quanto lhe devo?

Nada - disse Laura.

- Não, por favor, é o seu trabalho - insistiu Roberto.

- Isso não foi trabalho - disse Laura honestamente.

- Gostei muito da nossa conversa - disse Roberto.

Eu também - confirmou Laura.

Roberto esperou chegar à porta para fazer a pergunta:

- Podemos nos encontrar de novo? Da próxima vez, gostaria de ser eu a convidá-la para tomar um chá.

Laura sentiu-se invadida, ainda que de algum modo esperasse aquele comentário. Não sabia se aceitava o convite porque queria ou para reafirmar as sensações que a tomavam. Laura aprendera que, quando não sabia o que dizer, devia dizer simplesmente:

- Eu não sei... - respondeu, abrindo a porta.

Eles se despediram com um beijo no rosto e, quando Roberto levantou a mão num último aceno, Laura acrescentou:

Ligue para mim.

Naquela noite, ao chegar em casa, Laura ligou o computador e escreveu:

Fredy,

Certa vez concordamos em que um dos objetivos do livro seria desmitificar o amor, o casal, o sexo; pôr tudo no lugar que ocupa para nós, sem tantas ideias preconcebidas nem exigências, de forma um pouco mais suave, mais realista.

196

Acredito que, num primeiro momento, essa posição seja inquietante, mas não duvido que depois seja muito relaxante.

O amor romântico morreu. Teríamos que determinar o que queremos dizer quando falamos de amor nos dias de hoje. Acho que é uma questão importante que o livro deverá enfrentar. Você diz: "Amar é me importar com alguém. Se me importo, significa que amo essa pessoa e, se já não me importo, é porque já não a amo mais."

No entanto, acho que o amor continua envolvendo uma sensação física. Não sei como definir isso. É algo que acontece comigo com relação a todas as pessoas que amo.

Nos momentos mais intensos é como se meu peito se abrisse, e nos momentos cotidianos é como um bem-estar físico. Sinto isso com meus amigos, com minha família, com meu ex-marido e até mesmo com alguns pacientes. Fico feliz por vê-los ou falar com eles. Mas não sinto isso com todas as pessoas, só com algumas. Evidentemente, isso não contradiz a sua opinião: me importo com as pessoas, porém para mim há mais do que isso.

Há pessoas que me preenchem até a alma. Quando me despeço de Estela, que mora em Córdoba, ou de Nana, quando ela viaja para o Chile, sinto uma dor no peito que não acontece quando me afasto de outras pessoas.

Não gosto dessa definição porque não é nada clara, mas não encontro outra maneira de explicar o que sinto.

Amar tem a ver com a decisão de deixar o outro entrar, baixar a guarda, abandonar minha desconfiança, ousar deixar de lado minhas ideias rígidas em prol dele e tomar a decisão de descobrir como ele é, como age e como pensa, sem tentar fazer com que pense e aja como eu. Tem a ver com não tentar me forçar a ser como acredito que ele gostaria que eu fosse.

Creio que o amor é algo que vai acontecendo. Mas, para chegar a isso, temos que nos livrar dos preconceitos que nos

197

impedem de amar, e um desses preconceitos é a nossa definição cultural de "casal".

O que é um casal? O que faz com que duas pessoas sejam um casal? Você sempre cita o projeto em comum. Eu nunca teria pensado nisso: acho que são outras coisas, mas ouço o que você diz.

O prazer de estarmos juntos: essa seria outra definição.

Obviamente, se aprecio apenas sua beleza, seu poder aquisitivo ou quanto me ama, não poderei me conectar com o que me acontece quando estou com ele.

Eu poderia dizer que, quando sentimos prazer por estar com outra pessoa, tendemos a optar por compartilhar mais coisas com ela, e essa é uma decisão interna. Não tem a ver com a pessoa com quem se vive nem sequer é voluntário. Na verdade é algo que ACONTECE quando nos sentimos unidos ao outro de maneira diferente. É um compromisso interno e especial que sentimos quando ambos estão presentes.

O que é presença? Viver o aqui e agora talvez seja a parte mais importante desse desafio. É necessário aceitar, sem falsa modéstia, que o que torna o presente tão especial e tão diferente do passado e do futuro é, sem dúvida, a minha presença. Isso realmente está acontecendo, está disponível e eu o estou vivenciando.

Viver no aqui e agora, a "percepção constante" (como explicava Fritz Perls), é uma técnica, um método, e incorporá-lo à nossa vida diária é como aprender a andar de bicicleta: a princípio são necessárias algumas rodinhas para não cair; é preciso manter o equilíbrio, o que é muito difícil. Mas, com a prática, automatizamos esse aprendizado e, de forma inexplicável, esse andar flui sem que tenhamos que nos preocupar com o equilíbrio.

Em nossa proposta, este fluir (que se pode aprender e automatizar) é a presença.

198

O trabalho psicológico que fazemos está, assim, a serviço do desenvolvimento espiritual.

Esse eu rigidamente estruturado é que nos impede de acessar nosso verdadeiro ser, e por ele nossa desestruturação pessoal pode se tornar um veículo para a descoberta do absoluto; no entanto, o principal obstáculo será sempre não saber estarmos presentes em nós mesmos.

Como estar presente nos lugares onde não se quer estar? Como estar presente em locais de onde só se quer fugir?

Esses lugares que detestamos são aqueles nos quais nunca aprendemos a estar, situações que ninguém nos ensinou a enfrentar, de forma que aprendemos a fugir delas.

Temos que desenvolver a capacidade de voltar a estar ali.

Acreditamos que é impossível estar em lugares dolorosos e, consequentemente, acreditamos que a única saída é reagir: nos tornarmos introvertidos, atacar, culpar ou escapar.

Depois de termos vivido muitos anos com essa atitude, aqueles lugares ficaram abandonados. Por causa desse vazio de presença, fica, internamente, um buraco negro, um pedaço que falta.

As histórias que inventamos partem da ideia de que, se entramos em nosso sofrimento, nunca vamos sair dele. Se nos rendemos à tristeza, ficaremos presos a ela. É perigoso voltar a esse lugar: nós o imaginamos coberto de trevas, quando na verdade a única coisa que lá existe é a falta de presença.

Por isso temos que aprender como estarmos ali, que é o ponto de partida para nos curarmos.

Se pudermos estar presentes nessa dor, onde nunca estivemos, começaremos a encontrar nossa força. E então, novamente, o encontro com o outro será possível no encontro com nós mesmos. Estaremos presentes os dois. É disso que se trata.

Um dos problemas de nossa atitude desmitificadora é que ela vai contra toda a tradição cultural, baseada no fato de que o casamento resolve tudo. Todas as histórias de amor terminam com um final feliz: "Eles se casaram e viveram felizes para sempre..." Despertemos os incautos: o relacionamento não é isso.

O casal é um caminho novo, um desafio.

Nada termina quando ele se forma. Pelo contrário: é aí que tudo começa. Exceto uma coisa: a fantasia de uma vida ideal sem problemas.

É difícil deixar de lado nossas fantasias sobre o que poderia ser. É uma renúncia importante. Esse parceiro ideal com que sonhei desde pequena morre com o casamento, o que causa uma grande dor. Certamente, quando me dou conta de que não é assim, começo a odiar o culpado.

Devemos aprender que sou eu que tenho que resolver minha vida: descobrir aquilo de que gosto, como vou me manter, como quero me divertir, que sentido quero dar à minha vida.

Todas essas questões fundamentais são pessoais: ninguém pode resolvê-las para mim. O que posso esperar de meu parceiro é que ele seja meu companheiro na jornada, na vida, alguém que me fortaleça e a quem eu fortaleça com minha presença. Mas, acima de tudo, que não interfira no caminho.

Isso é o suficiente.

O pior de nossas crenças aprendidas e repetidas de pai para filho é que se supõe que estamos em busca de nossa outra metade. Por que não tentar encontrar o outro inteiro, em vez de se conformar com alguém partido ao meio?

O amor que propomos se constrói entre seres inteiros que se encontram, não entre duas metades que precisam uma da outra para que se sintam completas.

Quando preciso do outro para sobreviver, a relação se torna dependência. E, quando se é dependente, não se pode escolher.

E sem escolha não existe liberdade.

E sem liberdade não existe amor verdadeiro.

E sem amor verdadeiro poderá até existir casamento, mas nunca um casal.

Amo você,

Laura

Laura releu a mensagem e se recostou, satisfeita.

Quando clicou no botão "Enviar e Receber", surgiu em sua caixa de entrada uma mensagem longa, com o assunto "Olá, Laura", cujo remetente era amarseconlosojosabiertos@nuevamente.com

Epílogo

amarseconlosojosabiertos@

Prezado Roberto,

Finalmente chegou a hora de nos conhecermos. Durante esses dois anos, estivemos bastante próximos e em contato, e ainda assim sabemos muito pouco um do outro.

Comecei a suspeitar de sua existência quando recebi a segunda mensagem do Dr. Farias (presidente da Intermedical, lembra?). A princípio, não entendi seu pedido de desculpas e fiquei surpreso ao ver o histórico da mensagem que supostamente eu tinha enviado para ele, lhe dando um fora. Levei três meses pensando no que poderia ter acontecido e até hoje, tendo confirmado os fatos, tudo ainda me parece inacreditável.

Registrei o e-mail rofrago há dois anos. Era a combinação dos nomes de meus filhos: Romina, Francis e Gonzalo. Fiquei surpreso, como suponho que você também tenha

ficado, com a quantidade de mensagens que chegavam à minha caixa de entrada por engano e, embora nunca tenha respondido a nenhuma, admito ter apagado algumas para liberar espaço no servidor.

De qualquer forma, não vou usar esta mensagem para discutir se os recursos da internet são confiáveis ou passíveis de falhas. Gostaria de ser breve e de não perder de vista o objetivo desta mensagem, ainda que isso requeira certa explicação prévia.

Como imagino que você já saiba, Laura e eu nos conhecemos há muitos anos, nos encontramos em congressos ou em atividades da associação. Eu lia e apreciava seus artigos e suas conferências sobre casais, e ela, segundo me disse, tinha gostado de um livro meu.

Por acaso ou nem tanto, fizemos juntos uma apresentação no Congresso Mundial da AAGT em Cleveland, nos Estados Unidos. Foi então que tive a ideia de escrevermos juntos um livro sobre casais. Fazia muito tempo que eu estudava o assunto, mas contar com a clareza e a experiência de Laura era francamente tentador.

Depois de nos encontrarmos várias vezes, percebemos que os compromissos e as atividades de cada um não permitiam que nos reuníssemos com frequência. Então, decidimos trabalhar usando o e-mail. A ideia, como sabe, era trocarmos informações para depois dar forma ao livro.

Laura concordava comigo em que escrever um livro como tantos outros sobre o assunto era irrelevante e dispensável. Tínhamos que encontrar uma estrutura diferente.

Quando as mensagens começaram a ir e vir, pensei que poderíamos editá-lo em forma de troca de e-mails entre dois terapeutas que compartilham ideias sobre terapia de casais e casais em terapia.

O tempo passou e Laura continuou escrevendo e reclamando de minha pouca participação, mas eu estava desanimado. Nada me convencia. Eu pedia a Laura que continuasse escrevendo, mas não sabia o que fazer para tornar o livro atraente. Pelo menos para mim!

E então, como num passe de mágica, você apareceu.

A confirmação de como as coisas haviam acontecido veio quando Laura enviou por engano aquela mensagem para rofrago. Como eu disse antes, levei algumas semanas para achar coerência nos fatos, entender que você estava escrevendo para Laura em meu nome e deduzir que tinha criado trebor (parte de seu nome ao contrário) e uma mentira dupla para manter o controle de nossa correspondência.

Confesso que fiquei muito zangado. Quando mandei para Laura uma mensagem deste meu novo endereço contando de você, as fantasias jurídicas e vingativas rondavam minha cabeça...

Até que, subitamente, certa manhã acordei iluminado.

Esta era a trama do livro!

Esta era a forma! O que eu devia fazer era colocar a realidade de sua existência no meio dos conceitos da teoria psicológica de casais e criar um romance.

O único objetivo desta mensagem, meu caro Roberto, é lhe agradecer. Garanto que não há ironia nessa frase. Como sempre digo, não sou um escritor, e acho que Laura também não é. Garanto que jamais, repito, jamais, teríamos pensado em uma trama tão atraente e cativante como a suscitada por sua presença entre nós.

Como prova de nosso honesto reconhecimento, receba a dedicatória de nosso livro e este conto que escolhi pessoalmente para você.

Não sei quem o escreveu nem quem fez com que ele circulasse pela internet, mas chegou a mim como um presente do meu amigo Pancho Hunneus, do Chile.

Era uma vez, numa aldeia muito pequena, um homem que trabalhava como aguadeiro. Naquele tempo, a água não saía das torneiras. Era preciso pegá-la no fundo dos poços ou no fluxo dos rios. Se não houvesse poços perfurados perto da aldeia, quem não quisesse buscar água pessoalmente tinha que comprá-la de um dos aguadeiros que, com grandes tinas, iam e voltavam com o precioso líquido.

Certa manhã, uma das tinas rachou e começou a vazar pelo caminho. Ao chegar à aldeia, os compradores lhe pagaram as 10 moedas de costume pela tina da direita, mas apenas 5 pela outra, que chegara praticamente pela metade.

Comprar uma nova tina era muito caro para o aguadeiro. Então ele decidiu que deveria apressar o passo para compensar a diferença de dinheiro que recebia.

Durante dois anos o homem continuou a ir e vir, levando água à aldeia e recebendo suas 15 moedas como pagamento por uma tina e meia de água. Uma noite, foi acordado por um ruído em seu quarto:

Psiu... Psiu...

Quem está aí? - perguntou o homem.

- Sou eu - disse uma voz que saía da tina rachada.

- Por que está me acordando a uma hora destas?

- Imagino que se falasse com você em plena luz do dia o susto impediria que me escutasse. E preciso que me escute.

O que você quer?

- Quero pedir perdão. Não foi minha culpa a rachadura por onde a água escorre, mas sei quanto o prejudiquei. Todos os dias, quando você chega à aldeia cansado e

recebe pelo meu conteúdo metade do que recebe pelo da minha irmã, tenho vontade de chorar. Sei que deveria ter sido trocada por uma vasilha nova e, no entanto, você me mantém ao seu lado. Quero agradecer-lhe e pedir que me desculpe.

É engraçado que você me peça desculpas - disse o aguadeiro. - Amanhã, bem cedo, sairemos juntos, você e eu. Quero lhe mostrar uma coisa.

O aguadeiro dormiu até o amanhecer. Quando o sol surgiu no horizonte, pegou a tina rachada e foi com ela até o rio.

- Olhe - disse ao chegar, apontando para a cidade. - O que você vê?

A cidade disse a tina.

- E o que mais? perguntou o homem.

Não sei... O caminho - respondeu a tina.

Exatamente. Olhe para as margens do caminho. O que você vê?

Vejo terra seca e cascalho no lado direito e canteiros de flores no lado esquerdo - disse a tina, que não entendia o que seu dono queria lhe mostrar.

Por muitos anos percorri este caminho triste e solitário carregando água até a aldeia e recebendo igual a mesma quantidade de moedas por ambas as tinas... Mas um dia percebi que você tinha rachado e perdia água. Eu não podia trocá-la por uma tina nova, por isso tomei uma decisão: comprei sementes de flores de

todas as cores e as semeei em ambos os lados do caminho. A cada viagem, a água que você derramava regava o lado esquerdo do caminho e, nesses dois anos, você conseguiu criar essa diferença.

- O aguadeiro fez uma pausa e, acariciando sua querida tina, disse: - E você me pede desculpas? Que importam algumas moedas a menos se graças a você e a sua rachadura o colorido das flores alegam meu caminho? Sou eu que devo agradecer seu defeito.

Espero que você seja capaz, como acho que é, de entender por que escolhi presentear você com essa história.

E, bem, o romance está quase terminado. Falta apenas decidir o final.

Roberto e Laura deveriam finalmente se encontrar e criar um relacionamento saudável "de olhos abertos", como sugere o título que você tão adequadamente escolheu para o livro?

Ou, ao descobrir a mentira de Roberto, Laura deveria desprezá-lo, de forma que a moral da história seja como a trapaça é inadequada no amor?

Talvez haja outros finais menos clássicos. Ou talvez, como na vida, nunca saibamos como as coisas vão terminar.

Dr. Alfredo Daey [amarseconlosojosabiertos@nuevamente.com](mailto:amarseconlosojosabiertos@nuevamente.com)

PS.: Ah! Há mais uma coisa que quero lhe agradecer. Farias publicará meu trabalho de acordo com as minhas condições e sem nenhuma restrição para compensar a demora.

24 de janeiro de 2000